



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
CAMPUS VALE DO RIO MADEIRA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E HUMANIDADES



HELENE GIMA NEVES

**DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL E ESCOLHAS
PROFISSIONAIS: O OLHAR DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO
SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA**

HUMAITÁ- AM

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
CAMPUS VALE DO RIO MADEIRA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E HUMANIDADES



HELENE GIMA NEVES

**DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL E ESCOLHAS PROFISSIONAIS:
O OLHAR DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE A
PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA**

Dissertação apresentada para a Defesa ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH) do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabiana Soares Fernandes Leal.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Marlene Schüssler D’Aroz

Linha de pesquisa: Perspectivas teórico- metodológicas para o ensino de ciências humanas.

HUMAITÁ- AM
2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

N518d	<p>Neves, Helene Gima Desenvolvimento vocacional e escolhas profissionais: O olhar dos estudantes do Ensino Médio sobre a participação da Escola / Helene Gima Neves . 2024 100 f.: il.; 31 cm.</p> <p>Orientador: Fabiana Soares Fernandes Leal Coorientador: Marlene Schüssler D'Aroz Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Escolha profissional. 2. Desenvolvimento Vocacional. 3. Orientação profissional. 4. Escola. 5. Ensino Médio. I. Leal, Fabiana Soares Fernandes. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	---

HELENE GIMA NEVES

**DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL E ESCOLHAS PROFISSIONAIS:
O OLHAR DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE
PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA**

Aprovada em 25 de julho de 2024

BANCA EXAMINADORA



**Prof.^a Dr.^a Marlene Shussler D'Aroz. – UFAM (coorientadora)
Presidente da Banca Examinadora**

Documento assinado digitalmente
gov.br ROZANE ALONSO ALVES
Data: 19/11/2024 15:08:30-0300
Verifique em <https://validar.lil.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Rozane Alonso Alves-UFAM (Membro interno titular)

Documento assinado digitalmente
gov.br HUGO FERRARI CARDOSO
Data: 21/11/2024 08:40:28-0300
Verifique em <https://validar.lil.gov.br>

Prof. Dr. Hugo Ferrari Cardoso-UNESP (Membro externo titular)

Prof.^a Dr.^a Maria Isabel Alonso Alves - UFAM (Suplente interno)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades primeiramente a Deus, pela minha vida.

Quero também dedicar a toda minha família, que, em todo tempo, torceu pela minha vitória.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para esta conquista.

AGRADECIMENTOS

É com imensa alegria que agradeço a Deus, em primeiro lugar, por sempre guiar meus caminhos, pela proteção em todos os momentos da minha vida e porque até aqui me sustentou. A Ele toda minha gratidão, pela sabedoria, entendimento e oportunidade de me qualificar com a minha fé e muita oração. Eu louvo ao Senhor pela realização dessa conquista.

À minha família, minha maior riqueza, que me motiva a sempre seguir adiante. Ao meu esposo Carlos Relvas e meus filhos: Carlos Henrique, Hellen Cristina, Carlos Júnior, Carlos Gabriel e a minha netinha Maria Helena. Vocês são minha força. Momentos como esses me fazem lembrar do apoio e da paciência e de agradecer por ter cada um de vocês na minha vida.

À cidade de Humaitá-AM, local onde resido atualmente. Agradeço pelo acolhimento e aqui deixo registrada a oportunidade de fazer minha Graduação e Mestrado na Universidade Federal do Amazonas. Sou grata por ter tido esse aparato de conhecimentos. Vale ressaltar que o fazer docente é um processo contínuo de construção. Aqui, estou em constante processo de construção e reconstrução na busca por mais conhecimento, ensino e pesquisa de qualidade.

Aos meus colegas de curso, que estiveram presentes desde o início do curso nos momentos alegres e nas aflições que tivemos, mas que no final abrilhantaram nossas vidas.

Em especial, à minha orientadora, Profa. Dra. Fabiana Soares Fernandes Leal, que desde o tempo da graduação sempre me apoiou e ofereceu toda parceria, dedicação e comprometimento em acompanhar esta pesquisa. Apesar de não ter sido fácil diante dos percalços que a vida oferece, considero que suas orientações e o olhar nas nuances da pesquisa foram fundamentais para o desenvolvimento do estudo. Também gostaria de externar a minha gratidão à Profa. Dra. Marlene Schüssler D'Aroz por toda motivação, serenidade pelo grande apoio dado como minha coorientadora, e também à Profa. Dra. Maria Isabel Alonso, por me amparar nos momentos difíceis.

Gostaria de manifestar agradecimento aos Professores Doutores da Banca de Defesa: Dr. Hugo Ferrari Cardoso e Prof.^a Dr.^a Rozane Alonso Alves – UFAM, pela disponibilidade em avaliarem o meu trabalho e as contribuições dadas na qualificação que possibilitaram a ampliação da pesquisa e a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da humanidade - PPGECH que contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da mesma.

Aos estudantes e o corpo docente da escola escolhida que participaram desse processo e se dispuseram a participar da pesquisa que possibilitou o nosso desenvolvimento e crescimento profissional.

Tenho a certeza que este trabalho só foi possível porque contou com a colaboração de profissionais dispostos a me ajudar na pesquisa, não esquecendo também de agradecer ao técnico que nos deu suporte na atividade de filmagem, o Manuel Carlos. A todos que contribuíram e aos demais que, de uma forma ou de outra, me orientaram neste processo: o meu muito obrigada!

Agradeço também à Universidade Federal do Amazonas - UFAM, também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela oportunidade de aprofundamentos teóricos e realização da pesquisa de Mestrado. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado Amazonas – FAPEAM, pelo apoio dado à realização do Mestrado e todas as atividades relacionadas a ela por meio de bolsa de pesquisa.

Minha mais profunda gratidão.

RESUMO

Escolher uma profissão é um processo complexo que gera muitas incertezas, principalmente na adolescência. Esta fase do desenvolvimento coincide com a última etapa da Educação Básica, quando os estudantes precisam se manifestar por uma escolha profissional. Antes de fazer essa escolha, o jovem passa por etapas do Desenvolvimento Vocacional, processo que acompanha o ciclo vital. Nesse sentido, a orientação profissional contribui na vida do estudante como instrumento de auxílio para as escolhas profissionais. A pesquisa surgiu para aprofundar o conhecimento dessa temática no contexto amazônico e teve como objetivo analisar, sob a perspectiva do estudante, como a escola auxilia na construção dos projetos profissionais no Ensino Médio. O *locus* de estudo foi uma escola estadual situada na área urbana de Humaitá-AM. Os participantes foram 234 estudantes matriculados na três séries do Ensino Médio. Adotamos a pesquisa de Método Misto e utilizamos, para a coleta de dados, a Escala de Exploração de Desenvolvimento Vocacional- EEIV- BR-2014, um questionário sociodemográfico e o Grupo Focal. Os resultados indicam que vários fatores influenciam a escolha de uma profissão, entre eles: a falta de informação dos estudantes sobre a variedade de opções de cursos superiores e cursos técnicos/profissionalizantes; a ausência de autorreflexão; dúvidas na escolha profissional; as dificuldades financeiras; o nível educacional e apoio dos pais, familiares, amigos e professores. Em relação à etapa de Desenvolvimento Vocacional, os estudantes da 1ª série estão na dimensão de Exploração, os da 2ª ainda estão confusos, variando entre a dimensão de Difusão e *Foreclosure*. Já os da 3ª série estão no Investimento. A pesquisa destaca a pouca ou nenhuma participação da escola na construção do projeto profissional. Se ela participasse mais ativamente desse processo, poderia auxiliar os alunos a explorarem as alternativas possíveis de estudo e/ou trabalho, baseadas em um autoconhecimento. Alguns alunos evidenciam a grande importância da orientação profissional na escola e salientam que necessitam desse auxílio na escolha da profissão. A escola oferece pouco estímulo para a vida profissional o que acaba dificultando na construção dos projetos profissionais. Assim, nota-se a ausência de programas de orientação profissional na Educação Básica e, dessa forma, muitos estudantes saem desorientados sobre o futuro profissional, sem direcionamento ou até mesmo com muitas dúvidas do que fazer.

Palavras-chave: Escolha profissional; Desenvolvimento Vocacional; Orientação profissional; Escola; Ensino Médio.

ABSTRACT

Choosing a profession is a complex process that generates many uncertainties, especially in adolescence. This stage of development coincides with the last stage of basic education, when students need to manifest themselves for a professional choice. Before making this choice, the young person goes through stages of Vocational Development, a process that accompanies the life cycle. In this sense, career guidance contributes to the student's life as an instrument to help with professional choices. The research arose to deepen the knowledge of this theme in the Amazonian context and aimed to analyze, from the student's perspective, how the school helps in the construction of professional projects in High School. The locus of study was a state school located in the urban area of Humaitá-AM. The participants were 234 students enrolled in the three grades of High School. We adopted the Mixed Method research and used the Vocational Development Exploration Scale - EEIV- BR-2014, a sociodemographic questionnaire and the Focus Group for data collection. The results indicate that several factors influence the choice of a profession, among them: the lack of information of students about the variety of options of higher education courses and technical/professional courses; the absence of self-reflection; doubts in the professional choice; financial difficulties; the educational level and support of parents, family, friends and teachers. Regarding the Vocational Development stage, the students of the 1st grade are in the Exploration dimension, those of the 2nd are still confused, varying between the Diffusion and Foreclosure dimensions. Those in the 3rd grade are in Investment. The survey highlights the little or no participation of the school in the construction of the professional project. If the school participated more actively in this process, it could help students explore possible alternatives for study and/or work, based on self-knowledge. Some students highlight the great importance of career guidance at school and point out that they need this help in choosing their profession. The school offers little stimulus to professional life, which ends up making it difficult to build professional projects. Thus, the absence of professional guidance programs in Basic Education is noted. Thus, many students leave bewildered about their professional future, without direction or even with many doubts about what to do.

Keywords: Career choice; Vocational development; Professional Guidance; School. High School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Triangulação dos dados	58
Figura 2- Escolaridade dos pais	57
Figura 3- Influenciadores na escolha do Curso	61
Figura 4- Cararterização da renda familiar	64
Figura 5- Curso Superior escolhido	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização dos participantes	53
Tabela 2 - Dimensões do Desenvolvimento Vocacional	66
Tabela 3- Ingresso no ES e Escolha do Curso	67
Tabela 4- Relação entre as dimensões do DV e a série.....	74
Tabela 5- Desenvolvimento Vocacional e Sexo	75

LISTA DE ABREVIATURAS

AT	Análise Temática
BR	Brasil
DV	Desenvolvimento Vocacional
EEIV	Escala de Exploração e Investimento Vocacional
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
GF	Grupo Focal
ISOP	Instituto de Seleção e Orientação Profissional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
OMS	Organização Mundial da Saúde
OP	Orientação Profissional
OV	Orientação Vocacional
QSD	Questionário Sociodemográfico
SEDUC	Secretaria de Educação
SIG	Relação aos significativos
TEE	Tendência a Excluir Escolhas
SSPS	<i>Statistical Package for Social Science</i>
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UNIR	Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO	16
1. ADOLESCÊNCIA, DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL E ESCOLHAS PROFISSIONAIS.....	20
1.1 A adolescência e seus desafios	20
1.2 Um pouco da história do Desenvolvimento Vocacional	25
1.3 Fatores que influenciam no Desenvolvimento Vocacional e nas Escolhas Profissionais	32
1.4. A Escolha Profissional.....	38
2. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL.....	42
2.1 Orientação Profissional no contexto Escolar	45
3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA	51
3.1 Caracterização da pesquisa	51
3.2 Lócus da pesquisa e Participantes da pesquisa.....	52
3.3 Instrumentos e métodos	53
3.4 Procedimentos da Coleta de Dados.....	55
3.5 Análise dos Dados	57
4. A ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DOS PROJETOS PROFISSIONAIS: O QUE DIZEM OS DADOS	59
4.1. Fatores que influenciam o Desenvolvimento Vocacional.....	59
4.2. Em que etapa do Desenvolvimento Vocacional se encontram os participantes ?.....	65
4.2.1 Desenvolvimento Vocacional e série dos estudantes	73
4.2.2. Desenvolvimento Vocacional e sexo dos estudantes	75
4.3 O que os alunos dizem sobre a participação da escola na construção do projeto profissional.....	76
4.4 Atividades/ou eventos realizados pela escola com foco na Orientação Profissional para a construção dos projetos profissionais	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE – Questionário Sóciodemográfico.....	98
ANEXO – Escala de Exploração e Investimento Vocacional- EEIV-BR.....	100

APRESENTAÇÃO

Nossa caminhada em direção ao futuro é marcada por uma série de escolhas diárias, algumas pequenas, outras mais significativas, mas que podem alterar o nosso destino. Quando refletimos sobre a vida, chegamos à conclusão de que tudo é uma questão de escolha. O tempo todo, desde o momento em que acordamos até o final do dia, fazemos escolhas. Cada decisão, seja consciente ou inconsciente, tem o potencial de alterar o rumo do nosso destino. O futuro é determinado pelas escolhas que fazemos, não tem como deixar este poder de decisão nas mãos das outras pessoas, cabe a nós a busca pelos nossos sonhos e pelo nosso crescimento. De fato, se refletirmos bem, cada um de nós representa o resultado das oportunidades que tivemos e de uma série de escolhas que fizemos ao longo da vida.

Assim, decidi iniciar minha história de vida. Aprendi desde muito cedo, ainda criança, a encarar os percalços da vida e buscar novos ideais. Constituir a minha família foi a melhor escolha. Ser mãe me fez crescer, amadurecer, compreender que o real motivo de toda a minha escolha e da minha luta constante é o amor que sinto pelos meus filhos, minha maior riqueza. O que sou hoje foi consequência do caminho que escolhi.

Considero-me uma pessoa abençoada e privilegiada por ter filhos maravilhosos: estou colhendo os frutos que semeei. Hoje, tenho um filho concursado e Mestrando no Instituto Federal do Amazonas, com 25 anos, e uma filha de 21 anos, casada e graduanda na Universidade Federal do Acre, além de dois menores de idade, de 12 e 14 anos, que são muito habilidosos e inteligentes que, com toda certeza, seguirão os passos dos irmãos. Sim, sinto-me orgulhosa por eu e meu esposo termos cumprido nosso papel de pais até aqui, não que sejamos uma família perfeita, mas sempre somos pais presentes, sempre orientando os filhos para evoluir na vida. Sou muito grata ao nosso pai celestial por tudo, pelos momentos de alegria e nas horas difíceis, onde nos fortalecemos para seguirmos em frente.

Na profissão, escolhi a Educação. Ser educadora para mim vai muito além da profissão. Trabalhar com dedicação e amor pode mudar a vida de um estudante e contribuir para a transformação do ser humano e da sociedade. O maior prazer na vida de um educador é encontrar um ex-estudante bem-sucedido. Assim, fui consolidando minha trajetória de vida.

Faço minha narrativa desde a infância a adolescência e de todo o percurso escolar e acadêmico para registrar o vivido, mostrar as experiências e conhecimentos adquiridos ao longo dos anos. Nascida no município de Manicoré, estado do Amazonas, cursei apenas a alfabetização na cidade natal. O falecimento da minha mãe, quando eu tinha apenas oito anos de idade, abalou a minha vida, bem como a do meu pai e dos meus 12 irmãos.

Além da perda materna, me separei dos meus irmãos. Fui acolhida por uma tia que residia em Porto Velho/RO, com o propósito de me oferecer uma educação. A adaptação em todos os aspectos não foi fácil. Apesar da minha tia ser irmã da minha mãe, para mim era desconhecida, pois eu não a conhecia. Só eu sei como passava as noites chorando com saudade da minha família, querendo voltar para minha casa, até eu me acostumar com a minha vida nova. Na escola, nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, sempre me esforçava para tirar as melhores notas por saber do grande sacrifício que minha tia fazia por mim. A gratidão por minha tia é imensa por ter me proporcionado educação, para ser uma cidadã de bem e contribuir com a sociedade.

Ao longo do segundo grau (agora Ensino Médio), tal qual a maioria dos adolescentes, tive muitas dúvidas em como prosseguir estudos. Na época eram ofertados os cursos técnicos em Contabilidade, Administração e Magistério. Não tive na verdade uma orientação e não sabia por qual curso optar. Estive indecisa entre Administração e Magistério e acabei optando pelo Magistério, que acabou por despertar em mim a vontade de ensinar.

Ao final do curso, fui habilitada a lecionar da 1ª à 4ª série (agora Fundamental I), momento em que me identifiquei muito com esta profissão. Meus cadernos de planejamento eram todos decorados. Aprendi muitas dinâmicas e jogos educativos. Foi um tempo muito bom e de grande aprendizado. Comecei a lecionar aos 18 anos em uma escola particular e, nesta instituição, ministrei aulas para o Maternal I durante três anos.

O meu grande sonho na época era ter um curso superior. Sempre que andava pelo centro de Porto Velho, ficava admirada com os universitários: bem trajados, caminhando rumo à Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Aquilo me chamava atenção. Crescia a vontade de ingressar em uma universidade. Entretanto, nessa mesma época, priorizei a construção de uma família, que também era um sonho. As dificuldades que a vida nos impôs, tanto no âmbito financeiro quanto de saúde, nos levaram a mudar para outra cidade, em busca de apoio familiar.

Neste novo local, Humaitá/AM, criei meus filhos e tive o privilégio de fazer a graduação na Universidade Federal do Amazonas-UFAM, no curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês. Depois de formada, lecionei na esfera municipal e estadual. Atualmente, estou finalizando o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades, na mesma universidade em que me graduei. Por último, iniciei uma nova licenciatura, agora em Pedagogia, pela Unicesumar.

Durante alguns anos da minha experiência em docência, dialogando com os discentes do Ensino Médio, observei que muitos estudantes (tal como aconteceu comigo) estavam indecisos ou não tinham direcionamentos e nem planos de seguir uma profissão para o futuro, e

isso sempre me causava muita angústia e ansiedade. Pude observar os conflitos e dificuldades em relação à escolha profissional. Era comum encontrar nas salas de aula e nos corredores da escola alunos com dúvidas e medo principalmente em não saber o que fazer no futuro. Eram comuns questionamentos como: “Como vou escolher uma profissão se nem sei o que quero para esta vida?”, “Não me sinto preparado para fazer escolha de profissão, eu quero apenas trabalhar para ajudar em casa”, “Não sei o que pensar para o futuro.”

Dessa forma, diante da realidade vivida pelos estudantes, refletir sobre a escolha profissional tem sido importante e um grande desafio no percurso de um estudante do Ensino Médio que nem sempre têm clareza sobre a escolha, realizando-a de forma inconsciente.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, diante das transformações que vêm ocorrendo na sociedade, principalmente no cenário educacional, percebe-se uma grande mudança entre as gerações, no que tange ao comportamento dos jovens em relação ao tão esperado futuro profissional. Uma maneira de tomar uma decisão com mais facilidade é refletir sobre a profissão e ter clareza do que se quer fazer. É uma decisão que tem implicações futuras, tem a ver com o modo de vida, com as atividades da profissão e relacionamentos com as outras pessoas.

Nesse sentido, a Orientação Profissional (OP) está sendo ainda mais necessária nesses tempos devido às modificações na sociedade, caracterizada pelo domínio do sistema capitalista, a prevalência do consumismo e as novas tecnologias, que apresentam um novo cenário no mundo laboral. Segundo Duarte (2013), essas mudanças também alteram os modelos familiares, sociais e estruturais que, por sua vez, refletem no ambiente escolar. Todo esse panorama acaba influenciando no processo da escolha da profissão, que não é um simples processo, mas é, na verdade, um momento delicado e, em alguns casos, complexo. O jovem, além de enfrentar as dificuldades próprias da adolescência, tais como as mudanças corporais e comportamentais, ainda tem que escolher uma profissão.

Uma escolha profissional consciente precisa analisar, acoplar os conhecimentos, autorreflexão de suas habilidades e interesses, ou seja, precisa de orientação de direcionamento para a tomada de decisão. Essa escolha profissional inicial ocorre na fase da adolescência. A fase jovem/adolescente é uma etapa do desenvolvimento humano caracterizada por mudanças físicas, cognitivas e psicológicas. Nesse momento de mudanças, ocorrem diversas transformações corporais geradas pelos hormônios; no campo cognitivo, a mente está em processo de maturação, desenvolvendo a capacidade de pensamento abstrato; já o lado psicológico apresenta constante emotividade, mudança de humor e busca por uma identidade.

Essas mudanças afetam a construção da identidade do jovem e a compreensão do seu papel social. Nesse sentido, Martorell (2014, p. 276) afirma que “[...] a adolescência é uma construção social. Em sociedades pré-industriais, as crianças entravam no mundo adulto quando atingiam a maturidade física e quando começavam um aprendizado vocacional”. Atualmente, a realidade é outra. Os jovens, quando chegam à adolescência, que coincide com a etapa escolar do Ensino Médio, são incentivados (e em alguns casos pressionados) a decidir em qual curso superior irão se inscrever, para iniciar os estudos após a conclusão dessa etapa da Educação Básica. Entretanto, essa não costuma ser uma decisão tão simples. É necessária

uma certa dose de prudência, uma reflexão sobre si mesmo, sobre seus gostos e sonhos, além de uma busca de informações sobre as várias profissões existentes.

Essas fases são muito significativas e geram muitas incertezas e dúvidas. Ao concluir o Ensino Médio, espera-se que o jovem decida sobre qual profissão irá seguir. Diversos fatores influenciam o jovem na escolha profissional, dentre eles: a família, a situação financeira, o mercado de trabalho, o meio social, entre outros. Esta escolha resultará dessas interações com o meio e influências que os estudantes sofrem durante o processo de desenvolvimento, seja influências positivas ou negativas. Entretanto, é importante que os estudantes saibam aproveitar os pontos que são favoráveis para esta escolha.

Nesse contexto escolar, são raros os jovens que sabem exatamente a carreira que devem seguir. Esta indecisão os faz se sentirem perdidos, sem ideia ou por falta de orientação, demonstrando insegurança quanto ao curso superior que querem cursar ou profissão que devem escolher. É certo que o jovem compreende que precisa fazer uma escolha profissional logo na adolescência (Ribeiro, 2011), mas, para isso, alguns jovens acabam cedendo aos desejos familiares, à influência dos amigos, entre outros, sem levar em consideração o que realmente gostariam de fazer no futuro próximo.

Nessa condição, é providencial o acesso à Orientação Profissional. Essa atividade, segundo Fernandes (2014), proporciona ao jovem uma reflexão das condições do mercado de trabalho, das habilidades, vontades e desejos desse indivíduo, auxiliando, portanto, na escolha profissional a ser realizada. Há grande relevância em refletir sobre a Orientação Profissional na escola e aprofundar os estudos nesse contexto.

Minha atuação como professora me fez perceber que os adolescentes estavam sem direcionamento de vida. Muitas vezes notava-se a tristeza e medo em seu olhar, o que, em certos casos, evidenciavam problemas familiares.

O tema me fez refletir que fazer uma escolha profissional não repercute somente nos jovens, mas também nos pais, professores, pedagogos, orientadores educacionais, enfim, em todos aqueles que, de alguma maneira, participam da formação das crianças e jovens. A inquietação surgiu: Como eu poderia contribuir com discentes, nesse momento de escolha profissional, que é um momento muito significativo, mas também conturbado, pelo fato de já ser uma fase de transformações na vida do jovem seja física, psicológica e cognitiva?

Assim, surgiu o interesse em pesquisar a escolha profissional no Ensino Médio, de compreender as questões voltadas ao processo de escolha profissional especificamente na fase da adolescência. Sabemos que, numa pesquisa científica, o problema é um indagação, uma pergunta com a qual se busca aprofundar os fatores que interferem na temática em questão.

Assim, surgiu a problematização: Por que os estudantes saem do Ensino Médio tão desorientados com relação à escolha profissional? Nesse contexto, as questões norteadoras que guiaram essa pesquisa foram: A escola participa ativamente da construção dos projetos profissionais dos alunos? Qual o papel da escola no Desenvolvimento Vocacional dos estudantes? Ela tem uma função?

Para responder a essa inquietação, foi estabelecido como o Objetivo Geral desta pesquisa, analisar, sob a perspectiva do estudante, como a escola auxilia na construção dos projetos profissionais dos estudantes do Ensino Médio. E para alcançá-lo, elencamos os seguintes objetivos específicos: a) Descrever as variáveis que podem influenciar no Desenvolvimento Vocacional dos jovens; b) Identificar em que etapa do Desenvolvimento Vocacional os estudantes se encontram; c) Verificar como os estudantes percebem a participação da escola na construção do projeto profissional; e d) Conhecer as atividades/ou eventos realizados pela escola com foco na Orientação Profissional para a construção dos projetos profissionais.

Nesta pesquisa, levantou-se duas hipóteses para o problema investigado:

a) Levando em consideração que os estudantes da 1ª série do Ensino Médio estão iniciando a reflexão sobre os projetos profissionais, espera-se portanto, que apresentem maiores médias na Dimensão de Exploração do Desenvolvimento Vocacional, ou seja, estão explorando o conhecimento de si e das informações das profissões;

b) Levando em consideração que os estudantes da 3ª série do Ensino Médio, tem mais tempo e experiência na construção de seus projetos profissionais, espera-se que apresentem maiores médias na Dimensão de Investimento Vocacional, ou seja, já exploraram e sentem-se seguros para fazer a escolha consciente, para investir em uma profissão.

Em referência ao quadro teórico, foram utilizados: Erik Erikson (1968), importante teórico da psicanálise, que estudou o desenvolvimento humano, dividiu o seu estudo em oito etapas, cada etapa apresentando os desafios que o indivíduo tem em cada uma delas. Na adolescência, por exemplo, a teoria mostra que a adolescência tem o papel de construir a sua identidade; Fernandes (2014) pesquisou o Desenvolvimento Vocacional e as influências das famílias na orientação dos adolescentes; Ferreira (2017) apresentou um estudo sobre a decisão dos jovens do Ensino Médio sobre a escolha pela profissão e suas influências; Lago (2017) aborda a Orientação Profissional; Levenfus (2016), a Orientação Vocacional e de carreira em contextos educativos; Melo -Silva e Munhoz e Leal (2019) apresentam estudo sobre Orientação Profissional na Educação Básica; Neiva (2013) faz um estudo sobre os processos da escolha e Orientação Profissional; Super (1980) teorizou o Desenvolvimento Vocacional; entre outros

autores que compõem a revisão de literatura. Para a metodologia, os(as) autores(as) foram: Barbour (2009), sobre o Grupo Focal; Braun e Clarke (2006), que apresentam a Análise Tématica na pesquisa qualitativa; e Creswell e Creswell (2021), que estudam projeto de pesquisa e método qualitativo e quantitativo, dentre outros.

Quanto à organização da pesquisa, a primeira seção inicia situando o leitor na adolescência como uma etapa do ciclo vital repleta de mudanças e desafios. Na sequência, conceitua o Desenvolvimento Vocacional e os Fatores que o influenciam, bem como a relação dele (DV) com as Escolhas Profissionais. Nessas subseções, comenta-se sobre as influências que os adolescentes recebem ao fazer uma escolha, que não é fácil de lidar, pois, são um somatório de fatores que podem influenciar na decisão.

Na sequência, a segunda seção apresenta a “Orientação Profissional” e suas diferenças em relação aos termos e significados, destacando a Orientação Profissional no contexto escolar, onde comenta-se a importância da escola para a preparação para a vida e da Orientação Profissional na escola, bem como os seus benefícios para os estudantes.

A terceira seção discorre sobre as Estratégias Metodológicas utilizadas para a realização da pesquisa, iniciando pela caracterização da pesquisa e finalizando com a forma com que os dados foram analisados. Nesta seção, salienta-se os caminhos metodológicos utilizados na pesquisa, iniciando com a natureza da pesquisa, a problematização, as hipóteses da pesquisa, juntamente com os objetivos da pesquisa.

Já a quarta seção apresenta os resultados e discussão dos dados coletados, a qual é subdividida em quatro tópicos que equivalem aos objetivos específicos que foram delineados nesse estudo.

1. ADOLESCÊNCIA, DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL E ESCOLHAS PROFISSIONAIS

É objetivo desta seção fazer uma contextualização sobre adolescência, no seu Desenvolvimento Vocacional e as escolhas profissionais.

Sobre a adolescência, o objetivo é fazer uma breve revisão sobre as principais características dessa fase do ciclo vital, incluindo os desafios e oportunidades dessa fase, em que o grupo/população contribuiu para esta pesquisa.

No que diz respeito ao Desenvolvimento Vocacional, apresentaremos um dos grandes autores nessa área de estudo, Donald Super, uma vez que ele é quem guiou a perspectiva adotada nesse estudo. Segundo Super (1980), o Desenvolvimento Vocacional é um processo contínuo que ocorre ao longo do desenvolvimento humano, influenciado por diversos fatores.

As escolhas profissionais que geralmente acontecem pela primeira vez na adolescência vão interferir no estilo de vida e projetos vocacionais que os jovens irão construir, trazendo satisfação no exercício da profissão ou não, a depender de como essas escolhas foram realizadas.

1.1 A adolescência e seus desafios

Nesta seção, discorre-se sobre a adolescência, o momento no qual o indivíduo está descobrindo e formando sua identidade, uma fase marcada por conflitos e transformações. De acordo com Neiva (2013, p. 38),

O termo adolescência, de origem latina, se refere “a crescer”, “chegar à maturidade”. A adolescência é caracterizada pelo desprendimento da infância e pela entrada progressiva no mundo adulto. Ela é marcada por uma série de mudanças físicas, cognitivas, afetivas e sociais.

A adolescência começou a ser estudada no século XV, mas a grande ênfase foi dada apenas em 1890. Antes, nesta fase, crianças e adolescentes eram ignorados, ficavam expostos a explorações e condições precárias (Sena; Dessen, 2012). No século XIX, um novo cenário se inicia após o Iluminismo, com todas as mudanças do mundo moderno, já que as crianças antes ingressavam no mundo do trabalho precocemente. Nesta época, segundo Fernandes (2014, p. 17), “Não existia adolescência e nem tão pouco era considerada uma fase importante no desenvolvimento”.

Em meados do século XX, a adolescência foi reconhecida como um período

significativo para o desenvolvimento da vida humana (Velho; Quintan; Rossi, 2014). Nesse período, a criança e o adolescente passam a ser vistos como um ser social, que tem as suas próprias necessidades, características, singularidades e se tornou um tema de interesse na história da Psicologia. Nesse sentido, a infância e a adolescência passam a ser compreendidas como um período fundamental para o desenvolvimento do indivíduo (Sena; Dessen, 2012). Fernandes (2014) conceitua a adolescência da seguinte forma:

Ao considerar-se a construção social e histórica do conceito da adolescência, pode-se dizer que a adolescência é fruto de um enigma relativo à passagem da infância para a vida adulta na sociedade ocidental moderna. Durante essa transição, os adolescentes são obrigados a suportar um tempo de espera, para poder ingressar no mundo do trabalho, uma vez que, por um lado, não há para todos e, por outro, pela exigência cada vez maior de qualificação profissional. (Fernandes, 2014, p. 18).

Em algumas sociedades, a transição para a adolescência inicia-se aos 12; em outras, aos 13; em algumas, já se alonga por mais tempo. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência inicia o período entre os 10 e 19 anos de idade. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990), a adolescência ocorre entre 12 a 18 anos. É nesse ciclo de desenvolvimento do ser humano que intensificam os grandes desafios das inquietações do sujeito com a família, a sociedade, enfim, a relação do sujeito com o mundo.

Conforme Levenfus (2016), independente de como definimos ou usamos os termos adolescência, adolescente ou jovem, o indivíduo vive uma etapa de transição de modelos, na qual os modelos conservadores ainda persistem e os novos modelos ainda não se consolidaram. Nesse período de adolescência, inicia-se a fase adulta e o término da infância, ou seja, não é ainda adulto mas também não é mais criança. É o momento em que normalmente conflitos são gerados.

De uma maneira geral, é o período do ciclo vital marcado por inúmeras mudanças. O jovem vivenciará novas experiências, comportamentos, novos vínculos, desenvolverá sua autonomia e identidade. Levenfus (2016) contribui salientando que: “Na tradição mais biológica e psicológica individual, a adolescência tem início com a puberdade e se encerra com a possibilidade de assumir papéis sociais adultos. Além disso, ela é caracterizada pela universalidade das transformações biológicas e psicológicas (Levenfus, 2016, p. 14).

No início, se dá a transformação pubertária, com várias transformações no seu corpo, um crescimento acelerado, o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, a transição de criança a adulto (Antunes, 2018). Nesse momento, portanto, não se considera mais criança,

há uma grande hipersensibilidade, além de transformações hormonais.

Segundo Velho, Quintana e Rossi (2014) esta fase sofre influências de vários fatores, dentre eles: sociais, culturais e econômicas. Os autores enfatizam que os jovens de classes mais favorecidas têm passagem pela adolescência, enquanto os jovens de classes inferiores vivenciam a passagem apenas da puberdade. Ainda sobre a adolescência, Fernandes (2014) afirma que:

A adolescência é reconhecida como uma fase do ciclo de vida em que o indivíduo passa por transformações normativas e não normativas inerentes ao desenvolvimento. Situa-se entre a infância e a idade adulta., e caracteriza-se por ser um período de transição no qual o ser humano sofre grandes mudanças, entre elas as físicas, cognitivas efetivas, além da mudança nos papéis sociais. É uma etapa em que por um lado já não é mais criança e por outro ainda não se é adulto (Fernandes, 2014, p.15).

Compreende-se, portanto, que essa etapa do desenvolvimento é influenciada por diversos fatores. Dessa maneira, torna-se necessário compreender como acontece o desenvolvimento humano nessa etapa chamada adolescência, antes de abordar as questões de planejamento e escolha profissional.

As Teorias do Desenvolvimento Humano em Psicologia foram construídas a partir de estudos acompanhando os indivíduos desde o nascimento até a vida adulta (Bock; Furtado, 2008). Vamos relembrar rapidamente as teorias inicialmente propostas por Freud, Erickson e Piaget:

A Teoria do Desenvolvimento Psicosssexual de Freud (1905) dividiu o desenvolvimento humano em 5 fases, a saber: Fase Oral (de 0 a 18 meses), Fase Anal (de 18 meses a 03 anos), Fase Fálica (de 03 a 07 anos), Fase de Latência (de 07 a 12 anos) e Fase Genital (de 12 anos em diante). Segundo o autor, a adolescência seria o período que marca o fim da Fase de Latência, com a chegada da puberdade, e faz a transição para a Fase Genital adulta, um marco para a vida adulta. A partir dessa teoria, Freud coloca a genitalidade como sendo um marco da vida adulta. É nesse cenário que o adolescente vai confrontar-se com as mudanças biológicas, que geram as mudanças de sua imagem corporal, e o crescimento e desenvolvimento dos órgãos sexuais.

A Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson (1968) divide o desenvolvimento humano em 8 fases ou idades, a saber: Primeira Idade: Confiança *versus* Desconfiança (0-18 meses); Segunda Idade: Autonomia *versus* Vergonha (18 meses-03anos); Terceira Idade: Iniciativa *versus* Culpa (03-06 anos); Quarta Idade: Domínio *versus* Inferioridade (06-12 anos); Quinta Idade: Identidade *versus* Confusão de Papéis (12-18 anos);

Sexta Idade: Intimidade *versus* Isolamento (18-30 anos); Sétima Idade: Generatividade *versus* Estagnação (30 a 60 anos); Oitava Idade: Integridade do Ego *versus* Desesperança (a partir dos 60 anos).

Conforme este autor, cada fase corresponde a uma idade específica, cada estágio é envolvido por um desafio psicossocial, mas que precisa ser resolvido. Para avançar para outra fase, é preciso compreender que os fatores sociais, culturais e históricos contribuem para o desenvolvimento psicológico. Na fase Identidade *versus* Confusão de Papéis, no que se refere à adolescência, para o autor, é o momento que os adolescentes tentam entender sua identidade e a posição no mundo. Caso não se desenvolva uma identidade com clareza, poderá ter confusão de papéis.

Já na teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Piaget (1983), observamos o ciclo vital dividido em quatro estágios, a menor divisão entre os teóricos clássicos do desenvolvimento humano. São eles: Estágio Sensório-Motor (0 a 2 anos), Estágio Pré-Operatório (2 a 6 anos); Estágio Operatório Concreto (7 a 11 anos) e Estágio Operatório Formal (12 anos em diante). A adolescência é a terceira etapa do desenvolvimento da inteligência, momento em que o jovem conquista o pensamento hipotético-dedutivo. Essa forma de pensar permite ao jovem entender conceitos abstratos e, portanto, questioná-los.

Atualizando um pouco a perspectiva sobre a adolescência, mas sem ignorar as bases para a compreensão dessa fase, vamos conhecer a abordagem proposta por Lemos (2001, p. 19). Para esse autor, a adolescência apresenta três momentos importantes. São eles: (1) adolescência puberal; (2) adolescência nuclear e (3) adolescência juvenil. Vejamos o que significa cada uma dessas etapas:

(1) A **adolescência puberal** é marcada pelas transformações corporais e pensamento egoico. O jovem apresenta desobediência bem como o desabrochar da sexualidade. Conforme Lemos (2001), “surge atitudes de desobediência, desafio e denegrimento dos pais. O adolescente vai percebendo que seus pais não eram perfeitos como acreditava e, nessa fase, passa a desvalorizá-los, a perceber seus defeitos e limitações” (Lemos, 2001, p. 20).

(2) O segundo momento é identificado por Lemos (2001) como **adolescência nuclear**, quando há um desligamento de relações afetivas com os pais, deixando por um momento de ser referência e o grupo toma esta posição. Ao mesmo tempo, o jovem faz investimentos no grupo de amigos, tornando esse seu modelo de comportamento e vestimentas (Lemos, 2001).

É neste período, portanto, que são definidas as características individuais de cada um, tendo por base não só as transformações físicas, mas do modo de se vestir, as escolhas de suas amizades, personalidade e relacionamentos pessoais. Consequentemente, iniciam os

questionamentos de rupturas da infância e da relação da família como adultos como referência.

Ainda segundo Lemos (2001), no terceiro momento denominado **adolescência juvenil**, a ligação com os pais começa a ser retomada, ocorre um certo distanciamento do grupo de amigos, que ao contrário do segundo momento, perde a função. O adolescente vivencia e procura sua independência, ao mesmo tempo em que está se libertando da infantilidade. Aos poucos, vai construindo sua própria identidade. É o momento de inserção na vida adulta.

Sobre a adolescência, Lago (2017, p. 56) afirma que:

Os pontos mais complexos são as especificidades características de tal fase do desenvolvimento humano, que compreende não só uma maturação biológica, mas também uma transformação psíquica e social, que depende do físico e do contexto social. Com relação às características físicas, a fase é marcada por um aumento súbito de hormônios, o que desencadeia o desenvolvimento das características físicas sexuais primárias e secundárias.

Contribuindo com a temática, Silva, Fuzaro e Pacheco (2016) discorrem que é na adolescência que surgem grandes transformações na vida do adolescente, sejam biológicas, psicológicas ou sociais. É nesse período de alterações que é definida a escolha profissional. Chega a ser desafiador para o adolescente, familiares e sociedade ter que optar por uma escolha em meio a todas essas transformações.

Neste mesmo sentido, Ribeiro, Santos e Santos (2019) elucidam que, nesta fase, são construídas a singularidade de cada ser, sua personalidade, desejos, aptidões, afinidades, desejos e escolhas. Envolve uma série de problemas internos e externos. Ainda que esta fase da adolescência faça parte do desenvolvimento humano, todas estas experiências, principalmente de escolha profissional, estarão presentes em todo o processo do ciclo vital e pode se tornar uma situação de conflito, envolvendo ansiedade e angústia. O adolescente olha dentro de si para se conhecer, compreender suas habilidades e seus valores. Por outro lado, ainda tem que acompanhar toda a evolução do mercado de trabalho com informações relevantes sobre a imensa variedades de profissões.

Essas transformações colocam o jovem em um estado de angústia. O medo de tomar decisões de forma independente, muitas vezes incentivado pela família, amigos, mas que pode ser duramente criticado quando o faz, causa medo de escolher uma profissão que não atenda as expectativas de todos, incluindo as suas. Nesse sentido, Levenfus (2016) destaca que “[...] os adultos querem que o adolescente seja autônomo (exigência de ter um posição social de destaque) mas lhe recusam autonomia, querem que tenha sucesso social, mas postergam essa situação para que ele possa se preparar melhor (p.18).

Pereira e Stengel (2015, p. 585) enfatizam que, devido essa fase de transição da infância para vida adulta, o jovem “se vê obrigado a responder a exigência da sociedade ao nível afetivo, cultural e social, a fim de adentrar na vida”. Todo esse processo de ingresso no mundo adulto gera dúvidas, questionamentos, o medo de encarar a entrada para o mundo do trabalho. Para alguns, chega a ser um momento dramático, por se apresentar no tempo de possibilidades de se preparar e fazer escolhas para o futuro que mudam totalmente seu estilo de vida.

Para muitos adolescentes, são várias as implicações ao fazer uma escolha de qual carreira seguir. Surgem as inseguranças a respeito da vida profissional pela modernidade das diversidades de profissões, não sabem identificar qual é o melhor caminho para se obter êxito profissional. Nesse sentido, vejamos o que a autora salienta:

A primeira grande decisão ocorre na adolescência, quando o jovem deve decidir qual profissão, ocupação vai seguir. Em geral, a sociedade prepara muito pouco, ou quase nada, o adolescente para essa decisão. A família, a escola e sociedade estão sempre decidindo pela criança e adolescente, impedindo que eles aprendam a lidar com situações de escolhas (Neiva, 2013, p. 37).

A autora discute a ideia afirmando que as dificuldades que o adolescente apresenta na formação de sua identidade pessoal, assim como nas transformações sexuais, afetivas, cognitivas e sociais, impactam também no campo vocacional. Portanto, não se consegue compreender um sem entender o outro, ambos estão regidos pela mesma complexidade. A etapa da adolescência é também o período final da Educação Básica no Ensino Médio, em que o jovem precisa se manifestar por uma escolha profissional. Esta cobrança causa muitas preocupações, dúvidas e questionamentos em relação ao campo profissional.

Na sequência, busca-se conhecer como se dá o Desenvolvimento Vocacional bem como o impacto das transformações ocorridas na adolescência.

1.2 Um pouco da história do Desenvolvimento Vocacional

Ao longo da trajetória histórica, o Desenvolvimento Vocacional (DV) foi conceituado de diferentes formas (Fernandes, 2014, p. 78). Como se sabe, logo no início da história da humanidade, nem todas as pessoas tiveram preocupação com a escolha da profissão. A primeira atividade dos ancestrais voltada ao trabalho ocorria de forma coletiva, coletavam apenas para a sobrevivência (Bock, 2014). Conforme Lago (2017, p. 10):

Na era tribal, o trabalho seguia uma hierarquia, era referente aos assuntos de

guerra e aos cuidados com a saúde. O sexo determinava como você seguiria a vida, não havendo, assim, a possibilidade nem a necessidade de grandes escolhas. Os homens cuidavam da caça e as mulheres eram encarregadas dos cuidados dos filhos e da agricultura.

Dessa forma, o trabalho era determinado pelo contexto biológico. Na Idade Média, quem determinava o tipo de trabalho era o contexto mais social, uma vez que a camada social em que o indivíduo nascia era quem definia as obrigações e ocupações que esse indivíduo deveria ter. Entretanto, essa definição era “disfarçada” com sendo uma determinação divina. Vejamos o que o autor traz sobre isso:

Entrando no feudalismo da Idade Média, você pode observar que o mesmo fenômeno continua acontecendo. Mais uma vez, a luta pela sobrevivência não dependia de escolhas. A sociedade dividia-se em camadas sociais - clérigos, nobres, senhores e vassallos - e uns devem obrigações aos outros. A posição na sociedade é definida pelo nascimento: sendo assim, a estrutura social já estava cristalizada e determinava o que cada um iria fazer, seu prestígio social e o poder. Nessa época, a igreja imperava e a ordem social era determinada pela “vontade de Deus”, sem possibilidade de questionamentos. Assim, seria um chamado divino que imporá uma missão aos indivíduos, revelando, desse modo, a vocação de cada um. (Lago, 2017, p. 10)

No decorrer do tempo, nos finais do século XIX, a perspectiva Naturalista do Desenvolvimento Vocacional era voltada exclusivamente para a natureza social: o projeto de vida dos indivíduos estava relacionado ao grupo social a que pertenciam. Não existia a opção de escolher a profissão, a atividade do trabalho era definida somente pela família, conforme a classe social que pertencia. Se o indivíduo fosse artesão, futuramente seu filho herdaria sua profissão (Neiva, 2013). O que não é muito diferente do que acontecia na Idade Média, salvo pelo fato de que, nesse século, não se usava Deus como justificativa.

No início do século XX, a grande expansão industrial na Europa e Estados Unidos proporcionou a migração em massa do campo para a cidade, e a substituição da mão de obra rural pelo trabalho industrial. Conseqüentemente, tem-se a escassez de profissionais qualificados, surgindo, assim, formas de divisão técnica e social do trabalho. Nasce nessa época a “Psicologia Científica” que, utilizando os testes psicológicos para a definição das características individuais tais como inteligência e interesse, tinha a finalidade de traçar perfil no indivíduo, ou seja, de detectar a pessoa certa para o lugar certo nas indústrias/ocupações.

O Desenvolvimento Vocacional surgiu a partir desse contexto da Revolução Industrial, com a expansão do consumismo e produção em massa, no momento de mudanças no cenário

mundial, conforme a autora afirma:

O aumento significativo dos processos de industrialização e de intercâmbios comerciais observados no final do século XIX, criou formas distintas de trabalho e novos ofícios. Surgiu, portanto, no homem, a necessidade de escolher entre as diversas alternativas ocupacionais oferecidas pela nova realidade socioeconômica e, conseqüentemente, a necessidade de ser orientado para essa decisão (Neiva, 2013, p.15).

É a partir desse cenário social provocado pela Revolução Industrial que Frank Parsons, americano de origem, engenheiro e advogado, em 1909, foi o pioneiro a apresentar o estudo vocacional denominado “Teoria Traço Fator”. Nesta teoria, defendia o pensamento que o homem já nasce com uma vocação predestinada e basta relacioná-la com as características do trabalho a ser executado. Conforme Levenfus (2016):

Parsons sistematizou um trabalho pioneiro, em Boston, que tinha como um de seus pilares a autoavaliação do jovem que buscava escolher uma ocupação, com o auxílio de um questionário desenvolvido por ele para avaliar interesses, aptidões, preferências acadêmicas, entre outras variáveis, além de outros testes padronizados relacionados a funções cognitivas (Levenfus, 2016, p.115).

Esses testes vocacionais eram como uma tentativa de fazer uma combinação das características do indivíduo com as profissões, aplicando instrumentos para verificar e descobrir as aptidões, habilidades e interesses do indivíduo. Para Levenfus (2016):

É importante sublinhar que a preocupação de Parsons não era com a construção ou refinamento de instrumentos psicométricos, mas ainda assim, ele lançou as bases técnicas de trabalho do orientador profissional, atribuindo, com destaque, um papel para o processo de levantamento e identificação de característica pessoais, especialmente dos interesses. A partir disso, a população da orientação populacional consolidou-se e o desenvolvimento de inventários de interesses ganhou força (Levenfus, 2016, p.115)

A partir da década de 80, Donald Super (1980) apresentou a teoria Desenvolvimentista, que resulta que o DV é um processo contínuo que vai desde a infância até a velhice. Tudo se modifica, os gostos, as aptidões profissionais e as experiências de vida, portanto, as escolhas vocacionais, são resultados das interações do indivíduo com o meio. As teorias que surgiram nessa abordagem desenvolvimentista, “evidencia a importância do autoconhecimento e dirigem as suas concepções para a compreensão do desenvolvimento e das mudanças de comportamento na carreira que vai tendo ao longo do tempo” (Duarte, 2013, p. 7).

Donald Super, conforme Pimentel (2017), nasceu em 1910 e faleceu em 1994, é considerado o psicólogo norte-americano que mais contribuiu e se dedicou a estudar o comportamento vocacional. Foi professor da Universidade da Flórida e, posteriormente, renomado Teachers College, da Universidade de Columbia. Super publicou diversos livros como: *Psicologia Ocupacional*, *Appraising Vocational Fitness by Means of Psychological Tests*, *Desenvolvimento de Carreira: Teoria do Auto-Conceito*, *Career Development in Great Britain*, *Life Roles, Values, and Career: International Findings of the Work Importance*. Donald Super (1980) é um dos pioneiros do modelo desenvolvimentista.

A teoria de Super (1976) mostrou novas concepções sobre o Desenvolvimento Vocacional. Nessa proposta, a escolha profissional deixou de ser compreendida como a ligação de uma profissão relacionada com as características dos indivíduos e passou a ser entendida como um processo que acompanha o desenvolvimento vital (*life-span*) e espaço de vida (*life-space*). Vale lembrar que, na perspectiva desenvolvimentista de Super (1980), o processo é compreendido como sequência de acontecimentos, mencionados como estágios. Desse modo, para a compreensão desses acontecimentos, apresentou-se cinco estágios principais: Crescimento (infância), Exploração (adolescência), Estabelecimento (início da vida adulta), Manutenção (idade adulta) e Declínio ou Reforma (velhice) (Super, 1980). O autor descreveu tarefas a serem cumpridas para cada etapa a fim de nortear a questão profissional.

Os estágios, também denominado de **Maxiciclos**, iniciavam na infância e se estenderiam até a velhice. Em cada um, o indivíduo tem tarefas evolutivas que as pessoas ocupam e irão ocupar, podendo ser realizada ou impedida por alguns fatores econômicos e pessoais (Ferrentini, 2019).

O primeiro estágio, de **Crescimento**, inicia com o nascimento e segue até os 13 anos. A criança começa a observar o que está em volta do mundo do trabalho, sobre seu futuro. Nessa fase, se realizam algumas atividades que proporcionarão futuras possibilidades de escolha profissional. O contato com as ocupações se inicia com a fantasia através das brincadeiras, que desperta os interesses e habilidades da criança. (Lago, 2017). Essas tarefas, conforme Levenfus (2016), incluem:

- a) Começar a preocupar-se com o futuro, b) aumentar gradativamente o controle da vida; c) convencer-se da importância das atividades escolares e de trabalho; d) e atitudes de trabalho. Durante esses estágios, as escolhas profissionais são orientadas inicialmente pelas fantasias, depois pelos interesses, posteriormente, pelas capacidades (Levenfus, 2016, p.14).

É a fase que a criança constrói o autovocacional na relação com os pais, professores e

colegas. A socialização o leva a se questionar o que vai ser quando crescer, preocupa-se com o futuro e tem consciência da importância de ter bons resultados na escola. “Do ponto de vista do Desenvolvimento Vocacional, o período da Educação Básica corresponde ao estágio de Crescimento que, em sua essência, caracteriza-se pelo desenvolvimento de necessidades, interesses, capacidades e atitudes associadas ao autoconceito” (Levenfus, 2016, p.48).

O segundo estágio, denominado **Exploração**, inicia aos 14 anos e segue até os 24 anos, abrangendo a adolescência e a vida adulta. É o momento de exploração de si próprio, do trabalho e suas ocupações. Os indivíduos buscam informações do autoconhecimento e sobre o mundo do trabalho, das novas profissões que são ofertadas pelo mercado de trabalho. Vejamos o que o autor diz a esse respeito:

No estágio de exploração, o jovem começa seu processo de escolha ocupacional, baseando-se primeiro em um autoconceito que construiu de si, através de interações pessoais, e, posteriormente, confronta isso com a realidade externa percebida por ele, como: mercado de trabalho e oportunidades. É no final desse estágio que o jovem, agora por volta de 24 anos, poderia experimentar e decidir por uma área de trabalho. (Lago, 2017, p. 38).

Nesse estágio, Super (1980) enfatiza que o autoconceito vocacional se constroi da interação com as outras pessoas, como os pais, nos contextos escolares, em suas próprias experiências e no meio em que está inserido. O autoconceito vocacional vai se moldando com o contato com a realidade. Apesar disso, ainda não se tem uma escolha finalizada.

O terceiro estágio, **Estabelecimento**, acontece entre 24 e 44 anos. É uma etapa em que o indivíduo procura novas experimentações e novos caminhos da descoberta autovocacional de maneira mais segura. A partir de suas experiências e do decorrer de todo o tempo, o indivíduo especula uma estabilidade ocupacional. Segundo Pimentel (2017, p.5-6):

O indivíduo tenta encontrar o seu lugar no mundo do trabalho ao estabelecer-se em uma determinada área, no qual ele irá progredir ou reavaliar seus objetivos profissionais. Nesse estágio, ele busca construir um autoconceito vocacional mais seguro, ainda que possa ocorrer mudança de emprego. As tarefas desse estágio são: a) Estabilização – Ele se estabelece em uma área de atividade que corresponde aos seus valores, interesses, personalidade e atitudes; b) Consolidação – Ele se instala firmemente numa profissão onde ele encontrou uma posição satisfatória; c) Avanço - Ele progride no seu campo de atividades tanto em termos de desempenho e atitudes em relação ao trabalho quanto nas relações com os colegas.

O quarto estágio, **Manutenção**, começa dos 44 anos e segue até os 64 anos. Indica a

preservação do trabalho e manutenção do sucesso que conquistou na carreira. Ainda, segundo o autor:

O indivíduo provavelmente está bem estabelecido no plano do seu eu vocacional e tenta manter a sua posição atual, se atualizando e inovando. Todavia, podem surgir novos desafios. A questão principal, nesse estágio é “Quero continuar a fazer isto durante os próximos vinte e cinco anos”. Geralmente, esse é um estágio marcado pela busca de auto realização. Contudo, para alguns indivíduos que não conseguiram estabilizar numa ocupação ou profissão, esse estágio pode ser vivido com enorme frustração, na medida em que não consigam realizar seus projetos. As tarefas envolvidas nesse estágio são: a) Cuidar - Ele quer manter a sua posição, apesar da presença da concorrência; b) Atualizar - Ele se mantém a par dos novos desenvolvimentos em seu campo de trabalho; c) Inovar - Ele quer inovar e sente a necessidade de fazer as coisas de forma diferente (Pimentel, 2017, p.6).

Mas isso não quer dizer que a profissão consolidada será finalizada. O indivíduo pode se sentir seguro e buscar por novos caminhos. E o último estágio, o de **Declínio ou Reforma**, inicia a partir dos 64 anos, que coincide com a época da aposentadoria, com diminuição de carga de trabalho. Conforme Pimentel (2017, p. 6):

O indivíduo pensa em se retirar do mundo do trabalho ou realizar uma mudança em sua carreira. A tarefa principal é, provavelmente, adaptar-se a um novo *self* através das mudanças no autoconceito existente, preparando-se para assumir novos hábitos de vida. Para isso, cabe ao indivíduo planejar como viverá uma vez que se retire do mercado de trabalho, o que implica nas seguintes tarefas: a) Desacelerar - diminuir o ritmo de trabalho por conta do abrandamento dos processos físicos e mentais e diminuição de energia; b) Planejamento da aposentadoria - imprimir um ritmo de trabalho mais lento, mudando os padrões de trabalho, correspondendo ao declínio das suas capacidades laborais; c) Vida de aposentado – implica na realização de atividades de tipo parcial e desenvolvimento de “hobbies” que passam a substituir a ocupação em tempo integral.

Tudo isso ocorre gradativamente à procura de reformular uma nova atividade para complementar seu estilo de vida e usufruir melhor esse período. Sendo assim, o Desenvolvimento Vocacional de Super (1980) evolui conforme o processo de vida humana, passando por vários fatores que influenciam no momento da escolha profissional. Conforme a vida humana vai se modificando, surgem novas escolhas, também acompanhando o desenvolvimento humano.

Conforme Levenfus (2016, p. 42):

Super reconheceu que nem sempre os estágios acontecem exatamente nessa sequência, em função de diferentes textos e trajetórias. Por isso, ao lado desse

maxiciclo, que ocorre ao longo da vida de uma pessoa, o autor identificou miniciclo de exploração, estabelecimentos, manutenção e desengajamento, que podem ocorrer em cada estágio de desenvolvimento, em momentos de transição de carreira.

Esses miniciclos representariam uma nova busca e ocorrem nas transições de um intervalo de estágio para o outro, ou a cada vez que o indivíduo é desestabilizado por um algum imprevisto, tendo uma oportunidade de envolver novos momentos. Assim, o processo de escolha vocacional é desenvolvimento por “miniciclo”, ou seja, por um processo que marca a experiência de vida que causa uma desestabilidade como, por exemplo, a perda de um emprego. Desse modo, o indivíduo pode passar por fases (miniciclos) de novo crescimento, reexploração e reestabelecimento, à procura de um novo direcionamento, uma nova carreira. (Lassance; Paradiso; Silva, 2011).

Vale destacar que, mesmo com o estudo de Donald Super, os conceitos sobre o Desenvolvimento Vocacional são gerais, o indivíduo pode ou não seguir esses estágios, ou seja, têm indivíduos que não conseguem ter essa linearidade no Desenvolvimento Vocacional. Mas, de qualquer maneira, a teoria contribuiu para a compreensão geral de como esse processo acontece.

Donald Super, conforme Ambiel (2014), iniciou uma tradição de pesquisa a respeito do desenvolvimento de carreira que tem sido continuada até os dias atuais. Observa-se que a teoria de desenvolvimento de carreira de Super passou por diversas discussões e atualizações entre as décadas de 1940 e 1990. Com a aposentadoria, e a morte de Donald Super em 1994, outros pesquisadores deram continuidade aos seus estudos. Um nome importante foi o de Mark L. Savickas, cujas contribuições são para os avanços do conceito de adaptabilidade de carreira (Ambiel, 2014).

Conforme Savickas (2013), a adaptabilidade de carreira é um processo contínuo, mas dinâmico, que acontece através de estratégias que o indivíduo se apropria para enfrentar situações que ocorre ao longo da carreira profissional, e apresenta quatro dimensões no que se refere à preocupação, controle, curiosidade e confiança.

A preocupação acontece quando o indivíduo reflete e se preocupa com o futuro profissional. Quanto ao controle, é ciente que ele é o responsável por suas ações sobre sua trajetória profissional. A curiosidade está atrelada ao interesse do indivíduo em buscar o desenvolvimento de seu conhecimento. E confiança é quando o indivíduo apresenta segurança que irá alcançar o objetivo que almeja. Ou seja, a adaptabilidade de carreira demonstra que a pessoa está pronta e tem recursos para lidar com quaisquer desafios e tarefas atuais que

aparecem na trajetória profissional (Savickas, 2013). Assim, para o autor, a carreira não é somente funções de tarefas, mas a construção de significados, ou seja, as pessoas devem ser orientadas para a construção de suas próprias histórias de vida, aprendendo a lidar com várias situações ocupacionais, pessoais diante dos cenários atuais.

1.3 Fatores que influenciam no Desenvolvimento Vocacional e nas Escolhas Profissionais

A escolha da profissão na adolescência é conflitante, visto que é o momento em que os jovens estão em processo de construção de identidade, conforme discutido anteriormente. Na verdade, é na adolescência que geralmente o jovem é cobrado para escolher uma profissão. Isso gera preocupações, dúvidas e questionamentos em relação ao campo profissional. Vale destacar que são muitos os fatores que interferem neste processo, conforme destaca Neiva (2013):

A escolha profissional é uma tarefa que o indivíduo realiza dentro de sua realidade social, e que, portanto, sofre influência de instituições que a compõem: a família, o grupo de pares (amigos), a escola e, finalmente, a própria sociedade que, por sua vez, controla e influencia as relações entre as distintas instituições (Neiva, 2013, p.65).

Percebe-se, portanto, que são vários aspectos a serem levados em consideração. Os fatores familiares, econômicos e os amigos influenciam no processo de escolha. A família, cujas influências são maiores e estão relacionadas em alguns casos a dar continuidade à profissão dos pais, conforme o desejo da família e não atendendo as vontades do adolescente; o lado econômico, quando visa à escolha da profissão por *status* financeiros, o que pode trazer uma insatisfação por exercer uma profissão que não condiz com seus interesses pessoais; além da influência de amigos (ao escolher a profissão da moda). Essas influências podem ser negativas ou positivas no momento da decisão. A maneira como o adolescente vivenciará sua adolescência e como aproveitará as novas experiências nesse processo, bem como suas decisões, se dará pela forma de como se relacionam com o seu meio entre eles, família e amigos.

A influência da família na vida profissional dos filhos é um assunto que vem sendo discutido há tempos. De acordo com a autora:

A família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados, e por isso tem um impacto significativo e uma forte influência nos comportamentos dos indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais (Fernandes, 2014, p. 39).

A fala da autora nos faz perceber que a família é o suporte para a vida humana. Ao tomar uma decisão sobre a sua carreira profissional, a reação da família do adolescente causa impactos. Nesse sentido, Lago (2017, p. 70) afirma que: “as famílias carregam expectativas para o futuro de seus filhos. No próprio processo de socialização, a família incentiva e limita algumas atitudes e comportamentos, direciona indiretamente os hábitos, os interesses e o potencial a ser desenvolvido pelo indivíduo”.

Assim, escolher uma carreira profissional é um passo decisório importante para o jovem. De acordo com Levenfus (2016), ainda que os projetos humanos se desenvolvam em vários contextos inseridos com várias relações importantes, a literatura indica que o fator principal que exerce a maior influência no desenvolvimento de carreira é a família que pode influenciar positivamente ou negativamente nesse período de escolha profissional. Segundo a autora, a família deve acompanhar as reflexões dos filhos sobre o futuro profissional, se fazendo presente, orientando, apoiando, auxiliando na descoberta sobre o mundo do trabalho, bem como estimulando o desenvolvimento da autonomia dos filhos.

Nessa mesma perspectiva, Ribeiro, Santos e Santos (2019, p.12) destacam que:

A família tem o papel de contribuir e apoiar o adolescente no processo de escolha, no entanto, a realidade que temos é a família em situações distintas, sendo aquela que motiva e valoriza as escolhas potencializadas do adolescente, que permite ao mesmo tomar as suas decisões mediante seu contexto social e, de um outro lado, a imposição, onde entende-se a autoridade familiar como superior aos desejos dos adolescentes.

Isto significa dizer que, quando se vive em um lar onde se tem apoio familiar, com estabilidade emocional, o jovem tem maior segurança em suas decisões. A família é a base que o adolescente tem para se desenvolver socialmente e inculcar os valores, competências e papéis desempenhados na sociedade. Complementando o estudo, Ferreira (2017) concorda que:

A família é o primeiro ambiente de socialização do indivíduo, apresentando para eles os principais modelos e influências sociais existentes, além de assegurar o bem estar e a proteção da criança. É ela que transmite os valores e as crenças, que influenciam sobre o comportamento, sua forma de existir, de ver o mundo e de construir suas relações sociais por tempo indeterminado de sua vida (Ferreira, 2017, p. 31).

Algumas famílias projetam o futuro dos filhos, criam um mundo de expectativas e, em alguns casos, tentam inculcar na mente do adolescente a profissão que deve desempenhar, satisfazendo o desejo ou sonho que talvez seus pais não tiveram condições ou oportunidade de

realizar. Complementando a esse respeito, Lago (2017) enfatiza:

A posição de nascimento dos filhos na família pode se configurar em outros graus de influência nesse projeto profissional. No filho mais velho, geralmente se depositam grande parte das expectativas dos pais, o que pode desencadear uma angústia ainda maior para a escolha profissional. O filho mais novo também recebe uma dose forte de expectativas dos pais, uma vez que ele é a última opção de realização dos pais. Estar como filho do meio parece ser uma posição um pouco mais tranquila. Em geral, nessa posição, os jovens podem ter mais liberdade para assumir seus próprios interesses. O filho único não tem com quem dividir as expectativas dos pais, e, assim, escolher pode se tornar muito mais difícil (Lago, 2017, p. 29).

Sendo assim, por mais que o adolescente não atenda a vontade dos pais, precisa do total apoio da família para validar suas escolhas. Sobre a família, Levenfus diz que:

Na instituição família, são passados os valores que poderão pesar bastante em uma decisão, um planejamento de metas ou até mesmo no conceito de renda satisfatória. A tradição, a moral e a religião, por exemplo, são os valores que devem ser assumidos ou não e que pesarão em uma escolha, uma decisão. Todas essas questões precisam ser avaliadas e refletidas pelo jovem que está em processo de escolha de uma profissão (Levenfus, 2014, p. 69).

Dias e Sá (2014) sinalizam que a construção vocacional ocorre de maneira mais conflituosa no ambiente familiar em que há ausência de diálogos e no relacionamento interpessoal, entretanto, quando a família tem um bom relacionamento e uma boa comunicação, isso facilita o desenvolvimento vocacional. Fernandes¹ (2014) também detectou essa realidade no contexto amazônico. Esse diálogo e bom relacionamento familiar apareceu em sua pesquisa como favorecedora do Investimento Vocacional dos jovens (características de pais autoritativos e indulgentes). A ausência do diálogo, presente em famílias de estilo autoritários e negligentes, levam os jovens a uma dimensão de tipo *Foreclosure* (ou seja, investem em um projeto profissional sem explorar as opções) ou ainda à Difusão (ou seja, à ausência de um projeto profissional).

Quando, no ambiente familiar, existe um uma afetividade e os limites são estabelecidos, possivelmente os adolescentes se tornam pessoas mais firmes, autônomas e conscientes em qualquer tipo de situação com que venham a lidar, seja de frustrações e até

¹ A pesquisa apresentada na obra de Fernandes (2014) estabeleceu uma relação entre os Estilos Parentais adotados pelas famílias e o Desenvolvimento Vocacional dos jovens. Os Estilos Parentais refletem os padrões de comportamentos adotados pelos pais na criação de seus filhos. A teoria que embasou a autora foi a de Maccoby e Martin (1983). Para mais detalhes sugere-se consultar a obra.

mesmo por grandes percalços no decorrer da vida, ou no momento de projetar o futuro profissional.

Por outro lado, Neiva (2013) ressalta que as mudanças dos adolescentes afetam o comportamento dos pais, que se veem obrigados a aceitar seu limite, e que tendem a compreender a perda do poder sobre o filho. Essas transformações, dependendo da relação dos filhos com a família, em alguns casos, podem gerar conflitos quando os pais não se mostram propensos a compreender e aceitar as atitudes dos filhos.

O ponto levantado nesse momento é o ambiente familiar desestruturado. Reis, Prata e Parra (2018) enfatizam que vivenciar conflitos familiares, principalmente durante o processo de construção da identidade, acabam gerando comportamentos por meio dos quais os indivíduos envolvidos podem ser guiados pelas más vivências e muitas vezes afetam o adolescente deixando-os incapazes de controlar as emoções promovidas por essas situações. Com isso, prejudica-se o adolescente em seus comportamentos, manifestando insegurança e ansiedade diante das situações. Nesta mesma perspectiva, Santos e Cardin (2015) afirmam que o convívio em lares de violência influencia diretamente na construção da identidade do jovem, causando danos ao desenvolvimento pleno e natural.

Outro fator preponderante são os amigos, geralmente por terem a mesma faixa etária e características semelhantes. O contato com os amigos constrói uma nova visão, moldando sua identidade. Vale destacar que tanto o núcleo familiar quanto o grupo de amigos são muito significativos e funcionam como pilares para o adolescente, estimulando-o e encorajando-o para os grandes desafios da vida (Magalhães; Alvarenga; Teixeira, 2012). Os adolescentes, nesse período, passam a maior parte do tempo com o grupo de amigos, mais do que com a família, uma vez que estão vivenciando o mesmo processo de construção de identidade (Papalia; Feldman, 2013).

A influência do grupo de amigos, muitas vezes, pode refletir positivamente concordando com o grupo. Por outro lado, o adolescente vai percebendo que os pais possuem defeitos, que também erram nas atitudes e acabam por ocasionar desobediência e se desligando do conselho familiar. Essas influências de grupos acontecem de tal maneira por estarem nesse interím de incertezas e conflitos, quando procuram confidenciar aos amigos a busca para sanar as incertezas. Vale salientar que é importante que o adolescente tenha conhecimento dessas condições variadas e usufrua da melhor forma no momento decisivo.

Na mesma direção, Neiva (2013) compartilha que o grupo se reveste com certa significância para o adolescente, pelo fato de dividir as mesmas inquietações, de trocar as informações. Entretanto, essa troca também pode contribuir negativamente, pois o adolescente

pode se submeter à norma do grupo com medo de ser excluído, não desenvolver sua autonomia e acompanhar a escolha do grupo, que necessariamente não coincide com a sua.

A realidade socioeconômica dos adolescentes também causa um impacto nesse momento de escolha profissional e a necessidade de suprir suas necessidades básicas gera grandes dificuldades. Vejamos o que diz Lago a respeito do fator econômico:

Outro fator econômico que atinge a formação desse jovem é a impossibilidade de ele manter seus estudos sem uma atividade remunerada, ou seja, sem possibilidades de ser só estudante, o jovem vira estudante trabalhador. A família de classe média com seu poder aquisitivo achatado não consegue contribuir com a formação desse jovem que se insere no mercado de trabalho para estudar, tendo novamente de gerenciar as dificuldades que é conciliar estudo e trabalho. Muitos estudantes abandonam seus cursos pela dificuldade enfrentada (Lago, 2017. p. 26).

O jovem analisa sua vulnerabilidade social, busca por novas oportunidades para ajudar os pais no quesito financeiro, surgindo a indecisão e a insegurança em inserir-se imediatamente no setor laboral e até mesmo procurar um curso com grandes expectativas financeiras. Fernandes (2014) salienta que esses estudantes, devido a necessidade de sobrevivência, trabalham nessa fase e nem realizam os processos seletivos por estarem conscientes da falta de preparo para ingressar no Ensino Superior.

Segundo Valore e Cavallet (2012), o fator financeiro sempre se destaca, influenciando e limitando a escolha profissional de adolescentes, principalmente os que apresentam vulnerabilidade social. Isso porque o adolescente que convive com esta realidade visa o peso econômico que ela irá gerar, deixando muitas vezes de lado a escolha que o satisfaria para se dedicar à profissão que mais convém com suas condições econômicas.

A cada dia, novas mudanças surgem na sociedade e na economia. Ambas são influenciadas pelo domínio tecnológico, que tem como resultado o surgimento de novas carreiras e a exclusão de outras profissões, transformando o cenário do mercado de trabalho, exigindo que o adolescente se adapte e se qualifique para encarar esse mundo competitivo (Neiva, 2013).

A falta de recurso financeiro no ambiente em que o jovem está inserido o leva, por sua vez, a tomar atitudes que venham a desencontros com o seu futuro. A posição socioeconômica da família tem influência no desenvolvimento vocacional do jovem, na medida em que pode promover ou não possibilidades educacionais. A falta dessa possibilidade traz uma grande angústia aos jovens que, por causa dessa dificuldade, não conseguem desenvolver os seus projetos profissionais. Nesse sentido, Ferreira (2017) ressalta que:

A questão financeira é considerada como influência, pois o jovem muitas vezes deixa de fazer o curso que ele deseja ou seguir a profissão esperada por seus familiares por não ter condições financeiras ou não se encaixar em uma determinada classe social, mas às vezes a profissão escolhida é uma forma de ascensão social, já que poderá conseguir um bom emprego e ser valorizado. Para algumas famílias, a escolha de não fazer uma faculdade pode ser um problema, já que os pais investem desde muito cedo na educação de seus filhos com o objetivo de um diploma de ensino superior (Ferreira, 2017, p. 30).

A escolha profissional para alguns jovens se torna um passo importante para a estabelecer a independência financeira, por isso, não podem perder tempo para conquistar o que almejam. A escola é outro fator influenciador. Como instituição formadora, também pode repercutir na construção do indivíduo e, conseqüentemente, nas escolhas profissionais. Levenfus (2016, p. 77) esclarece que:

A escola possui um papel ativo; não podemos ocupar um espaço somente para a preparação para o vestibular ou qualquer outro processo seletivo, mas sim para a transição escola-trabalho. É preciso elaborar junto aos alunos projetos de carreira que não se encontrem no plano dos sonhos, ideais, mas que situem quanto ao preço que terão de arcar em algum momento pela opção que fizeram, trabalhando com suas possíveis frustrações.

A realidade é que a grande parte das escolas, especialmente as públicas, não tem espaço para a Orientação Profissional, o que pode não ser favorável, na medida em que os jovens não têm informação e nem preparação para enfrentar o mundo profissional. A escola deveria contribuir com o desenvolvimento geral do aluno, além da formação curricular, possibilitando ao jovem ferramentas que podem orientá-lo no momento da escolha profissional.

Nesse contexto, Neiva (2013) enfatiza que a escola tem uma influência muito grande na escolha. A partir do contato com as disciplinas, os alunos descobrem mais sobre suas afinidades, além da relação do professor com a profissão, que geralmente torna-se uma referência. Os professores são muitas vezes inspiradores na vida dos estudantes, podem contribuir com atividades para desenvolver o autoconhecimento nos alunos com aulas dinamizadas que envolvam atividade profissional. Nessa mesma perspectiva, a autora enfatiza que:

A maturidade e a autonomia precisam ser instigadas, estimuladas e promovidas em nossos jovens, para que eles possam compreender os movimentos sociais, os atravessamentos institucionais (políticos, familiar, educacional) e ter momentos de maior introspecção com os propósitos de autoconhecimentos para que possam se sentir como personagens atuantes na sociedade a fim de tomar uma decisão mais madura (Levenfus, 2016, p. 77).

A escola deve apoiar, oferecendo subsídios que ajudem os alunos a compreenderem a realidade profissional, apresentando propostas voltadas para a escolha profissional. Calônico Júnior (2015) relata que a Educação Básica proporciona conhecimentos, habilidades e senso crítico para a convivência na sociedade. Proporciona informações para que o indivíduo seja um cidadão de bem, que tenha a formação necessária para viver no ambiente produtivo e social.

Ainda sobre a escola, Ferreira (2017) evidenciou a importância do pedagogo na escolha profissional, as influências que os alunos recebem no processo de formação e a necessidade de um orientador para ajudar na decisão dos estudantes. O que se observa é que a escola, o professor, o pedagogo, são peças necessárias nesse processo e podem exercer grande influência na escolha profissional dos jovens. Para que essa etapa da escolha profissional seja de autoconhecimento e de novas descobertas, a escola precisa conduzir os alunos nessa decisão. Desta maneira, a questão da necessidade de promover atividades de Orientação Profissional será aprofundada na Seção 2.

Após entender o que é o Desenvolvimento Vocacional e as variáveis que podem influenciá-lo, como afinal se dão as escolhas profissionais?

1.4. A Escolha Profissional

Escolher faz parte da vida humana. No dia a dia, realizamos diversas escolhas, desde a mais simples, como o que comer no café da manhã ou o que vestir para ir trabalhar, até outras que exigem um pouco mais de reflexão, como decidir como ultrapassar um sinal de trânsito no amarelo ou não. Quando crianças, as decisões costumam ser mais simples, do tipo: brinco com o carrinho ou com a bola? Ao chegar na adolescência, na transição para a vida adulta, as escolhas começam a exigir um pouco mais de análise. Uma dessas escolhas que permeia a adolescência é a escolha de uma profissão. Para alguns jovens, essa escolha desperta certa angústia, dúvidas surgem e a insegurança tende a aparecer.

Embora as pessoas estejam habituadas a fazer diferentes escolhas ao longo da vida, as decisões profissionais implicam em refletir sobre o lugar em que se deseja trabalhar, a rotina de trabalho, as pessoas com quem vai se relacionar e o retorno financeiro. A ausência de um projeto profissional pode trazer consequências negativas ao estudante, que muitas vezes realiza uma escolha não consciente. Sobre esta questão, Lago (2017) afirma:

Nosso projeto profissional inicia-se nas vivências familiares, mas extrapola para os grupos posteriores e se configura em uma determinada realidade e contexto, portanto são muitos os fatores de apoio para o jovem desenvolver suas reflexões e ideias sobre como desenhar uma vida adulta. (Lago, 2017.p.24)

Nesse sentido, a escolha de uma profissão torna-se fundamental. Os desafios e as dúvidas no processo de escolha da profissão pelos jovens finalistas do Ensino Médio são cada vez mais frequentes. Muitos deles não têm noção de projeto profissional e buscam viver somente o presente, procuram atender as dificuldades imediatas, como um emprego para suprir suas necessidades, dificultando ainda mais a possibilidade/necessidade de fazer planos profissionais para o futuro. Sobre isso, Lago (2017, p. 70) afirma que:

Para contribuir com a complexidade do processo da escolha, o jovem está inserido em uma sociedade que preza pelo pragmatismo e tempo. Adota-se o lema ‘tempo é dinheiro’, como se a questão da vida rapidamente trouxesse muito mais chance de ascensão e sucesso. O jovem aprende a ter uma postura imediata com relação à vida.

Escolher uma profissão é um processo complexo porque é a escolha da atividade laboral que diz respeito ao futuro profissional. Além disso, é complicado pelas várias situações e necessidades que o indivíduo tem. Existem as análises das questões financeiras, familiares e sociais, dentre outras. A escolha profissional faz parte de um projeto de vida. A construção dele se dá ao longo do tempo e deveria ser intensificada ao longo do Ensino Médio.

É o momento em que o jovem olha para si, para os seus sonhos de futuro, bem como para seus desejos e aptidões. Ao mesmo tempo, precisa olhar para o mundo de maneira mais ampla, conhecer as profissões, mercado de trabalho, contextos político, econômico e social. Todo esse conhecimento deve estar presente no momento da tomada de decisão, quando o jovem opta pelo que pretende ser, fazer e almeja construir. Sendo assim:

Quando se pensa no processo de escolha profissional, é necessário uma reflexão sobre o porquê de se fazer uma escolha e como essa decisão irá contribuir na vida social do adolescente, pois o meio em que vivemos é cercado por relações com a família, amigos, cultura, costumes e tradições, relações políticas e de classes sociais, por isso não caracteriza-se para o adolescente apenas uma escolha, mas um processo global que em seu conjunto influenciam a decisão do adolescente (Ribeiro; Santos; Santos, 2019, p. 9).

Diante desse contexto, é possível perceber que escolher uma profissão não é uma ação simples para o adolescente, uma vez que é nessa fase da vida (segundo a teoria de Piaget citada anteriormente) que ele começa a desenvolver o pensamento abstrato, o pensamento hipotético dedutivo, que o permitirá projetar o futuro. Entretanto, a escolha profissional é o momento mais importante de um jovem, uma vez que, em geral, a maior parte do tempo da vida do homem é

ocupada pelo trabalho. Grande parte da população precisa trabalhar para sobreviver, logo, é difícil para as pessoas passarem a vida toda gastando energia com alguma atividade que não lhes dê prazer.

A escolha de uma profissão e a construção de um projeto de vida recebem influência de vários fatores, e necessitam de planejamento, tomadas de decisões e autorreflexão. Para Lago (2017):

Na confecção de um projeto de vida, o jovem deve considerar como um dos pontos de partida o conhecimento que tem de si mesmo. Esse autoconceito não é trabalhado nas escolas e, portanto, a empreitada da construção de seu projeto já começa com a alienação de quais são suas potencialidades e dificuldades (Lago, 2017, p. 29).

Segundo Neiva (2013, p. 47), “uma escolha profissional madura e consciente requer adquirir, analisar e intergrar conhecimentos, desenvolvendo atitudes e habilidades mentais que permitam aprender a decidir”. Todos esses processos torna-se complexos para os jovens, especialmente para aqueles não possuem orientação. A escolha profissional é um processo que envolve uma série de fatores. Ela exige alguma maturidade do jovem, para que o momento decisório seja consciente. Colombo e Pratti (2014) relatam que maturidade “se refere ao conjunto de atitudes e conhecimentos que o indivíduo acumula para realizar, de forma consciente e independente, sua escolha profissional” (Colombo; Pratti, 2014, p. 2). Levando-se em conta que o adolescente se encontra em processo de amadurecimento, é quase óbvio deduzir o quão complexo se torna a decisão profissional.

Nessa mesma perspectiva, Lago (2017) ainda afirma que “podemos, portanto, facilitar as escolhas quando nos conhecemos, pois conhecemos o que escolhemos (as profissões) e temos plena consciência de que, a cada escolha, deixamos uma infinidade de opções para trás. Não há como ter tudo” (Lago, 2017, p. 14). O jovem deve fazer uma reflexão sobre as possibilidades de informações sobre as profissões e autoconhecimento para ter autonomia e não gerar futuramente frustração na profissão.

Compreende-se que o homem é o sujeito de sua própria história, assim, tem autonomia de reverter inúmeras situações que influenciam sua vida e a escolha profissional é uma dessas situações. Essa escolha é um processo dinâmico que começa na infância e percorre por toda a vida, sofrendo influência de diversos fatores como: a família, as situações socioeconômica, psicológica e social, dentre outros. De acordo com Ferreira (2017, p. 24):

Para se ter uma boa escolha profissional no decorrer do Ensino Médio, o

jovem aluno precisa ter determinação para se sentir seguro de sua decisão, responsabilidade, independência para não ser influenciado por ideias contrárias, autoconhecimento e conhecer sua realidade educativa.

Quanto mais o indivíduo compreende e conhece os fatores que acompanham este processo, mais segurança e controle terá na escolha. Em simultâneo a todo esse contexto mais individual, o mercado de trabalho torna-se cada vez mais competitivo e exigente. De acordo com Levenfus (2016, p. 43), “os trabalhadores devem possuir um conjunto cada vez maior de competências, envolvendo conhecimentos, habilidades e atitudes para lidar com a carreira de forma eficaz”. É nesse contexto que ele vai consolidando a vida adulta, assumindo novos papéis sociais. Pereira e Stengel (2015) complementam esta ideia quando afirmam que: “Ao se planejar um projeto de vida profissional, não se pode ter certeza de seu sucesso, tampouco de seu fracasso, logo, é preciso mudanças de rotas e adequar à realidade conforme ela vai se mostrando” (p. 585).

Todo esse panorama apresentado demonstra o quanto a escolha de uma profissão pode ser complexa. A escolha profissional, como foi traçada até aqui, se dá com base na realidade de cada indivíduo, nas suas experiências e em todo o seu processo de desenvolvimento e nas interações com o meio. É uma decisão que gera impacto, uma vez que a escolha é limitada por vários fatores de tudo aquilo que é mais viável dentro do contexto de cada um, sendo, muitas vezes, contraditória aos seus próprios desejos e possibilidades.

Com o objetivo maior de auxiliar o indivíduo nesse processo, surgiu o serviço de Orientação Profissional. Ele é o auxílio para a compreensão dos interesses e necessidades pessoais e profissionais, a fim de contribuir para amenizar a indecisão profissional. A próxima seção explanará um pouco mais sobre isso.

2. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

A Orientação Profissional é um processo que auxilia o indivíduo na escolha de uma profissão e se aplica às diferentes fases da vida. Além de possibilitar a reflexão das condições do mercado de trabalho, das habilidades e dos anseios profissionais, auxilia o jovem a fazer uma escolha mais sensata.

Mas antes de aprofundarmos a temática, cabe uma diferenciação de termos. Em alguns momentos, vemos na literatura a expressão Orientação Profissional (OP) e em outros Orientação Vocacional (OV), como se tratasse da mesma coisa. Lago (2017) esclarece que os dois termos são utilizados para facilitar a escolha profissional, entretanto, com significados e perspectivas diferentes. Para os profissionais especializados, as diferenças são conceituais: a Orientação Vocacional se relaciona mais com o conceito de vocação, chamado ou predestinação, enquanto a Orientação Profissional equivale as aptidões, levando em consideração o contexto profissional e cultural. A autora afirma que “a modificação do olhar para o processo de Orientação Profissional é justificada como uma resposta mais assertiva aos novos padrões sociais de trabalho e de vida” (Lago, 2017, p. 15).

Atualmente, a Orientação Profissional é um conceito mais assertivo e amplo, é um método complementar que envolve a realidade externa da escolha e o mundo subjetivo de desejos e expectativas do indivíduo (Lago, 2017). Compartilhando com a mesma ideia, Araújo e Freitas (2017) confirmam a diferença entre Orientação Vocacional e Orientação Profissional afirmando que a primeira investiga os aspectos estruturais da personalidade do indivíduo e o segundo esclarece a profissão como áreas de atuação específica, entre outras dúvidas pertinentes, contribuindo para que o indivíduo tenha um melhor embasamento para a escolha profissional. Como se pode ver, ambas caminham juntas e precisam ser exploradas para facilitar na decisão do caminho a ser escolhido.

Portanto, a Orientação Profissional tem como finalidade capacitar a pessoa a fazer uma escolha. Dessa maneira, o orientando deve ser considerado como um ser ativo, com possibilidades de constante desenvolvimento, que busque conhecer a si mesmo e suas potencialidades e, ao mesmo tempo, ser consciente do ambiente em que vive, visando a um novo olhar sistêmico do mundo, de maneira que compreenda a posição mais clara do que será sua atividade laboral. Segundo Lago (2017):

A Orientação Profissional configura-se em um atendimento psicológico e, como tal, deve zelar pelo processo. Ao contrário da visão focada em resultado de “colocar o homem certo, no lugar certo”, a atuação do profissional é

direcionada para o desenvolvimento de seu orientando, de como ele percorre esse processo de aprendizagem de si (autoconhecimento), das suas possibilidades e de suas limitações (Lago, 2017, p. 120).

A Orientação Profissional realizada junto ao adolescente propicia informações que auxiliam seu desenvolvimento, como também a construção pessoal e profissional, a fim de que o indivíduo obtenha conhecimentos para que, na prática, tenha uma postura de enfrentamento em diversas situações (Duarte, 2013). Nesse sentido, o autor afirma que:

Quando falamos em Orientação Profissional, estamos trabalhando na maioria das vezes com um processo de escolha que se dá a um período de crise e de questionamentos e em busca de sua identidade. Imagine que nesse turbilhão de descoberta o jovem deva ser capaz de, no final do Ensino Médio, ter uma identidade estável, adaptar-se ao mundo adulto e conquistar a independência que está atrelada à carreira profissional. (Lago, 2017, p. 58).

Nessa mesma perspectiva, percebe-se que os jovens chegam à maioridade ao final do Ensino Médio e são cobrados a decidir que rumo seguir. Em muitos dos casos, o jovem não tem noção do que fazer no futuro.

No final do Ensino Médio, os jovens são cobrados de uma decisão com relação ao prosseguimento dos estudos superiores e qual a profissão ou curso seguir. É nesta fase, e principalmente no terceiro ano, que muitos jovens procuram ajuda para a construção do projeto profissional e tomada desta primeira decisão. Da mesma forma, os programas de Orientação Profissional oferecidos pelas escolas na maioria das vezes se destinam aos alunos do Ensino Médio (Neiva, 2013, p. 87).

Nesta mesma direção, Frabetti et al. (2015) compreendem que os processos de Orientação Profissional, com base nos modelos de referências e focando no contexto social, permitem que os jovens tenham conhecimento sobre si mesmos, sobre os acontecimentos que estão ao seu redor e informações relacionadas às questões profissionais e de trabalho. Podem amenizar os sofrimentos da escolha e futuramente consolidar as relações de trabalho. Concordando com estes autores, Lago (2017) complementa:

Uma das etapas importantes no processo de Orientação Profissional está em estabelecer meios para que esses jovens voltem a sua atenção para si mesmos. O jovem deve pensar suas rotinas, seus gostos, suas habilidades, suas dificuldades, seu passado e seus anseios futuros. Pensar em si proporciona um autoconceito e assegura a ele reconhecer quanto dele há em suas escolhas profissionais (Lago, 2017, p. 29).

Segundo Araújo e Freitas (2017), o processo de Orientação Profissional deve estar em concordância com a realidade sociocultural, econômica e todas as mudanças que estão em volta desse contexto. Tanto a Orientação Profissional quanto a Vocacional têm relevância ao promover atividades de autoconhecimento, auxiliando o indivíduo na resolução de seus conflitos e na decisão profissional, levando em consideração a construção de um projeto de vida. Em concordância com essa postura, Gomes e Pérez (2020) confirmam que:

A principal função da Orientação Profissional é oportunizar a reflexão sobre o que deseja para o futuro, trabalhando a perspectiva sobre o mesmo e meios possíveis de alcançar o que se deseja, a partir da promoção do conhecimento sobre si. É preciso considerar as características de cada grupo para uma formulação de projeto de vida alinhado com a realidade social, sem considerar que a decisão é individual e coletiva. Para além de uma escolha de carreira, a Orientação Profissional trabalha, prioritariamente, com o desenvolvimento do sujeito, seu autoconhecimento para que sua escolha seja de modo consciente (Gomes; Pérez, 2020, p.29).

Sendo assim, a Orientação Profissional se configura como facilitadora, ao promover o autoconhecimento, conhecimento das profissões disponíveis e contexto do mercado de trabalho para que o jovem possa estar melhor preparado para a realização de uma escolha com autonomia e consciência.

De acordo com Rosa e Luz (2017), a Orientação Profissional-OP no Brasil teve início em 1924, com a criação do Serviço de Seleção e Orientação Profissional para os alunos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Surgiu com um cunho pedagógico, mas ainda continuava com o interesse na análise do perfil do indivíduo com fins de atender às necessidades e às exigências do mercado industrial.

Já em 1947, foi criado o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), da Fundação Getúlio Vargas. Naquele momento, seu papel era apontar, por exemplo, a aptidão vocacional do indivíduo para a matemática ou para o português, ou seja, o objetivo era relacionar as aptidões dos trabalhadores e os requisitos impostos pela profissão, ou seja, o ajustamento entre o trabalhador e o trabalho, mediante estudo científico das aptidões e vocações do primeiro e dos requisitos psicofisiológicos do segundo (Dias; Silva; Pacheco, 2022).

O ISOP, durante os dez primeiros anos, desenvolveu um trabalho voltado principalmente para a implantação de técnicas de seleção e Orientação Profissional, ofertado à classe média alta, numa tentativa de orientação da futura elite dirigente. Foi responsável pela formação dos primeiros especialistas na área da Psicologia (Dias; Silva; Pacheco, 2022). Assim, a Orientação Profissional no Brasil foi marcada por ser uma prática vinculada a psicometria,

com o objetivo de atender às demandas e exigências do mercado profissional.

2.1 Orientação Profissional no Contexto Escolar

Orientação Profissional (OP), como esclarecido anteriormente, é uma ferramenta que orienta o jovem para o caminho a ser percorrido para desempenhar os papéis profissionais na sociedade. Proporciona o autoconhecimento e informações da profissão e do mercado profissional. Daí, a importância da OP, indicada principalmente para os jovens que estão na fase escolar. Conforme Dias, Silva e Pacheco (2022):

É na escola que se tenta resolver o que aparece como problemático, seja no âmbito da família, seja no campo discente ou docente. Atribuiu-se a responsabilidade para a escola sobre o que fazer com o próprio desejo dos alunos e estabeleceu-se que é nas instituições de ensino que se deve aprender sobre sexualidade, gastronomia, balé, judô, astronomia e, por que não, decidir uma profissão. É controversa a ideia de que as escolas, principalmente as públicas, assumem a responsabilidade de falar sobre temas importantes, polêmicos e necessários, mas que excluem a possibilidade de tornar o jovem consciente no que tange a seu futuro profissional, seja ele ingressando num curso superior ou no mercado de trabalho (Dias; Silva; Pacheco, 2022, p. 12-13).

É ao final da Educação Básica, majoritariamente, que o jovem se depara com a responsabilidade de escolher qual profissão seguir. É nesse momento que se vê, na maioria das vezes, perdido, com dúvidas sobre o seu futuro profissional, o que inclui uma gama de valores, vontades e incertezas. Além de alguma angústia ao observar os amigos evoluindo, tem de administrar a pressão dos pais, bem como o medo de não conseguir algo na vida (Levenfus, 2016).

Diante disso, a OP, no contexto escolar, vem sendo destacada na literatura, geralmente com alunos de Ensino Médio, demonstrando a necessidade do serviço de Psicologia e da Orientação Profissional nas escolas. Vale lembrar que o Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996, Artigo 35), estabelece a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, continuidade nos estudos; preparação inicial para o trabalho e o exercício da cidadania do educando para continuar aprendendo, adaptando-se às novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento; o aprimoramento dos estudantes como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Dessa forma é possível perceber que, ao concluir o Ensino Médio, o estudante é

desafiado a definir seus projetos de vida, o que demonstra a relevância da Orientação Profissional aos estudantes.

Conforme Pessenda, Mascotti e Cardoso (2018), a Orientação Profissional no contexto escolar é importante para orientar os jovens nesse momento tão significativo do processo da escolha profissional e, assim, contribuir para que estejam preparados para encarar as grandes dificuldades e a buscar novos caminhos para realização dos projetos de vida. Para Levenfus (2016):

[...] Espaços de aprendizagem e troca no que se refere à prática de Orientação Profissional, que é tão ou mais importante que as questões cognitivas e das ferramentas de aprendizagem. O papel da escola quanto à formação do jovem não pode ficar restrito aos conteúdos curriculares. É necessário que a instituição seja ativa na orientação da aplicabilidade prática do conhecimento que está sendo disponibilizado, assumindo um papel de facilitadora no processo de inserção do adolescente no mundo social, político e econômico (Levenfus, 2016, p. 66).

A ausência da Orientação Profissional destinada aos alunos da etapa escolar da Educação Básica prejudica, alarmantemente, o Ensino Superior, gerando, como uma das consequências, o alto índice de evasão nas universidades (Neiva, 2013). Quando as escolhas são imediatistas, ou seja, sem muita reflexão (sem conhecimento sobre si e nem informação suficiente da profissão) por parte do estudante, é grande a probabilidade de frustração no futuro (e esse futuro pode ser bem próximo, logo nos primeiros períodos do curso). Vale ressaltar que há grandes índices de evasão nas universidades cujos dados indicam que o jovem evadiu, desistiu ou trocou o curso porque não se identificou com a escolha inicial, talvez pelo fato de ter assumido uma vaga/oportunidade e não uma escolha explorada e analisada (Carvalho, 2014).

Nesta mesma linha de pensamento, Levenfus (2016, p. 94) propõe "que a Orientação Profissional na escola se configure como uma prática de construção de projetos e supõe que estes devem levar em conta o bem comum, [o que] pode parecer um desafio bastante difícil diante do indivíduo e do imediatismo contemporâneo". A escola poderia oferecer a Orientação Profissional aos jovens, a possibilidade de discussão sobre a realidade social, assim como uma preparação mais consciente sobre o mercado profissional. A autora conclui afirmando que:

[...] a escola precisa ter espaço para discutir e orientar o profissional do futuro, criando atividades que discutam conceitos, como democracia, justiça social, solidariedade e responsabilidade compartilhada. Continuo a pensar e agir da mesma forma, aplicando, exercitando o meu papel de orientadora profissional, porém, após esses anos, dediquei-me a pesquisar e entender um pouco mais sobre o jovem de hoje, sobre a forma como ele tem chegado ao Ensino Médio, principalmente ao nível de maturidade (Levenfus, 2016, p. 71).

Neiva (2013) complementa fazendo um alerta sobre a falta de apoio de programas de Orientação Profissional na escola. Jovens que não têm essa orientação realizam suas escolhas sem maturidade suficiente para uma decisão assertiva. Corroborando com esta ideia, Moreira e Faria (2015) pontuam que a educação tem como objetivo principal a formação individual, dar possibilidades de saberes científicos, sociais, profissionais e as diversidades culturais, para que os futuros profissionais possam estar preparados para enfrentar e lutar para amenizar as grandes desigualdades sociais. Nesse mesmo sentido, Freitas e Resende (2020) salientam que “[...] a escola não deveria se omitir da ação de educar e de pensar, com urgência, estratégias de apoio aos alunos em sua ‘transição juvenil para a vida adulta’, auxiliando-os a pensarem, também, na escolha de uma profissão” (Freitas; Resende, 2020, p. 484).

É óbvio que um dos papéis da escola é fornecer possibilidades e não deve visar somente à formação do mercado de trabalho, mas sim oferecer o desenvolvimento integral do aluno. Nesse sentido, Levenfus (2016) argumenta que:

O currículo das escolas estabelece objetivo e atividades que variam de acordo com o ano do aluno, o que facilita o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem, além de ser essencial uma boa estrutura física, organização dos conteúdos e uma metodologia de ensino. Desta forma, há um respeito com a aprendizagem e desenvolvimento do aluno, porém, essas estratégias devem ser adaptadas à realidade do aluno, professores, comunidade escolar e principalmente os recursos disponíveis. Com esses objetivos, as escolas devem oferecer um ambiente que favoreça o aprendizado, que o aluno sintase instigado e saiba a importância da escola para o seu futuro (Levenfus, 2016, p. 33).

Nesse contexto, o professor é a figura central nessa referência, por estar presente na trajetória dessa etapa, e contribuir com as diversidades de informações. O “papel do educador é servir de ponte, sendo o conector entre o aluno e a geração desse panorama mais amplo, possibilitando que o estudante se conscientize de maneira autônoma acerca das diversas opções profissionais existentes” (Sousa; Oliveira; Albarello, 2020, p. 822).

O Projeto Pedagógico das escolas deveria contemplar a Orientação Profissional para que acontecesse uma educação voltada à construção de projetos profissionais e de projetos de vida (Valore e Cavalett, 2012). As autoras destacam que os jovens de classes desfavorecidas têm limitações quanto à escolha de uma formação ou profissão pelo fato de não terem apoio de exploração das profissões e do mundo.

As classes populares quase nunca são beneficiadas com um trabalho de Orientação Profissional, por não terem acesso e não conhecerem essas possibilidades na comunidade ou na instituição de ensino e, muitas vezes, se distanciam de um curso superior ou de especialização,

excluindo-os do seu projeto de vida e, conseqüentemente, do seu futuro (Dias; Silva; Pacheco, 2022).

A Orientação Profissional no âmbito educacional, na realidade, ainda é um privilégio das classes mais elevadas e são poucos os que têm acesso a esse serviço (Fernandes, 2014). A escola é um ambiente privilegiado que promove a educação formal, onde se desenvolvem as potencialidades cognitivas e se promove a inserção para o trabalho (ou, pelo menos, deveria, de acordo com a LDB). A OP, nesse cenário, deve “estar comprometida com os propósitos de aproximar a escola da vida, de integrar as práticas pedagógicas com as necessidades dos discentes e de contribuir para o fortalecimento do diálogo entre todos os atores envolvidos” (Levenfus, 2016, p. 81). Ou seja, há necessidade de que o educador auxilie no planejamento para o futuro dos jovens.

Percebendo a relevância da OP no contexto educacional, foi realizada, pela autora dessa dissertação, um artigo do tipo “revisão de escopo”, sobre Orientação Vocacional e Profissional no contexto escolar, com o objetivo de conhecer o que tem sido pesquisado e publicado no Brasil. O estudo intitula-se “*Cenário da Publicação Científica dos últimos 10 anos sobre Orientação Profissional no Contexto Escolar*”, e está publicado na Revista Cocar, v. 19, nº 37, 2023².

A partir dos parâmetros definidos na metodologia da revisão, foram analisados 14 artigos publicados entre os anos de 2013 e 2022. Após a leitura dos artigos, eles foram agrupados em três categorias a saber: 1-Tecnologias e escolha profissional; 2- Interesses vocacionais e 3- O papel da escola na escolha profissional.

A categoria 1 - “Tecnologia e escolha profissional” - discute questões referentes à escolha profissional na era tecnológica. Diante das crescentes transformações sociais envoltas da globalização, escolher uma profissão não é pensar em algo tão linear uma vez que as profissões estão em constante evolução/adaptação. Nessa categoria, apenas um artigo foi alocado.

A categoria 2 - “Prática da orientação vocacional e profissional” - alocou dois artigos. A modernização e a evolução tecnológica fizeram com que surgissem novas atividades no mercado de trabalho e, por outro lado, algumas deixaram de existir. Essas mudanças impõem conhecimentos teóricos e práticos no campo profissional.

Já a categoria 3 - “O papel da escola na escolha profissional” - agrupou a maior parte dos artigos analisados (onze dos quatorze).

² Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7775>>

A finalidade do estudo foi apresentar uma revisão de escopo de artigos publicados nos últimos dez anos quanto à participação da escola nas escolhas profissionais de seus discentes. Os dados ajudam a compreender como o liceu pode oferecer recurso da Orientação Vocacional e Profissional com o desígnio de auxiliar o processo de escolha.

Percebe-se, inicialmente, o ínfimo número de artigos publicados no período analisado. Levando em conta a relevância da Orientação Profissional/Vocacional no contexto escolar, tem-se, em média, uma publicação por ano sobre a temática, o que nos leva a pensar que esse processo não tem recebido a devida atenção.

Analisando o teor dos artigos, considerando a conjuntura profissional contemporânea, na qual novas profissões têm surgido de forma acelerada, modificando o cenário mais estável com o qual estamos acostumados, apenas um artigo ousou se aproximar do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação na Orientação Profissional/Vocacional na escola.

Dois artigos abordaram a conceituação da Orientação Profissional/Vocacional destacando a pertinência na vida do estudante bem como a maturidade vocacional como parte inestimável do desenvolvimento dos jovens, possibilitando uma escolha profissional mais refletida.

A maior parte dos artigos (onze de quatorze) tratou mais diretamente da participação da escola na Orientação dos alunos no que diz respeito à realização de uma escolha profissional. Vários aspectos são comuns nas pesquisas analisadas, entre eles: (a) a falta de informação dos alunos sobre a variedade de percursos possíveis, tanto no que diz respeito a cursos superiores quanto cursos técnicos/profissionalizantes; (b) o pouco autoconhecimento dos alunos, que se relaciona com a baixa autoestima e, conseqüentemente, aumenta as dúvidas sobre o caminho a seguir; (c) a necessidade de a escola olhar para o aluno de maneira integral, percebendo suas limitações e/ou fragilidades ligadas ao contexto social no qual estão inseridos, para além dos muros da escola. Tais contextos muitas vezes determinam o caminho do jovem: quanto mais limitadas as condições socioeconômicas, mais dificuldades eles apresentam em planejar o futuro e acreditar em suas potencialidades.

Por fim, foi assinalada a falta de políticas públicas para o setor da Orientação Profissional/Vocacional na escola. Cada uma promove a Orientação de forma diferente. Os serviços são mais ofertados nas escolas privadas do que nas públicas e faltam profissionais qualificados para realizar essas atividades. Ainda nesse sentido, foi ressaltada a imprescindibilidade da Orientação Profissional/Vocacional ser inserida na escola desde o Ensino Fundamental, seguindo até a conclusão da Educação Básica, uma vez que as reflexões sobre a vida profissional podem melhorar a qualidade de vida futura dos jovens.

Diante do exposto, foi possível observar que há uma demanda de Orientação Profissional/Vocacional na escola. A escola tem o papel de incentivar e oferecer a seus alunos ferramentas e programas de Orientação Profissional/Vocacional, pois trata-se de uma instituição de formação, que desenvolve as potencialidades cognitivas dos discentes. No entanto, infelizmente, percebemos que grande parte delas ainda não proporciona esse suporte para os estudantes.

É preciso que as escolas promovam espaços de reflexão, discussão e informação sobre os processos de decisão para a escolha profissional, facilitando esse momento e permitindo que os alunos adquiram a maturidade para as atitudes de competências exigidas no mundo profissional. Assim, poderão auxiliar na construção de projetos de vida que envolvam a escolha da profissão, tornando este processo mais consciente e eficaz.

3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta seção discorre sobre as etapas que constituem a pesquisa aqui proposta. Descreve os caminhos investigados para que se entenda de forma mais profunda a temática intitulada “Desenvolvimento Vocacional e Escolhas Profissionais: O olhar dos estudantes sobre a participação da escola”.

3.1 Caracterização da pesquisa

O estudo, para o pesquisador, é primordial a partir de um aprofundamento teórico para que se tenha o entendimento do objeto estudado. Nesse caso, foi realizado por meio da revisão de estudos nas bases de dados de periódicos da CAPES, Google acadêmico e Scielo. Nesse sentido, John Creswell e David Creswell (2021, p. 21) afirmam que “os estudos precisam contribuir para a literatura sobre um tópico e a seção de revisão de literatura no trabalho final são, em geral, organizadas para iniciar no problema maior e ir até a questão mais delimitada, que trata dos métodos de estudos”.

Adotou-se nesta pesquisa a abordagem mista (qualitativa e quantitativa) bem como a técnica do estudo de caso. Com a utilização destas abordagens, foi possível produzir análises mais consistentes do problema da pesquisa. Nesse sentido, Creswell (2010) afirma:

A pesquisa de Método Misto é uma abordagem de investigação que combina e associa as formas qualitativa e quantitativa. Envolve suposições filosóficas, o uso de abordagens qualitativas e quantitativas é a mistura de duas em um estudo. Por isso, é mais que uma simples coleta e análise de dados; envolve também o uso de duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada (Creswell, 2010, p. 27).

A junção destes métodos adotados teve a finalidade de fortalecer a análise de dados para a compreensão da questão. A escolha de uma abordagem mista justifica-se pela interação entre elas, apesar de cada uma ter uma técnica diferente, podendo-se extrair o melhor resultado de ambas para dar uma melhor resposta ao problema. Creswell e Creswell (2021) afirmam que a pesquisa mista “envolve coleta de dados qualitativos (abertos) e quantitativos (fechados) em respostas às questões ou hipóteses de pesquisa.

Em relação à natureza dos objetivos, a pesquisa apresentada é descritiva por apresentar “[...] características de determinada população, fenômeno ou estabelecimento de relação entre as variáveis” (Gil, 2010 p. 280), de tal maneira que prescreve os fatos da realidade, registrando,

analisando, compreendendo e encontrando alternativas para solucionar a questão apresentada sem utilizar qualquer interferência do pesquisador sobre esta, qual seja: a participação da escola nas escolhas profissionais dos estudantes na perspectiva desses.

No que diz respeito ao Estudo de Caso, na visão de Gil (2010, p. 58), “[...] é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado.” Na pesquisa aqui apresentada, possibilitou conhecer a percepção de todos os alunos frequentantes do Ensino Médio de uma escola pública.

André (2013) enfatiza que o Estudo de Caso educacional surgiu por volta de 1960-1970 centrados apenas em uma particularidade, seja um grupo de alunos ou uma escola. Vale lembrar que isso começou com a pesquisa quantitativa. Nos anos de 1980, houve grandes discussões sobre o crescimento de estudos com enfoques qualitativos e, dessa maneira, o Estudo de Caso ressurgiu ainda com poucos estudos nas análises, contribuindo com um sentido mais abrangente a partir dos contextos e dados reais (André, 2013). Atualmente, diante dos grandes avanços da ciência, o Estudo de Caso ganhou novos olhares educacionais podendo compreender as relações humanas, comportamentos e os acontecimentos escolares do dia a dia. Ainda, o Estudo de Caso contribui analisando minuciosamente o objeto estudado. Envolve questões de “como” e “por que”, possibilitando ao pesquisador se envolver com a pesquisa defendendo seu objeto de estudo com suas narrativas e justificativas relatando porque a temática deve ser pesquisada (André, 2013). Com isso, busca mostrar a realidade como ela é, retratando as formas divergentes de um grupo social.

3.2 Lócus e Participantes da pesquisa

A pesquisa realizada teve como lócus uma escola estadual situada na área urbana de Humaitá-AM. A escola selecionada atende ao programa Ensino Médio Inovador do governo federal, a qual conta com 14 professores.

A seleção da escola ocorreu pelo critério de conveniência. Este tipo de critério está relacionado à escolha do público pelo fato de que a escola ofereceu acesso e disponibilidade aos participantes e à pesquisadora. Alguns fatores nortearam essa seleção: a instituição atender estudantes de 1ª a 3ª série do Ensino Médio em ambos os períodos, estar localizada no centro da cidade e também já foi espaço de trabalho da pesquisadora, o que facilitou a sua aproximação com a gestão. Vale lembrar que foi observado durante a prática em docência questões de dúvidas dos estudantes sobre o futuro profissional.

A pesquisa foi desenvolvida no ano de 2023 e participaram dela estudantes matriculados

na 1^a, 2^a e 3^a série³ do Ensino Médio, dos períodos matutino e vespertino, de uma escola estadual pública em Humaitá-AM. A escolha deste público explica-se pelo fato de os estudantes do Ensino Médio estarem em transição, na fase da adolescência que coincide com uma das etapas da Educação Básica. Nesse momento, os estudantes geralmente apresentam dificuldades para fazer uma escolha profissional.

Como critérios de inclusão dos participantes na pesquisa, foram utilizados: (1) estar regularmente matriculado na escola; (2) estar frequentando as aulas; (3) concordar em participar da pesquisa. Como critérios de exclusão tivemos: (1) discente que não esteja frequentando às aulas no semestre da coleta de dados; (2) discentes menores de idade (menos de 18 anos) que na data agendada para a coleta de dados não apresentaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE assinado pelos pais e/ou responsáveis legais; (3) discentes que não aceitaram participar da pesquisa.

Nesse contexto, obtivemos a participação de 234 alunos, que são caracterizados na Tabela 1. Em relação ao sexo, observamos que 40 % são estudantes do sexo masculino e 60 % do sexo feminino.

Tabela 1 - Caracterização dos participantes

Idade	Série	participantes	Percentual
14 e 15 anos	1 ^a	96	41%
15 e 16 anos	2 ^a	56	24%
17, 18 e 19 anos	3 ^a	82	35%
		234	100%

Fonte: Elaborada pela autora com dados da pesquisa (2023).

3.3 Instrumentos e métodos

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: Escala de Exploração e Investimento Vocacional – EEIV-BR (Fernandes, Gonçalves, Oliveira, 2014) complementada por um Questionário Sociodemográfico-QSD contendo questões semiestruturadas e o Grupo Focal-GF (parte qualitativa).

A EEIV-BR é um instrumento de autorrelato, composto por 28 itens respondidos de

³ Adotamos a nomenclatura de 1^a, 2^a e 3^a série do Ensino Médio de acordo com as orientações da SEDUC-AM.

acordo com uma escala do tipo *likert* de 6 pontos sendo (1) Discordo totalmente, (2) Discordo raramente, (3) Discordo às vezes, (4) Concordo raramente e (5) Concordo às vezes, (6) Concordo totalmente. É distribuída em 5 dimensões que são formados por agrupamentos de frases com questões sobre o aspecto vocacional dos jovens.

A primeira dimensão, **Exploração Vocacional**, avalia o momento em que o jovem procura se conhecer, questionar, é a moratória vocacional. A segunda dimensão é do **Investimento**, que analisa se o indivíduo realmente fez a exploração de investimento e está preparado para a escolha. A terceira dimensão é a **Difusão**, momento em que o jovem não explora nem investe. A quarta dimensão, **Floreclosure**, mostra a tendência a excluir escolhas. Nesta questão, o jovem faz investimentos sem ter, de fato, refletido ou feito a exploração vocacional. E a quinta dimensão, **Floreclosure em relação aos significativos**, que revela o jovem que faz o investimento, mas não apresenta comportamento de exploração vocacional, ou seja, procura se realizar através de projetos outorgados por outras pessoas como os amigos, pais, professores entre outros (Fernandes, Gonçalves, Oliveira, 2014). Concluídos, os questionários foram entregues para a pesquisadora que orientou o preenchimento do segundo documento.

Já o QSD é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de questões semiestruturadas sobre dados sociais, familiares, educacionais e econômicos. O objetivo deste instrumento possibilitou compreender e caracterizar quem são os participantes da pesquisa através das variáveis no que se refere a sexo, idade, renda, as pessoas que contribuem na renda, nível de escolaridade dos pais, a profissão dos pais, se já sabem o que fazer logo após os Ensino Médio, o que pode ter contribuído para as escolhas, se os familiares conversam sobre o projeto futuro, em relação a faculdade ou emprego, se pensam em fazer faculdade e se já escolheram o curso.

A importância de se trabalhar com o Grupo Focal foi tentar compreender de diferentes pontos de vista, como os estudantes desenvolvem as suas escolhas vocacionais e profissionais. Nesse sentido, Gatti (2005) afirma que:

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado (Gatti, 2005, p.11).

A interação entre os participantes de um GF é primordial para que se alcance os fins desejados da pesquisa. Assim,

Visando a abordar questões em maior profundidade, pela interação grupal, cada grupo focal não pode ser grande, mas também não ser excessivamente pequeno, ficando sua dimensão preferencialmente entre 6 a 12 pessoas. Em geral, para o projeto de pesquisa, o ideal é não trabalhar com mais de dez participantes. Grupo maior limitam a participação, as oportunidades de trocas de ideias e elaborações, o aprofundamento no tratamento do tema e também os registros (Gatti, 2005, p. 05)

A pesquisa com grupos focais permite também a compreensão de ideias compartilhadas por vivências e discussões permitindo reflexões aos participantes sobre o tema. Corroborando com Gatti (2005), Barbour (2009, p.21) enfatiza que: “O estímulo ativo à interação do grupo está relacionado, obviamente, a conduzir a discussão do grupo focal e garantir que os participantes conversem entre si em vez de somente interagir com o pesquisador ou moderador”. O interessante que esse tipo de instrumento ajuda muito o pesquisador porque faz com que os participantes interajam entre si, sempre direcionando para compreender coletivamente a temática em questão.

3.4 Procedimentos da Coleta de Dados

Ao iniciar a pesquisa na referida instituição, foi indispensável um primeiro contato com a gestão da escola para que houvesse a explanação da pesquisa e os objetivos almejados, com a posterior assinatura do Termo de Anuência que autoriza a participação da escola no estudo, bem como o acesso aos alunos. Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética (CAEE: 67486622.9.0000.5020), deu-se início à pesquisa de campo efetivamente. O primeiro passo foi o contato com os alunos. Foi entregue a eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE, seguido por uma leitura cuidadosa explicando os objetivos da pesquisa e da participação deles, lembrando que o referido Termo deveria ser assinado pelos pais ou responsáveis, bem como o Termo de Assentimento Livre Esclarecido-TALE, assinado por eles e entregues para a pesquisadora, em dia agendado para a realização da pesquisa.

O primeiro instrumento aplicado foi o Questionário Sociodemográfico-QSD, colhendo informações sobre os dados educacionais, econômicos, familiares e com o objetivo de caracterizar os participantes da pesquisa, o qual foi seguido pela Escala de Exploração de Investimento Vocacional - EEIV-BR (Fernandes, Gonçalves, Oliveira, 2014). O uso da EEIV-BR teve o intuito de avaliar como os adolescentes constroem, exploram e fazem investimentos

nas escolhas profissionais. Na coleta com este instrumento, participaram todos os estudantes (n=234). A coleta aconteceu nas salas de aula de cada turma pela pesquisadora, acompanhada do(a) professor(a) da disciplina ministrada no dia e horário previamente agendados junto a gestão da instituição escolar. Cada aluno recebeu a escala para o preenchimento escrito, juntamente com o questionário. Para isso, foi estipulado o tempo de 60 minutos para cada turma (para completar 60 minutos, entramos em acordo com cada professor da aula seguinte para ceder 10 minutos para a conclusão da coleta).

Antes do início do preenchimento do QSD, a pesquisadora fez leitura em voz alta de cada questão para esclarecer o sentido de cada um. Neste questionário, os participantes deveriam indicar se concordavam ou não em participar do Grupo Focal. Dos 234 estudantes 70 sinalizaram desejar participar do GF, na etapa qualitativa.

Para essa etapa, dos 70 participantes com indicativo de concordância de participação, foram selecionados, por meio de sorteio, 12 estudantes de cada série nos dois períodos. No entanto, os estudantes do período matutino não foram liberados pela gestora para participar do grupo, uma vez que precisavam recuperar conteúdo e participar de uma palestra que estava programada e não poderia ser alterada. Já no período vespertino, participaram 12 estudantes de cada série, totalizando 34 participantes. O Grupo Focal foi realizado na sala de aula de Artes da escola, com cada turma separadamente. No início da dinâmica com o grupo, a pesquisadora lembrou do questionário anterior, do tema, do TCLE e explicou que estavam ali porque haviam sinalizado desejo de participar daquele grupo. O momento foi filmado e gravado e posteriormente foi transcrito cada relato fazendo um paralelo com as filmagens levando em consideração todas as informações da conversa da pesquisadora e participantes, buscando os sentidos dos relatos.

O tempo de duração com cada grupo foi de 60 minutos. Durante o GF, os estudantes puderam expor suas vivências com o tema e compartilhar as influências comuns nas escolhas profissionais, sinalizando a participação da família, da comunidade escolar, amigos, entre outros. Nessa oportunidade, percebemos a necessidade de incentivar a fala como também lembrar o que foi apresentado no primeiro encontro, para que se começasse com as informações direcionadoras para compreendermos nosso estudo.

Para a apresentação dos resultados, especificamente, as falas dos alunos, foi utilizado nome fictício a fim de preservar o anonimato da escola e dos participantes, conforme preconizado no Termo de Anuência e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Intitulamos cada participantes com a letra E (Estudante), identificando cada ano pelo número, e letra do alfabeto para identificar os estudantes, sendo exposto da seguinte maneira, estudante

da 1ª série: E1 (E1A, E1B, E1C, etc.) 2ª série : E2 (E2A, E2B, E2C, etc.) e 3ª série E3: (E3A, E3B, E3C, etc.)

3.5 Análise dos Dados

Após aplicação da Escala EEIV e Questionário Sociodemográfico, foi dado início à tabulação dos dados, com o auxílio do *software* estatístico SSPS (*Statistical Package for Social Sciences*). A tabulação de dados é a transformação das informações coletadas para que se possa proceder com as análises. As análises recorreram à Estatística Descritiva que corresponde à soma de valores do grupo, divididos pelos números de valores do grupo. E utilizamos também a ANOVA para analisar as diferenças entre as médias que são estatisticamente significativas para comparar a variabilidade entre os grupos. De acordo com Barbetta (2002), sobre a aplicação de técnicas estatísticas, ele afirma que:

Embora a aplicação de técnicas estatísticas seja feita basicamente na etapa de análise dos dados, a metodologia estatística deve ser aplicada nas diversas etapas da pesquisa, interagindo com a metodologia da área em estudo. Não é possível obter boas informações de dados que foram coletados de forma inadequada (Barbetta, 2002, p. 22).

O uso da estatística básica permitiu responder ao objetivo “b” (Em que etapa do DV os estudantes se encontram), cujo instrumento foi a EEIV-BR.

Para responder aos objetivos “c” (Verificar como os estudantes percebem a participação da escola na construção do projeto profissional) e “d” (Conhecer as atividades/ou eventos realizados pela escola com foco na Orientação Profissional para a construção dos projetos profissionais), cujo instrumento foi o Grupo Focal, foi utilizada a Análise Temática.

A Análise Temática teve a finalidade de identificar, analisar, interpretar e descrever os temas. Na visão de Braun e Clarke (2006), na relação de um tema, mostra que a ideia já traz uma abordagem sobre os dados da questão de pesquisa que representa um padrão nas respostas. Conforme Jovchelovitch e Bauer (2013), é uma técnica de redução e codificação dos textos para a análise qualitativa. O final resultou na interpretação das conversas, juntando as informações dos participantes com a da pesquisadora. Nesse sentido, Braun e Clarke (2006, p. 3) afirmam que: “através da sua liberdade teórica, a análise temática fornece uma ferramenta de pesquisa flexível e útil, que pode potencialmente fornecer, um conjunto rico e detalhado, ainda que complexo de dados”. A Análise Temática dá possibilidades de apresentar um conjunto de informações detalhadas sobre uma temática para serem identificadas. Em outras palavras, o

tema é o principal produto da Análise Temática. Logo, fica evidente que ele faz a junção de ideias que ajudam o pesquisador a compreender o problema da pesquisa.

Para compreender todos esses dados e fazer uma análise robusta das informações coletadas, recorre-se ao método de Triangulação de Dados. Este oferece aos pesquisadores a exploração de novos enfoques, um vasto campo de possibilidades de informações e variedades de práticas interpretativas com o propósito de compreender melhor o assunto que está em questão. A triangulação de dados, de acordo com Flick (2009), utiliza de metodologias distintas, para realizar coleta de dados e análise de diferentes formas, com grande rendimento teórico usufruindo dos mesmos.

A triangulação, como pode ser observado na figura 1, faz uma combinação entre as abordagens qualitativas e quantitativas de forma mais clara e completa para compreender o fenômeno estudado. Conforme Tuzzo (2016) salienta, diante de tantas mudanças no mundo moderno é preciso de metodologias capazes de considerar novos olhares e prismas sobre objeto em questão que possui vários lados e muitas formas para se interpretar e que é impossível de ser contemplado em apenas um ângulo.

Figura 1 – Triangulação dos dados



Fonte: Elaborado pela autora

Sendo assim, para a análise, os três instrumentos embasados pela teoria tringularam. Considerando o que a literatura enfatiza sobre a questão, comparamos os dados da EEIV-BR e QSD, de acordo com as respostas dos estudantes, e fizemos uma relação com os dados produzidos no GF de acordo com as colocações dos estudantes, como mostraremos na próxima seção com as discussões e resultados da pesquisa

4. A ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DOS PROJETOS PROFISSIONAIS: O QUE DIZEM OS DADOS

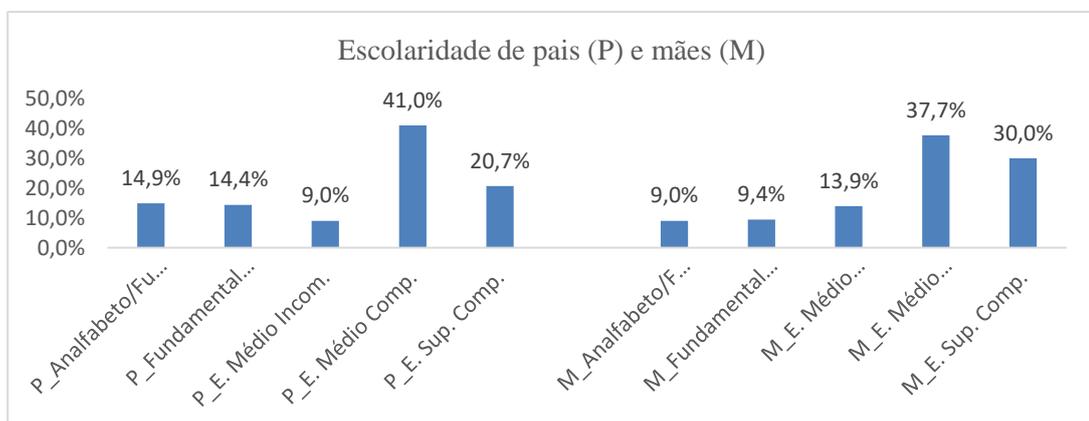
Essa seção apresenta os resultados obtidos e a análise dos dados no que diz respeito à construção dos projetos profissionais dos estudantes de 1^a, 2^a e 3^a série do Ensino Médio com 234 estudantes, com o intuito de responder à problemática e contemplar os propósitos do estudo. Como já foi mencionado anteriormente, utilizamos o Questionário Sociodemográfico – QSD, a Escala de Exploração de Investimento Vocacional – EEIV-BR e o Grupo Focal para a coleta dos dados com 34 estudantes, sendo 18 estudantes do sexo feminino e 16 do sexo masculino entre 15 a 18 anos. Algumas falas não foram expostas pelo fato de alguns estudantes concordarem sinalizando com a cabeça que concordavam com as narrativas dos colegas.

Na sequência, apresentamos os resultados e discussões em quatro tópicos, a saber: (1) Fatores que influenciam o Desenvolvimento Vocacional; (2) Em que etapas do Desenvolvimento Vocacional se encontram os participantes; (3) O que os estudantes dizem sobre a participação da escola na construção do projeto profissional; (4) Atividades/ou eventos realizados pela escola com foco na Orientação Profissional para a construção dos projetos profissionais.

4.1. Fatores que influenciam o Desenvolvimento Vocacional

Na seção 1.3, foi descrito o que a revisão da literatura apresenta como os fatores que podem influenciar o Desenvolvimento Vocacional e as escolhas profissionais entre eles: fatores familiares e econômicos. Nos dados coletados nessa pesquisa, iniciamos abordando a escolaridade dos pais, que pode ser observada na figura 2.

Figura 2- Escolaridade dos pais



Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2023)

Verifica-se que aproximadamente 80% dos genitores possuem Ensino Médio completo e 50% têm Ensino Superior completo. A escolaridade elevada dos pais geralmente influencia de forma positiva a continuidade dos estudos pelos filhos. Ao passo que “Verifica-se que os pais com o seu nível baixo de escolarização não têm a formação escolar como prioridade, uma prática comum nas classes desfavorecidas brasileiras” (Freire, Roazzi; Roazzi, 2015, p, 36).

Os dados demonstraram a influência positiva do nível de escolaridade dos pais, uma vez que se verifica que 81,6% dos participantes almejam dar continuidade aos estudos seguindo para o ES logo após a conclusão do EM. Alguns estudos mais antigos⁴ comprovaram essa dinâmica, como demonstram Oliveira e Melo-Silva (2010), que realizaram um estudo que buscou compreender influências das variáveis sociodemográficas e acadêmicas nas trajetórias profissionais de estudantes. O resultado demonstrou que os pais que possuem Ensino Superior interferem de maneira direta no desempenho dos estudantes. Alves (2010) encontrou evidências de que filhos de pais com escolaridade média ou superior apresentam melhor desempenho escolar do que aqueles cujos pais têm escolaridade até o nível fundamental.

O apoio familiar é importante para o jovem tomar uma decisão ponderada. Sobre a família, Levenfus (2016, p. 127) ressalta:

Há diversos estilos que a família pode assumir diante da escolha profissional de um filho. Por exemplo, há famílias que se apresentam com o desejo de que o jovem seja feliz, outras que querem exercer o total controle, há famílias que são desenganjadas e, ainda, famílias que cujo primeiro critério diz respeito às condições de mercado de trabalho (Levenfus, 2016, p. 127).

É notório que o jovem precisa desse apoio familiar, grupo que proporciona toda a estrutura de bases significativas, de referências que se constituirão no desenvolvimento do indivíduo. Quando o estudante convive em um lar harmonioso, consegue desenvolver as potencialidades emocionais e esse apoio familiar torna mais flexível a escolha. Como se observa nas falas dos participantes.

“Eu e a minha mãe, a gente conversa muito sobre a questão da minha profissão, ela me incentiva e me conta sobre a vida dela. Fico feliz quando ela chega do trabalho animada dizendo que gosta do que faz, eu me imagino assim também (EIA).”

“Eu quero fazer faculdade de Odontologia quando acabar o Ensino Médio. Meus pais conversam muito comigo, me apoiam pagando cursinho porque disseram que não vão pagar faculdade para mim, me incentivam a estudar e fazer aquilo que gosto desde

⁴ Embora os estudos de Oliveira e Melo-Silva e Alves, academicamente já tenham “extrapolado seu tempo de vida” (10 anos), não foram localizadas produções mais recentes que tenham abordado essas informações. Por essa razão, optou-se em trazê-los nessa análise de dados.

pequena, mas não apontam o que tenho que fazer (E2C).”

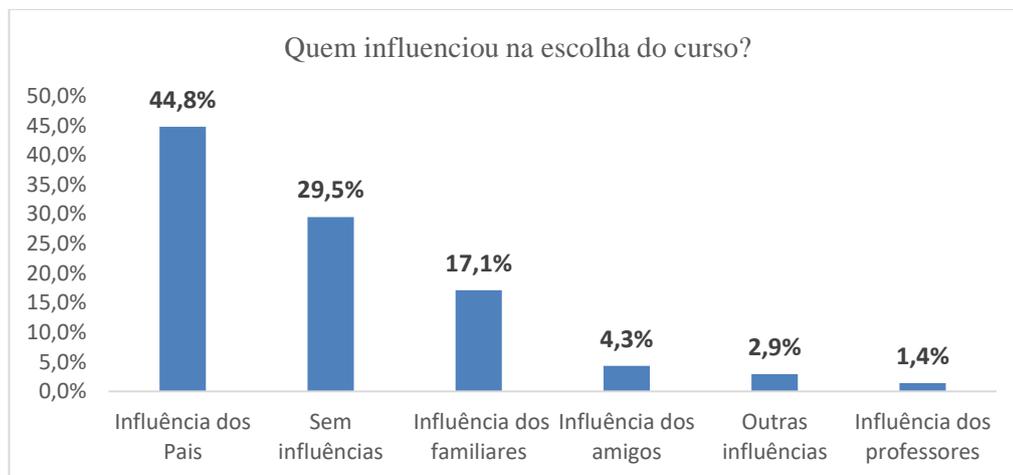
“Os meus pais conversam e me apoiam na minha decisão, me dão conselhos e fazem eu pensar no que vou fazer futuramente. Sempre me orientam a ter um segundo plano na vida (E3G).”

“Até no começo do ano passado, tinha a expectativa de ser jogador de futebol, ganhar muita grana. Estava dando certo, tinha passado na peneira, mas depois vi que não ia dar certo. Já me decidi: vou fazer Direito. Eu tomei essa decisão por causa dos meus pais, é o sonho deles, vou dar orgulho e eu quero realizar o sonho deles. (E1C).”

“A minha família me dá certo apoio no que eu vou fazer, mas ainda estou pensando no que realmente pretendo seguir (E3F).”

Nas palavras de Levenfus (2016, p.25), “o apoio diz respeito não somente aos objetivos que se possa alcançar, mas ao apoio emocional e moral em escolhas difíceis, situações mal sucedidas e reorientação”. A partir desse apoio, a família deve contribuir com acompanhamento, desenvolvendo informações, experiências que alertam para as dificuldades das questões profissionais.

Figura 3- Influenciadores na escolha do Curso



Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2023)

É notório que alguns pais criam expectativas de que os filhos possam realizar os seus sonhos não realizados, bem como alguns filhos que desejam seguir a profissão dos pais:

É no intercâmbio familiar que se constroem fantasias e expectativas em torno de um filho, que ocupará algum lugar no mundo simbólico grupal, constituindo, neste universo, seu próprio mundo simbólico, sendo a subjetividade considerada a partir das representações do indivíduo (Levenfus, 2016, p. 129).

Nesse sentido, é possível perceber o poder de influência da família na escolha profissional:

Quem de nós não conhece histórias de filhos que seguiram determinada profissão por que os pais assim determinaram, porque tinham que dar continuidade aos projetos dos pais, porque já iriam herdar o consultório, escritório ou clientes dos pais? Ou ainda, para realizar o desejo ou os sonhos que os pais não puderam realizar? Nestes casos, estaríamos referindo-nos a escolhas outorgadas por parte dos jovens às figuras significativas (neste caso, aos pais) (Fernandes, 2014, p. 46).

Além dos fatores apresentados ao longo da discussão, percebemos que estudantes buscam também inspirações nos professores para a escolha profissional, como mostra a narrativa de E2D e E2F (grifos da autora):

Eu escolhi Biologia e Química. Quero me tornar professora de Biologia, acho interessante, eu quero trilhar o mesmo caminho da minha professora e chegar mais longe ainda (E2D)

Eu escolhi Odontologia, mas tenho uma segunda paixão, influenciado pela professora de português, gosto de escrever, gosto de escrever novelas (E2F).

Sobre essas falas, Levenfus (2016) nos sinaliza que:

É muito interessante observar que, em geral, os professores influenciam seus alunos a gostarem ou não de suas disciplinas, mas têm grande dificuldade de que isso também ocorra em relação aos projetos profissionais dos alunos, remetendo necessariamente à autoavaliação de carreira e dos próprios projetos profissionais (Levenfus, 2016, p.36).

Diante do mencionado, os professores são modelos inspiradores na maioria das vezes para seus alunos, tanto pela suas ações quanto pelos seus entendimentos, cuja opinião é transmitida da maneira que o estudante possa ver o mundo profissional.

Como já foi mencionado ao longo da narrativa, é importante o apoio ao estudante no momento da escolha. Por outro lado, alguns alunos do GF relataram a ausência da comunicação entre pais e filhos. Vejamos como os estudantes verbalizam sobre isso:

“Meus pais não conversam sobre a escolha profissional (E1B).”

“Meus pais trabalham o dia inteiro. Quando chegam, estão cansados. É difícil conversar com eles sobre a profissão (E1H).”

“Os meus pais não conversam sobre a minha escolha da profissão (E2F).”

“Eu, na verdade, ainda não tenho certeza se quero medicina. Os meus pais não falam nada sobre o meu futuro. A gente nunca parou para falar sobre a minha profissão (E2D).”

“Em casa, ainda não paramos para conversar sobre o meu futuro. Meus pais ainda não têm essa visão de me orientar (E3C).”

Os participantes citados relatam a ausência de conversa com os pais. Essa ausência muitas vezes causa problema na interação pai-filho. A presença familiar é importante para a construção de sua identidade.

Nem todos os pais posicionam-se claramente com relações às suas expectativas. Muitos se comportam de maneira silenciosa, respeitando as decisões dos filhos, afirmando apoiar qualquer escolha. O problema surge quando essa posição revela dificuldade em dizer o que pensam, estabelecer limites, interagir, participar e conversar (Levenfus, 2016, p. 35).

A falta de comunicação pode resultar em consequências e reflete no desempenho dos estudantes, pois além de não estabelecer comunicação entre eles, dificulta na resolução de problemas e incide na tomada de decisões adequadas. Sobre essa questão, Levenfus (2016, p.58) evidencia que:

Os adolescentes exploram na imaginação ou na realidade na tentativa de escolhas baseadas cada vez mais em seus interesses, capacidades e aspirações pessoais em seu projeto de futuro. Com uma fase de intenso desenvolvimento da identidade individual (ainda incipiente) e pela permeabilidade às influências do meio em que convivem, eles se sentem inseguros, principalmente quando não têm informações suficientes e/ou adequadas das oportunidades educacionais e do mundo do trabalho.

A inexistência do diálogo com os filhos sobre a sua educação pode fragilizar o apoio e a conexão entre estudantes, escola e família. Quando os pais mostram falta de conhecimento e de informações sobre a escola dos filhos, deixa-os cada vez mais inseguros na tomada de alguma decisão. De acordo com Levenfus (2016),

Para que os pais possam oferecer a comunicação desejada, deveriam ter suporte da escola de seu filho, recebendo informações amplas tanto a respeito do desenvolvimento humano quanto das carreiras e do mundo do trabalho. Assim, os sujeitos pesquisados referem que os pais podem vir a aconselhar os filhos especificamente quanto à carreira, quando necessário, mas sem influenciar suas escolhas (Levenfus, 2016, p. 25).

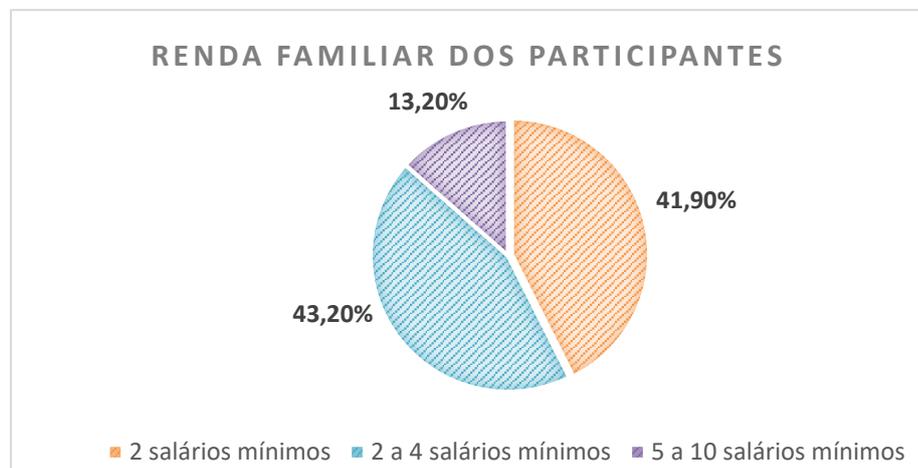
Outro ponto a se levar em consideração é a questão financeira da família. No que diz respeito aos aspectos socioeconômicos, pode-se verificar que a maior parte dos estudantes (85%) possui uma renda familiar entre 2 e 4 salários mínimos⁵, conforme pode ser observado na Figura 4. Sobre quantas pessoas moram na casa, variou entre 1 a 12 pessoas, sendo a média das

⁵ Foi utilizado como base o valor do salário-mínimo de 2023, a saber: R\$ 1.302,00. Fonte: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/dezembro/divulgado-o-valor-do-novo-salario-minimo-para-2023>.

famílias composta por 4 pessoas. Destes, em média, 2 (dois) contribuem com renda familiar.

Esses números estão de acordo com os dados do IBGE⁶, que mostram que a renda *per capita* no Amazonas é em torno de R\$ 1.172,00. De acordo com o Atlas da vulnerabilidade social nos municípios brasileiros (IPEA, 2015, p.54): “Na região Norte (mapa 26), 41,9% dos municípios estão no grupo de IVS muito alto. O estado que apresenta maior percentual de municípios nessa faixa do IVS é o Amazonas, com 80,6%, seguido do Pará, com 63,6%”. Embora os dados da vulnerabilidade sejam de 2015, sabe-se que uma realidade econômica não sofre grandes alterações em pouco espaço de tempo, logo, é possível, a partir deles, refletir sobre o contexto socioeconômico da região onde a pesquisa foi realizada.

Figura 4- Caracterização da renda familiar



Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2023)

Nas famílias que vivem em contexto de vulnerabilidade social, os adolescentes, em alguns casos, observando as necessidades, optam por adentrar no mundo do trabalho e não dar continuidade aos estudos. Vejamos:

“Vou trabalhar futuramente no comércio. Vou fazer um curso técnico, depois fazer uma faculdade de Arquitetura (E3E)”.

“Primeiro vou fazer um curso técnico, trabalhar e depois entrar em uma faculdade, ainda vou pensar (E2E)”.

“A maioria dos estudantes que termina o Ensino Médio quer sair daqui para fazer uma faculdade ou curso técnico, depois se arrepende por não ter condição de continuar (E3H)”.

“Se caso tiver que sair daqui por causa do curso que quero ou ficar, vou dar um jeito de fazer o que gosto (E3G)”.

⁶ Fonte: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/panorama>>.

Conforme Ferreira (2017), a questão financeira é considerada como influência, o estudante, na maioria das vezes, deixa de fazer o curso que deseja ou seguir a profissão esperada por seus familiares por não ter condições financeiras ou não se encaixar em uma determinada classe social, mas, às vezes, a profissão escolhida é uma forma de ascensão social, já que poderá ter bom retorno financeiro e ser reconhecido profissionalmente. Alguns estudantes percebem que precisam trabalhar para depois ingressar em uma faculdade. A esse respeito, os autores salientam:

Falar de fatores que influenciam ou interferem no processo de escolha não seria completo se não destacarmos os fatores econômicos que é exatamente o ponto forte da sociedade capitalista, pois esse fator é que, em muitos casos, gera desvios no projeto do adolescente. Nem sempre as opções por uma profissão coincide financeiramente com o contexto familiar do adolescente, em muitos casos, são feitos caminhos alternativos para se chegar à auto realização profissional (Ribeiro; Santos; Santos, 2019, p.11).

Nesta etapa de desenvolvimento humano, de acordo com as classes sociais, a adolescência tem o término precoce. O contexto socioeconômico pesa e essa interferência passa a ser um grande desafio. Alguns adolescentes, percebendo a sua realidade financeira, iniciam a atividade profissional bem cedo, prolongando de forma inconsciente, ou até mesmo não conseguindo realizar o que deseja, não tendo tempo ou oportunidade em pensar efetivamente em escolher uma carreira. Terruggi, Cardoso e Camargo (2019) salientam que famílias de baixa renda precisam do apoio dos jovens que começam a ingressar no mundo do trabalho precocemente, para ajudar financeiramente no sustento familiar.

4.2. Em que etapa do Desenvolvimento Vocacional se encontram os participantes?

Recordemos inicialmente que o Desenvolvimento Vocacional é entendido como um processo que ocorre ao longo do ciclo vital e sofre diversas influências ao longo do desenvolvimento, incluindo o contexto social frequentado pelo indivíduo. Nas palavras de Fernandes (2014),

O desenvolvimento vocacional é um processo que ocorre ao longo do desenvolvimento humano, sob o impacto de diversas influências contextuais micro e macrosociais, atingindo um dos pontos mais decisivos quando o adolescente jovem decide qual o curso superior a que se irá frequentar. Esta decisão vai interferir no estilo de vida e projetos vocacionais que o jovem passará a construir, podendo ou não responder às expectativas e investimentos que o realizem e lhe permitam estar de forma empenhada e confiante face aos desafios do futuro (Fernandes, 2014, 77).

Ou seja, o Desenvolvimento Vocacional se constrói em vários contextos que influenciam o indivíduo no momento decisivo do rumo que se quer seguir. Nas afirmações de Fernandes, baseada em Márcia (1966), para que aconteça a construção dos projetos profissionais:

[...] o jovem passará inevitavelmente por momentos onde predominarão momentos de exploração (moratória), de investimento com exploração (*achiever* - identidade realizada), ou investimentos sem exploração (*Foreclosure* - identidade outorgada) ou ainda a ausência de projetos profissionais, ou seja, a ausência de exploração e de investimentos (*Diffuser* - Difusão) (Fernandes, 2014, p. 90).

Desta forma, o ideal é que o estudante, para escolher uma profissão, tenha *explorado* as alternativas possíveis para *investir* naquela com a qual de fato se identificou, pelas diversas razões e experiências vivenciadas até o momento da escolha. Mas, nem todos *exploram para investir*. Vão existir situações em que o jovem parece preso em *explorações*, não conseguindo decidir em qual profissão vai investir. Outros, vão *investir* em uma profissão tendo *explorado* as alternativas ou sem ter *explorado*. E o que pode ser o pior panorama é o jovem que não tem ou não conseguiu construir um projeto profissional, ou seja, nem explorou e nem está disposto a investir em “algo”; são aqueles que não têm um plano para o futuro.

Informamos na caracterização dos participantes (item 3.3, Tabela 1) que contamos com a participação de 234 estudantes, com idade média de 16 anos, distribuídos nas três séries do Ensino Médio. Olhando para as variáveis do Desenvolvimento Vocacional (Tabela 2), o nível em que os estudantes se encontram (objetivo específico “b”), é possível perceber que a média maior é na dimensão Investimento (M= 4,09; DP=1,14), seguida pela Exploração (M=3,21; DP=1,18).

Tabela 2 - Dimensões do Desenvolvimento Vocacional

Dimensões	Média	Desvio Padrão
Exploração	M= 3,21	DP= 1,18
Investimento	M= 4,09	DP= 1,14
Difusão	M= 2,05	DP= 1,09
<i>Foreclosure</i> TEE	M= 3,04	DP= 1,27
<i>Foreclosure</i> SIG	M= 1,91	DP= 0,88

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2023)

Esses dados (maiores médias na dimensão Investimento) confirmam o fato de 81,6% dos estudantes terem afirmado que querem prosseguir nos estudos e desses, 64,9% já fizeram a escolha do curso superior que desejam frequentar (Tabela 4), ou seja, estão prontos para investir em uma profissão.

Tabela 3- Ingresso no ES e Escolha do Curso

Deseja ingressar no ES		Já escolheu o curso?			
		SIM	NÃO	TALVEZ	Total
SIM	81,6%	64,9%	17,3%	17,8%	100%
TALVEZ	12%	0	46,4%	53,6%	100%

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2023)

É perceptível que quando o jovem passa por momentos de exploração moratória, conduz a sua escolha com propriedade. Para Fernandes (2014),

O estatuto de identidade Moratória caracteriza-se por um intenso período de exploração da parte do sujeito em desenvolvimento, mas ainda se vê confrontado com dificuldades em tomar uma decisão sobre o caminho a seguir. No que diz respeito especificamente ao domínio vocacional, os jovens, neste momento processual, têm consciência da necessidade de tomar uma decisão, por isso se envolvem nos processos de exploração vocacional do mundo do trabalho e das formações, confrontando-se com várias alternativas a ponderar (Fernandes, 2014, p. 90).

Entende-se que a motivação para a realização da escolha deve ser intrínseca, para realizar atividades que lhes tragam satisfação e prazer, evitando tornar-se um profissional frustrado. Nesse momento, os estudantes argumentam que escolheram porque realmente gostam. Levenfus (2016, p. 43) esclarece que: “inicialmente, o jovem realiza tentativas de escolhas em função dos conhecimentos que tem das suas características pessoais, obtidos por meio de conversas com amigos ou na imaginação - fase do gosto: Então, eu vou fazer”. Após esse processo de exploração, os estudantes estão mais equilibrados, seguros e mais capacitados para fazer a escolha profissional. De acordo com Fernandes (2014):

[...] identidade realizada vai caracterizar o domínio que, após um processo de exploração e ponderação de várias alternativas, estão preparados e capacitados para realizarem e reconstituem o investimento vocacional. Neste momento do processo, os jovens sentem-se mais equilibrados, seguros e confiantes, por terem conseguido consolidar e incorporar os investimentos realizados durante o processo de exploração (Fernandes, 2014, p. 90-91).

Quando se faz uma Exploração mais consistente, os estudantes passam a ter mais segurança em suas escolhas e, portanto, estão prontos para Investir em uma profissão como se observa nas falas dos alunos:

“Eu quero fazer em uma Universidade Federal, ou onde oferece Medicina Veterinária, eu escolhi, me aprofundi, pesquisei sobre a profissão e me apaixonei, gosto de fazenda, animais, de cavalo, é pelo que eu me interessou, o que eu gosto (E1E).”

“Quero fazer Biologia, quero prestar o concurso para perícia criminal, eu gosto e assisto muito filme sobre isso (E1L).”

“Eu pretendo terminar o Ensino Médio e fazer Contabilidade, prestar concurso para Policial Federal e depois Forças especiais da PRF (E2A).”

“Já escolhi qual o curso vou seguir, escolhi Odontologia porque é um curso que sempre veio na minha cabeça e acredito que vou seguir a profissão(E2F).”

“Quero fazer Direito, pretendo passar no concurso de Auditor Fiscal, tenho planos de montar alguma coisa bem concreta se caso não conseguir me estabilizar, mas como na vida pode dar certo ou não, eu penso, mas o principal é passar no concurso (E3G).”

“Eu pretendo fazer Direito porque no futuro quero me formar em advogada criminalista (E3I).”

Entretanto, algo chama a atenção na conversa com os estudantes que também aparece no desejo ou não de ingressar no Ensino Superior (Tabela 4): a dúvida (12% dos estudantes não sabem se vão cursar o Ensino Superior). Essa é uma preocupação constante na vida dos estudantes. A esse respeito, Rosseto et al, (2022, p. 2) ressaltam que “[...] meio a esse período de transições importantes na vida do indivíduo que causam muitas dúvidas e inseguranças, ainda há a tarefa de escolher a futura profissão, tarefa essa que, devido aos fatores mencionados, não é fácil”. Ou seja, culturalmente, a fase da escolha da profissão acontece na adolescência, ao final do Ensino Médio, quando os jovens se tornam mais suscetíveis à insegurança, não se sentem preparados, tão pouco são desafiados a construir um projeto profissional.

A esse respeito, Fernandes (2014) destaca:

A exploração e o investimento na escolha vocacional são de fundamental importância ao final de uma etapa de estudos como o que acontece com os adolescentes que, ao concluírem o Ensino Médio, precisam optar ou pela entrada imediata no mundo do trabalho ou por uma formação superior. No entanto, o sentimento mais comum na realidade brasileira é a indecisão vocacional pela ausência de oportunidades que sejam atrativas para os jovens (Fernandes, 2014, p.82).

Nesse contexto, é possível perceber dúvidas e desconforto sobre a profissão por parte dos estudantes. Quando o jovem não reflete sobre si, pode apresentar certa dificuldade para

escolher uma profissão, pois a falta de autoconhecimento traz essas implicações. Neste sentido, a formação do autoconhecimento tem implicações fundamentais para o processo de Desenvolvimento Vocacional e deveria ser trabalhado na Educação Básica (Levenfus, 2016).

O que se sabe é que nem sempre os estudantes estão decididos sobre qual profissão irá seguir. Além do mais, são várias opções disponíveis de carreiras para seguir, o que provoca questionamentos, insegurança e dúvidas. Envolvem uma série de questões, muitos refletem qual a profissão lhes proporcionará satisfação e retorno financeiro ou qual será aquela de que vai gostar. Vejamos algumas afirmações a esse respeito:

“Ainda não me decidi, antes até pensava na área da saúde, mas já desisti (E1B).”

“Estou em dúvida em Direito, Odontologia, mas tenho vontade também em ser fotógrafa, não sei de onde saiu essa vontade (E1H).”

“Na verdade, estou em dúvida, ainda não escolhi o certo, não tenho certeza se quero fazer Medicina (E2G).”

“Ainda não fiz a escolha, são muitas escolhas e é difícil não ter certeza do que vai ser na vida, tudo tem um porém, mas vale a pena (E3B).”

“Eu ainda não decidi, estou em dúvidas entre dois cursos: Administração ou Direito (E3F).”

“Ainda tenho muitas dúvidas, não sei se faço Medicina ou se faço uma prova da Marinha, sei que tenho que correr atrás, mas acho que vou fazer Medicina (E3J).”

“Ainda não tenho certeza do que eu quero ser (E2J).”

“Eu estou pensando, mas não sei se vou fazer faculdade (E3 I).”

“Tenho muitas dúvidas sobre fazer curso de Direito porque trabalhei no escritório há dois meses, gostei muito da profissão, mas penso em Pedagogia, mas não tenho certeza. Sei que não quero na área da saúde, minha mãe é endoscopista, minha família está envolvida na saúde, pela minha criação, eu quero fugir da área da saúde (E2L).”

“Ainda não escolhi. No início queria ser médico, agora não sou muito chegado a sangue, meus pais queriam que eu fosse médico, mas não dá, decidi que não é o meu foco. Tenho ainda 2 anos para me preparar (E1G).”

Diante dos relatos dos participantes em meio a essas dúvidas, apesar das dificuldades em tomar uma decisão, é possível se preparar de muitas formas para passar nesse processo com alguma tranquilidade. A Orientação Profissional pode ser uma alternativa de grande ajuda, facilitando esse momento de escolha, auxiliando os estudantes a compreender as variáveis que devem levar em consideração, principalmente, os aspectos pessoais, interesses, suas aptidões, bem como ter o conhecimento aprofundado das informações das profissões para, assim, fazer uma escolha com segurança e tranquilidade.

O fato de o estudante ter pouco conhecimento sobre si mesmo e a falta de clareza do que ele quer fazer causa um certo receio no momento de se identificar com alguma profissão. Com relação à identificação da profissão, Lago (2017, p. 72) argumenta que:

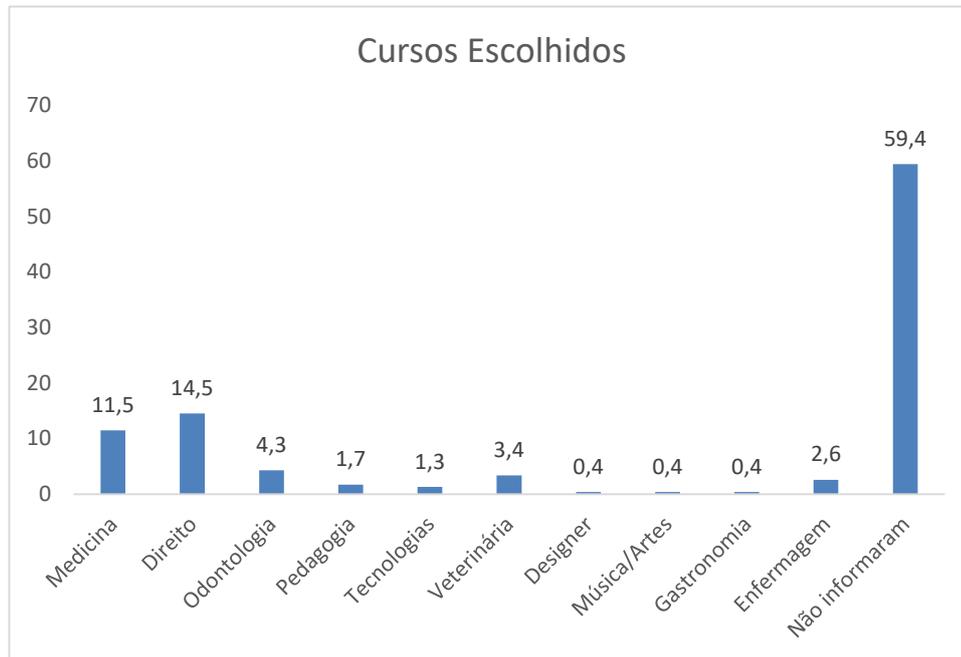
Identificar-se com a profissão diminui o receio do mercado, porque assume-se mais responsabilidade com a própria formação. De maneira geral, o jovem percebe as dificuldades de partir para o mercado de trabalho, mas a maneira e a intensidade com que lida com as dificuldades estão relacionadas à identificação com a sua escolha.

Nas palavras de Araújo e Oliveira (2016), entre possibilidades, crenças e atitudes, os jovens têm pouca clareza quanto ao que serão/farão no futuro. Estas dúvidas e dificuldades ocorrem devido a inúmeras mudanças que acontecem, incluindo o aumento crescente do número de profissões no mercado de trabalho. Nesta mesma direção, Lago (2017, p. 70) afirma que:

À medida que a tecnologia se desenvolve e reconfigura o mundo, as pessoas vão ganhando mais facilidade, ao mesmo tempo, deparando-se com novas dificuldades no mercado de trabalho. Uma nova dificuldade para o jovem é a seleção de uma área para ingressar no mundo do trabalho. Parece que a escolha ficou mais difícil, uma vez que nos deparamos com uma infinidade de possibilidades, o que anteriormente não acontecia.

A autora deixa claro que, cada vez mais, esse processo de escolha profissional tem se tornado mais difícil para o adolescente selecionar uma área para a sua formação. No QSD, foi possível verificar essa dúvida de maneira bastante significativa. Dos 81,6% dos estudantes que já têm certeza do prosseguimento dos estudos, seguindo para o Ensino Superior, 35,1% ainda não escolheram o curso (Tabela 4), o que piora, naturalmente, entre aqueles que não têm certeza se vão continuar os estudos ou não (12%), pois estes nem sequer desejam/vislumbram um curso a seguir (Tabela 4). Dentre os alunos que declararam o curso escolhido, verifica-se uma prevalência de cursos considerados de elite. Esses não são oferecidos na cidade em que a pesquisa foi realizada e costumam demandar ter altos investimentos financeiros. A Figura 5 apresenta as escolhas citadas.

Figura 5 - Curso Superior escolhido



Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2023).

Por sua vez, os alunos que declararam ter dúvidas ainda na escolha do curso (35,1%), localizam-se nas dimensões *Foreclosure* TEE ($M= 3,04$; $DP= 1,27$) e *Foreclosure* SIG ($M= 1,91$; $DP= 0,88$).

Na dimensão *Foreclosure* TEE, temos o jovem que está disposto a fazer investimentos em uma carreira sem ter explorado várias possibilidades (TEE), vejamos um exemplo:

“Eu escolhi Medicina Pediátrica, gosto de crianças, eu cuido dos meus sobrinhos (E1F)”

“Vou fazer Odontologia porque minha família me incentiva, mas eu gosto mesmo é de jogar futebol (E2B)”.

Esses participantes não exploraram as carreiras possíveis. O primeiro generalizou o seu gosto em cuidar de crianças para a profissão de Pediatria. Existem várias profissões que “cuidam de crianças” que ele “excluiu” sem sequer avaliar (tendência a excluir escolhas – TEE). Já o segundo não fez a escolha, ele não explorou as possibilidades, está seguindo a sugestão da família.

Sobre a dimensão *Foreclosure* SIG, temos, portanto, jovens que irão realizar projetos outorgados por pessoas significativas (SIG). As médias encontradas nessa etapa do DV confirmam dados coletados no QSD quando os alunos informam as pessoas que contribuíram para a escolha do curso, destacando os pais como os que mais influenciaram, o que pode ser

observado na Figura 3.

O ideal é fazer as escolhas de acordo com seus interesses pessoais, mas tem certa ocasião em que essa escolha é feita por influências das relações familiares (*Foreclosure* SIG). Conforme Ferreira (2017), os pais e familiares formam uma rede de relações em que, com a convivência, se torna um fator de influência na decisão dos filhos contribuindo para que, ao terminar o Ensino Médio, os filhos tenham planos profissionais a seguir. Entretanto, esses planos/projetos estão sendo construídos sem o devido processo de exploração, tão importante para a futura realização pessoal e profissional. A esse respeito Levenfus (2016) enfatiza que:

Ao longo dessa fase, se torna gradativamente mais realista, em parte por uma autoavaliação de interesses e preferências por determinado conteúdo e, em parte, por percepções mais diferenciadas e estruturadas do mundo escolar e profissional. É o início do estágio de exploração do Desenvolvimento Vocacional (Levenfus, 2016, p. 57).

Esta fase é importante porque o indivíduo explora a si mesmo, buscando compreender seus interesses, os papéis ocupacionais das pessoas e o mundo profissional. Apesar disso, muitos filhos se espelham em seus pais e muitos pais depositam em seus filhos a oportunidade de concretizar seus sonhos por não terem conseguido alcançá-los.

Observando o relato dos estudantes, é possível perceber que para eles, por meio de informações, diálogos e pessoas significativas próximas, vão moldando e formando as impressões de um determinado tipo de trabalho. Ou seja, o estudante fará Investimento sem ter feito a Exploração Vocacional, procurando realizar os projetos outorgados por outra pessoa, o que caracteriza a dimensão *Foreclosure* em relação aos Significativos (grifos da autora):

“Estou com muitas dúvidas nos cursos de Letras, Psicologia e Medicina Veterinária. São cursos que eu gosto, penso em Medicina Veterinária porque minha irmã me deu ideia de montar um consultório com ela, que está se formando em Agronomia (E2G).”

“Eu já me decidi: quero ser Anestesiologista. Escolhi a área de saúde porque gosto de ajudar as pessoas, por influência da mãe, quando vi que ela falava que gostava da área dela. Comecei a pesquisar e sempre perguntava como tinha sido o dia dela, aí comecei a gostar da área da saúde, mas quem sabe me identifique com outra área, mas tem que ser na saúde (E1A).”

“Eu já fiz minha escolha, vou fazer Engenharia Civil, eu escolhi por influência do meu pai, que é que meu pai fez, ele é engenheiro, escolhi pela profissão dele eu gostei, por achar um trabalho fácil (E3A).”

De certo modo, a escolha pode ser encarada como orgulho para a família ou ainda como uma forma de respeito aos pais. Vejamos o que dizem Oliveira e Dias (2013):

A influência familiar pode ser percebida com maior facilidade no momento da escolha profissional. As expectativas dos pais podem aparecer de diferentes formas, seja através da expressão de opinião, oferta de apoio, discordância, incentivo a determinadas atividades que interessam os pais, ou através da pressão para que os filhos optem por determinada profissão (Oliveira; Dias 2013, p. 62).

Retomando sobre o estudante realizar as vontades dos pais, tal atitude pode ser positiva na medida em que traz satisfação aos pais, entretanto, pode ser negativa à medida em que se torna um peso ter que seguir uma profissão que não traz sucesso pessoal ao jovem.

Na medida em que os pais escolhem a profissão dos filhos, acabam tirando a autonomia e a maturidade dos mesmos de fazer uma escolha coerente, o que pode ser reproduzido em outros momentos da vida. Em outras palavras, o jovem precisa entender que cada um tem sua vida e sonhos diferentes, embora alguns pais não tenham tido a oportunidade de realizar seu sonho (seja por falta de recursos para estudar ou ter que morar em outra cidade), os pais já passaram por esse momento inicial de escolha profissional, agora é o momento dos filhos.

Ainda dentre as dimensões do Desenvolvimento Vocacional, temos os estudantes que se encontram em Difusão ($M= 2,05$; $DP= 1,09$). Essa dimensão relaciona-se com a inexistência de processos de Exploração e de Investimento Vocacional, ou seja, a ausência de projetos profissionais futuros. A falta de determinação, preparo e motivação são aspectos que dificultam as escolhas, e isso reflete as características da dimensão de Difusão. Para Fernandes (2014):

O estatuto de difusão caracteriza sujeitos que vivem num vazio de projetos; ou seja, nem exploram nem investiram num caminho a seguir. Algumas vezes podem apresentar algumas preferências profissionais, mas dão a impressão de que podem desistir facilmente se forem confrontados com outras opções (Fernandes, 2014, p. 91)

É visível notar que a Difusão é um processo presente na vida dos estudantes. Compreende-se que a Difusão ocorre quando o estudante ainda não tem compromisso ou talvez não fez a exploração das possibilidades encontradas. Nesse sentido, o mesmo não explora e também não investe em nenhuma profissão. O desânimo se faz presente na tomada desta decisão.

4.2.1 Desenvolvimento Vocacional e série dos estudantes

Olhando um pouco para a série em que se encontram os alunos, existem diferenças entre os três anos do Ensino Médio. A Tabela 5 apresenta as médias em cada uma das dimensões do

DV. Vejamos como essas diferenças aparecem em cada uma delas.

Tabela 4- Relação entre as dimensões do DV e a série

Dimensões	Série / Média		
	1 ^a	2 ^a	3 ^a
Exploração	3,3	3,16	3,13
Investimento	4,03	3,09	4,3
Difusão	2,07	2,2	1,92
Foreclosure TEE	3,08	3,1	2,95
Foreclosure SIG	1,96	2,02	1,78

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2023)

Na Exploração, detectamos que os alunos da 1^a série (M= 3,3) estão explorando mais que os da 2^a e 3^a, o que faz sentido, uma vez que as escolhas vão sendo delineadas a partir dos processos de exploração a que os alunos vão tendo acesso, seja na escola, seja no seu dia a dia, de uma maneira geral.

No Investimento, detectamos que os alunos da 3^a série são os que mais investem (M= 4,3), seguidos pelos da 1^a e, por último, os da 2^a série. Nesse caso, há indícios de que os alunos da 2^a série parecem ainda estar focados no processo de exploração das possibilidades, não tendo ainda muita certeza da escolha a ser feita. Observa-se que alguns estudantes da etapa inicial do Ensino Médio já manifestam interesse por alguma profissão.

Super (1957) menciona que o interesse é o fator pessoal determinante de decisão profissional juntamente com as necessidades, valores e atitudes, como analisado nas palavras dos estudantes:

Nas dimensões Difusão, *Foreclosure-TEE* e *Foreclosure-SIG*, os estudantes da 2^a série se destacam. Isso significa que esses alunos demonstram estar perdidos, ainda não construíram seus projetos e parecem desorientados do caminho a seguir (uma vez que ainda não fazem exploração, que é a característica comum a essas três dimensões).

Diante desse contexto, sobre a falta de determinação dos estudantes sobre a profissão, Cericatto, Alves e Patias (2017, p. 32) ressaltam que:

Os alunos do 1^o ano podem pensar que ainda possuem tempo para investigar a realidade do mercado de trabalho, dos cursos e da vida profissional, bem como se conhecerem até o momento da escolha. Dessa forma, estão pouco determinados nesta busca que, nesse momento de transformações por que o jovem está passando ainda, há muitos estudantes que ainda não se depararam

com a importância de refletir sobre sua escolha profissional.

De qualquer forma, chama a atenção para a relevância da escola nesse processo. Segundo Levenfus (2016, p. 61), “ao sistematizar as ações para fortalecer a relação entre educação, trabalho e carreira na escola, pode-se contribuir com o sistema educacional auxiliando os alunos a atribuírem sentido à aprendizagem por meio de atividades planejadas para aproximar crianças e jovens ao mundo do trabalho”. A escola precisa criar ambientes motivadores para que desenvolva atividades de autoconhecimento, não somente de si, mas de como explorar as informações do mundo profissional.

Diante dos dados estatísticos, resumindo as informações apresentadas até esse momento, percebe-se que temos uma média mais alta na dimensão do Desenvolvimento Vocacional nomeada como Investimento, o que condiz com o fato de que a maioria declarou que pretende fazer uma faculdade e até já escolheu o curs. Em seguida, temos uma média em Exploração que são alguns que ainda não sabem o que fazer, e depois temos a média em *Foreclosure TEE* - aqueles que não fizeram uma exploração adequada para poder fazer investimento e que estão no processo de exploração, temos um número pequeno de *Foreclosure SIG*, ou seja, aqueles que são influenciadas por pessoas importantes, e uma média pequena de Difusão, que são aqueles estudantes que não têm projeto profissional.

4.2.2. Desenvolvimento Vocacional e sexo dos estudantes

No que diz respeito ao sexo, existem diferenças estatisticamente significativas⁷ em duas das cinco dimensões do desenvolvimento vocacional:

Tabela 5 - Desenvolvimento Vocacional e Sexo

Dimensões	Sexo		Média / Significância
	F	M	
<i>Foreclosure SIG</i>	1,78	2,11	0,00
Difusão	1,83	2,38	0,00

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2023)

Em relação às dimensões *Foreclosure SIG* e Difusão, os dados confirmam os encontrados por Fernandes (2014), onde os meninos também apresentaram maiores médias do

⁷ O valor de *p* considerado estatisticamente significativo é ser menor ou igual a 0,05.

que as meninas. As médias superiores dos meninos encontradas nessa pesquisa podem sugerir que eles estão fazendo mais escolhas sem explorar as alternativas ou, ainda, o que é um cenário pior, estão indiferentes diante da construção de um projeto profissional.

Tendo presente estes resultados da etapa do Desenvolvimento Vocacional, vejamos o que os estudantes apontam sobre a participação da escola na construção do projeto profissional. As contribuições serão apresentadas a partir da análise do grupo focal fazendo referência às categorias acima indicadas

Os dados que serão apresentados nos itens 4.3 e 4.4 foram coletados exclusivamente dos três grupos focais, dos quais participaram 34 estudantes das três séries do Ensino Médio.

4.3 O que os alunos dizem sobre a participação da escola na construção do projeto profissional

Sabemos que o cenário profissional está em constante transição. Exige-se a multifuncionalidade, a competitividade por uma profissão para garantir a sobrevivência. Todas essas questões acarretam vulnerabilidade das estruturas sociais. Aos poucos, as pessoas sentem-se confusas e incapazes de desenvolver seus projetos de vida.

Nesse sentido, salientamos que a educação se apresenta como um alicerce para formação e inserção no mundo profissional. Para compreender essa nova configuração no mundo laboral, recorreremos aos projetos voltados aos estudantes que estão finalizando o Ensino Médio.

A escola se destaca por ensinar uma diversidade de conhecimentos que são favoráveis à consolidação da sociedade. A instituição escolar é decisiva para que os estudantes compreendam o mundo em que vivem e, por isso, é importante valorizar o conhecimento escolar, pois é uma forma e um meio de emancipação e de independência do cidadão. Este é o papel social da escola (Ferreira, 2017, p.34).

Ainda sobre o ambiente escolar, Fernandes (2014) argumenta que:

Partindo do princípio que as primeiras escolhas se realizam no início do Ensino Médio, quando os alunos optam pelo ensino regular ou profissionalizante, e ao final do Ensino Médio, quando optam por frequentar um curso superior ou ir para o mercado de trabalho, precisamos direcionar nossos olhares para a escola a fim de perceber como elas contribuem para apoiar os alunos na configuração desta escolha (Fernandes, 2014, p. 55).

A escola é uma instituição por excelência, o ambiente em que se tem contato com profissionais de várias áreas de conhecimento, é o lugar em que os estudantes desenvolvem os

aspectos cognitivos, emocionais e autonomia.

Para isso, é indispensável compreender como a escola colabora nos projetos profissionais dos estudantes. Mas o que seria um projeto?

Projeto é um delineamento detalhado de seus anseios e aspirações, é um plano a ser realizado futuramente. Seja qual for o projeto, sempre há inspiração pessoal na elaboração de sua ação. O projeto é composto por uma articulação das escolhas que a pessoa faz, um processo que demanda uma estratégia, ou seja, uma intencionalidade em sua vida profissional, o que implica uma antecipação para o futuro (Levenfus, 2016, p. 22).

Nesta mesma direção, Fernandes (2014, p. 24) traz o conceito de projeto que “remete para a ideia de lançar-se/projetar-se para o futuro com orientação e conferindo sentido intencional à ação. É a busca pelo que se pretende ser e conhecer”. Nesse contexto, é possível compreender que projeto implica desejo, realizações e direções para alcançar o objetivo esperado. Em se tratando de projetos profissionais dos jovens, muitos necessitam da Orientação Profissional para auxiliar nas construções, entendendo as expectativas e sonhos que estão como pano de fundo das decisões a serem tomadas, bem como no estabelecimento de relações destes com o mundo profissional real e possíveis formações para sua concretização.

Deste modo, a escola se destaca como espaço dessa formação de transição de escola para ingresso no mundo profissional. Ela, principalmente na etapa do Ensino Médio, é o contexto necessário para a construção dos projetos profissionais e tem um papel norteador e importante da carreira profissional dos estudantes.

Realizada essa breve reflexão, vejamos os dados da pesquisa, nos quais os estudantes do Ensino Médio relatam a participação da escola na construção dos projetos profissionais.

O Desenvolvimento Vocacional perpassa por várias interferências, ora por ausência de diálogo, ora por falta de apoio familiar e ausência de exploração vocacional percebidos na maioria dos comentários dos estudantes e até mesmo no contexto escolar. Vejamos o que Melo-Silva et al (2019, p. 8) trazem a respeito da carreira no contexto educacional:

[...] as primeiras experiências escolares constituem as bases do desenvolvimento de muitas competências necessárias a um desempenho profissional que permita à pessoa o pleno uso de suas potencialidades e aspirações; constata-se a necessidade de oferta de atividades sistematizadas e contínuas que promovam o desenvolvimento de competências-chave para a carreira no contexto educacional.

Diante disso, percebe-se a necessidade de orientação profissional no ambiente escolar,

onde as competências profissionais são desenvolvidas e vão se formando a partir da interação do indivíduo com a escola, amigos, professores e o meio em que vive. Vejamos o que os estudantes comentam sobre a participação da escola no projeto profissional:

“A escola não se manifesta sobre isso. A única vez que ouvi falar algo sobre a profissão foi na aula do professor de História, quando ele afirmava que a maioria das pessoas que diziam que iam ser professores, acabavam não sendo, pois não tinham motivação. Isso me deu motivação. Ele fez essa provocação. É um desafio que vou mostrar para ele que vou conseguir (E2A).”

“A escola faz palestra de tudo, menos da profissão, que é muito importante. O futuro profissional não tem participação nisso (E3G).”

“Sobre isso, na escola não tem incentivo, só o professor que fala da profissão por causa do salário (E3H).”

“Não tem participação na minha escolha (E1C).”

“A escola não tem esse cuidado com a escolha profissional, não para nós da 2ª série (E2D).”

“A escola não tem essa preocupação com o futuro dos estudantes (E3J).”

“Não, na escola passa a gente, aprende o conteúdo para passar no vestibular, mas não faz nenhum projeto ou conversa sobre o que a gente vai fazer depois que terminar o Ensino Médio (E3M)”

Desta forma, segundo as falas dos estudantes, é notável que a escola ainda não tem uma participação ativa na vida profissional dos estudantes. Sobre a pouca participação da escola, como se observa nas falas dos estudantes, Levenfus (2016) afirma que:

Apesar disso, conforme tenho constatado, a percepção discente de que a escola pouco ou nada contribui para a escolha da profissão e a construção de um projeto de vida não é incomum - o que é uma pena, a se considerar o relevante papel que a escola pública desempenha (ou deveria desempenhar) na redução das desigualdades sociais (Levenfus, 2016, p.93).

Desigualdade essa que acaba por ser ampliada nos estudantes provenientes das escolas públicas, já que não recebem apoio adequado para terem ao menos a chance de modificar a realidade social de origem, a partir da ampliação dos estudos e qualificação profissional. Nessa linha de visão, o estudo de Martins e Martins (2015, p.146) destaca que:

[...] o sistema educativo parece ignorar essas dimensões ou não assume satisfatoriamente. É nesse sentido que destacamos o papel dos profissionais da educação, técnicos de intervenção social e escolar e a sua sensibilidade para tais dimensões com preparação para essas tarefas de orientação.

Os educadores têm relevância nesse processo e devem estimular a busca de informações

do mercado laboral e uma análise de autorreflexão para proporcionar autonomia, segurança e maturidade no processo de tomada de decisão. Desta forma, para que aconteça a Orientação Profissional, é preciso que a escola esteja engajada e comprometida em oferecer instrumentos que auxiliem no direcionamento profissional. Sendo assim, Martins e Martins dizem que:

[...] Não há nestas instituições uma orientação pessoal, escolar e profissional contínua (técnicos ou profissionais especialistas), nem intervenções escolares que facilitem a sua tomada de decisões em relação ao curso e ao futuro, nem a promoção de competências, comportamento e atitudes perante o projeto de vida profissional (Martins; Martins, 2015, p. 152).

Diante disso, ainda há escolas que tem vaga visão sobre o futuro dos estudantes. O ensino é focado nos conteúdos, ofertando poucos estímulos ao estudante e à sua preparação para a vida profissional. Neste sentido, os estudantes enfatizam que:

“A escola somente prepara para o vestibular com revisão de prova do Enem, não participa da nossa escolha (E1A).”

“A escola não se manifesta para isso, não tem preocupação com nosso futuro, só prepara para o vestibular, depois é cada um por si. (E2A).”

“A escola não tem nenhuma informação e nem participação na nossa escolha profissional (E1B).”

“Eu não vejo a escola se manifestar sobre o futuro profissional, o que ela faz é avisar quando tem vestibular para a gente fazer e faz simulado também, mas trazer informação sobre a profissão é difícil (E3E).”

“Nós temos uma preparação para o vestibular, sempre fazemos avaliações a esse respeito para fazer um curso superior, mas na questão de falar sobre alguma profissão ou do que queremos fazer, não tem (E3D).”

O adolescente está inserido em uma sociedade capitalista que, em muitos aspectos, “não o leva a ter uma reflexão de si mesmo, e ainda o coloca em um estado de urgência para a tomada de decisões como fazer vestibular e não quer decepcionar seu grupo social” (Lago, 2017, p. 58-59). Com isso, percebe-se que a visão da realidade educacional mostra um sistema que prepara o estudante do Ensino Médio ou para o vestibular ou para o mercado de trabalho, raramente, para a vida. Conforme Fernandes (2014, p.75),

Desta forma, a educação acontece de forma parcial, focando-se apenas na aprovação do vestibular ao invés de uma forma integral. Nas escolas públicas, os estudantes filhos da classe trabalhadora (e na maior parte dos casos, de baixo rendimento) não recebem a mesma qualidade de ensino que é garantida na escola privada, vendo-se, desta forma, privados de competirem em igualdade de condições para as vagas existentes no mercado de trabalho, bem

como para os exames seletivos que permitem a continuação dos estudos de nível superior.

No mesmo sentido, Levenfus (2016, p. 77) diz que “a escola possui um papel ativo, não podemos ocupar um espaço somente para a preparação para o vestibular ou qualquer outro processo seletivo, mas sim para a transição escola-trabalho”. A partir da afirmativa da autora, nota-se um distanciamento entre a escola e a formação do futuro profissional dos estudantes.

Nesta perspectiva, Lago (2017) evidencia a necessidade de os alunos terem mais suporte da escola nesse processo:

A Educação para a carreira teria como objetivo utilizar-se do sistema educacional para estabelecer uma ligação entre seus conteúdos e as práticas profissionais, despertar no aluno a percepção da relação entre o trabalho e o estilo de vida escolhido, além de poder incentivar o desenvolvimento de competências necessárias para o mundo do trabalho (Lago, 2017, p. 39)

Ou seja, a escola pode oferecer um valioso suporte, que é a Orientação Profissional, auxiliando para construir um projeto de vida. Quando há incentivos no contexto escolar, como um profissional preparado para lidar com essa demanda, resulta em uma grande ajuda na vida do estudante. A escola pode possibilitar um espaço de autonomia aos estudantes desde que compreenda e reconheça quais as dificuldades que interferem na construção de projetos dos alunos. Contribuir e possibilitar a participação da escola nos projetos dos alunos é ainda distante.

Quando a escola trabalha com as competências e habilidades dos estudantes, está contribuindo e preparando-os para terem segurança nas escolhas futuras. Conforme afirmações dos estudantes, a escola tem pouco cuidado com o futuro dos alunos. Dessa maneira, o sucesso educativo, na visão de Martins e Martins, “encontra-se dependente da aprendizagem e a orientação escolar, vocacional e profissional. O empenho dos funcionários (assistentes operativos) nas escolas é importante para o sucesso educativo dos alunos, apesar de ser escasso este apoio, pois não tem formação” (Martins; Martins, 2015, p. 153). A escola, neste contexto, tem o papel de fortalecer a responsabilidade que os estudantes possuem, e os professores devem orientar os estudantes, porque sem uma orientação adequada poderá ocorrer uma escolha precipitada. Dessa forma, a escola precisa estar comprometida, auxiliando os estudantes para o seu desenvolvimento profissional.

Além disso, desta pouca informação da escola, alguns estudantes queixaram-se sobre a carência de cursos na cidade, as ofertas são sempre os mesmos. Com isso, muitos estudantes

acabam aceitando as opções disponíveis, outros se deslocam para outras cidades em busca de outros cursos:

“Como tem poucos cursos aqui em Humaitá, e muitos não querem fazer aqui e vão para Porto Velho fazer outros cursos particulares (E1L)”

“O município interfere na escolha na medida que não tem muitos cursos. Tem que ir para outros lugares (E3B).”

“Sobre orientação, só na 1ª série que tem alguma coisa a esse respeito e aqui em Humaitá são sempre os mesmos cursos, muitos vão para outras cidades fazer faculdade (E3F).”

“Quem tem condição vai para outra cidade, mas quem não tem, não quer o que tem aqui que a maioria são cursos de licenciatura e prefere fazer curso técnico e trabalhar (E2B).”

“Alguns vão e logo desistem do curso porque acumulam dívidas por não ter condições e acabam retornando para a cidade (E1A)”.

Assim, deixa-se claro que, além da pouca oferta de atividades na escola, os estudantes ainda se veem diante de outras dificuldades, a limitada opção de cursos superiores no município e, por isso, muitos procuram alcançar seus objetivos em outra localidade.

4.4 Atividades ou eventos realizados pela escola com foco na Orientação Profissional para a construção dos projetos profissionais

Quando se fala sobre a construção de projeto profissional, percebe-se que os estudantes passarão por momentos de reflexão, exploração e investimentos e precisam de Orientação Profissional para que possa ocorrer uma escolha profissional assertiva.

É nesse contexto que os jovens são incentivados a se manifestar por uma carreira profissional em que não estão apenas em jogo seus interesses, mas também a compreensão de informações sobre o mercado de trabalho para realização pessoal e profissional. A esse respeito, Lago (2017) ressalta que:

Diante da complexidade das relações entre o mundo interno (subjetividade) e o mundo externo (objetividade), as pessoas principalmente os jovens, determinam suas escolhas profissionais. Escolhas envolvem benefício ao indivíduo, como a sensação de prazer por ter liberdade, mas também carregam sentimento de angústia e apreensão. Será que estou no caminho certo? É isso que quero? Vou ter sucesso? O que pode auxiliar a realizar uma escolha tão imprescindível na vida como a Carreira Profissional? (Lago, 2017, p. 13).

Considerando a complexidade acima referenciada, a Educação apresenta muitos impasses, incertezas e dificuldades. Torna-se uma atividade complexa no planejamento de

projetos profissionais, bem como ter uma vida linear. Diante disso, a Orientação Profissional, segundo Ferreira (2017), se apresenta como centro das atenções na discussão sobre o contexto escolar:

A escola neste contexto deve contribuir em fortalecer a responsabilidade que os estudantes possuem, entendendo que apesar da escolha profissional ser uma decisão pessoal, a escola e os professores devem orientar seus alunos apresentando possibilidades de carreiras profissionais e quais são as instituições que as oferecem (Ferreira, 2017, p. 20).

A literatura evidencia que a Orientação Profissional, em contexto escolar, possui muitas vantagens na formação pessoal e social dos estudantes, uma vez que, para muitos, a escola pode ser a chave da constituição dos projetos profissionais. A OP possibilita a construção e desenvolvimento da identidade e a formação profissional. Conforme Levenfus (2016, p. 46), “[...] um dos argumentos para a educação para a carreira nas escolas é justamente fortalecer a motivação nos alunos para o estudo e a aprendizagem, por meio de percepção da ligação entre o que se aprende na escola e no mundo”. Avaliemos a participação da escola investigada, segundo a percepção dos alunos.

No que diz respeito à participação da escola, considerando esse panorama, os alunos foram inqueridos sobre a realização de atividades voltadas para a Orientação Profissional pela escola. Percebe-se, de certa forma, que os estudantes da 2ª e 3ª séries concordam que a instituição não realiza atividades voltadas para a Orientação Profissional, conforme destacam:

“Na 2ª série não tem, só na 1ª série, com a disciplina de Projeto de Vida, mas não tem essa preparação para a profissão, é apenas uma coisa artificial (E2I).”

“A escola não tem nenhuma atividade de orientação (E3A).”

“Não tem atividade para nós, seria bom porque nos ajudaria a pensar melhor no que a gente quer fazer. Vejo que muitos colegas não sabem o que fazer (E2C).”

“A escola não apresenta nenhuma atividade de Orientação Profissional (E3D).”

“O que eu percebo é que o foco central é conteúdo para ser ministrado, que não tem relação com o mundo do trabalho (E2J).”

A escola deveria ser um espaço de partilhar experiências e conflitos, possibilitando ao estudante autonomia em suas escolhas. Entretanto, na escola estudada, as atividades de Orientação Profissional são ausentes e, quando ocorrem, contemplam apenas a 1ª série, dentro da disciplina de Projeto de Vida, de forma fragmentada e superficial:

“A escola não tem atividade nessa questão, não na 2ª série, só ano passado (E3C).”

“Ano passado, na 1ª série, a disciplina Projeto de Vida abordou um pouquinho sobre o que você gostaria de ser, mas foi apenas momentâneo (E2B).”

“A escola não tem atividade. Eu sinto necessidade de ter atividade de orientação, seria uma ajuda mesmo. Tem a disciplina Projeto de Vida, mas não tem essa preparação, é apenas superficial (E2I).”

“A escola não realiza atividade. Poderia incluir uma atividade ou disciplina para trabalhar essa escolha (E2H).”

“Quando é o último ano de escola, e termina, é cada um por si, nós não temos um direcionamento de futuro por parte da escola, não tem discussão sobre isso, muitos terminam o Ensino Médio e vão curtir a vida (E2L).”

Desta maneira, é notório a necessidade de um direcionamento na vida, ou seja, é definir com o que vai trabalhar, como vai fazer e onde será? A escolha profissional deve estar ligada com a realização pessoal. Deste modo, a construção de projeto profissional vai se moldando. A atividade da escola na visão dos estudantes ainda não está presente em todas as turmas, ou seja, tem pouca contribuição da escola em desenvolver atividades sobre a Orientação Profissional.

Ao contrário dos comentários anteriores, os estudantes da 1ª série salientam que a escola apresenta atividade voltada para a Orientação Profissional quando é trabalhada a produção de texto das coisas que gostam, o que gostariam de fazer futuramente. Com esse olhar na questão destas atividades, os estudantes concordam quando salientam que:

“Sim, a escola apresenta atividade na disciplina “Projeto de vida”. A professora, em todas as aulas, pede para fazer texto sobre autoconhecimento, que envolve o que o aluno gostaria de fazer futuramente (E1E).”

“Sim, a escola trabalha com textos de autoconhecimento (E1F).”

“A escola contribui sim! A gente trabalha com isso na disciplina de “Projeto de Vida.” Fazemos atividades para saber quem somos (E1J).”

“Bom, a gente faz sim, produção de textos sobre o que pensa e gosta de fazer para despertar o interesse em alguma profissão, mas quanto a palestra sobre a profissão, não tem aqui (E2L).”

“A gente faz atividade somente em uma disciplina em que o professor comenta sobre o autoconhecimento, mas não fala da profissão em si, por exemplo, informação propriamente de alguma profissão, o que fazem, o lugar do trabalho (E1A).”

“Sim, a disciplina Projeto de Vida aborda um pouco sobre isso, o professor sempre comenta alguma coisa sobre o futuro (E1C).”

Para compreendermos a disciplina “Projeto de Vida” citada, se faz necessário compreender o surgimento deste projeto. O projeto de lei que deu origem ao Novo Ensino

Médio foi apresentado pelo Governo Federal em 2016. Entretanto, o projeto passou por várias fases de discussão e aprovação. Houve manifestações favoráveis e desfavoráveis ao projeto. As principais críticas estavam relacionadas à baixa inclusão dos estudantes e da sociedade civil na construção do projeto, além disso, à redução de disciplinas obrigatórias e à flexibilização da carga sem planejamento de investimentos em infraestrutura e como também a formação dos docentes. No entanto, o projeto foi aprovado com a Lei Federal 13.415/2017 (Brasil, 2017) reconhecida como a Lei que reforma o Ensino Médio e prevê em seu Artigo 3º, parágrafo 7: “Os currículos de Ensino Médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para construção de seu Projeto de Vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais”.

O projeto de vida é como um meio do estudante exercer sua cidadania, tomar decisões com autonomia e responsabilidade. É o direcionamento, o planejamento que o indivíduo faz para alcançar o futuro desejado. Com a implementação obrigatória do Novo Ensino Médio, as escolas passarão ou já deveriam passar a implementar o Projeto de Vida. Entretanto, algumas escolas ainda não aderiram ao implemento, por conta de sobrecargas de atividades, dificultando a preparação e o desenvolvimento do projeto.

É importante destacar que qualquer espaço que existe na escola é relevante para o estudante conversar sobre as profissões, informações, o que vão fazer futuramente após o Ensino Médio, tudo isso instiga o estudante a pensar no que fará no futuro:

O Ensino Médio costuma levantar muitos questionamentos em relação à escolha profissional e o apoio da escola junto com a família é importante para auxiliar o jovem. A escola não se preocupa em ensinar ao aluno habilidades para tomar essa decisão, não ensina a pensar, a resolver conflitos, a refletir sobre a realidade social, cultural, histórica e profissional. A ausência dos profissionais ao longo da orientação pode resultar em imaturidade e insegurança nos jovens e futuramente em sua vida profissional (Ferreira, 2017, p. 19).

De Jesus, Mello e Avelar (2020) salientam que a educação não é um sistema isolado e está envolvida por diversos fatores. A Orientação Profissional deve estar presente na escola, para que ajude os professores a compreender as especificidades de cada estudante, auxiliando-o a construir uma visão de si, para que saiba a sua importância no mundo e, conseqüentemente, consiga desenvolver um projeto profissional. Neste cenário, Martins e Martins (2015, p. 52) enfatizam que “[...] uma intervenção na escola com técnicos especializados (mediadores, orientadores e psicopedagogos) poderiam contribuir para a resolução de muitos problemas durante o curso e na decisão vocacional antes de frequentar a carreira que deseja”. Ou seja, a

escola deveria proporcionar um ambiente em que seja favorável a aprendizagem, que o estudante possa refletir e compreender a relevância da escola para o seu futuro profissional.

Silva (2016) argumenta que uma política de educação, trabalho, lazer e saúde precisa existir de modo a garantir melhor qualidade de vida dos jovens e criar condições para o desenvolvimento do país. Ao que concordam e complementam Dias, Silva e Pacheco (2022, p. 14):

É necessário e de extrema importância e urgência que as políticas públicas educacionais brasileiras comecem a pensar na concepção de um currículo que abrigue um projeto de Orientação Profissional para as escolas públicas. Indo mais além, e diretamente ao ponto de meu interesse, as políticas públicas devem estar cientes de que o aluno, além de se debruçar sobre as matérias do currículo básico, também deveriam estar debatendo e se questionando a respeito de seu futuro, se preparando desde cedo para as competições do ingresso no ensino superior, ou até mesmo do mercado de trabalho, daí que se identifica e se justifica a demanda da OP nos currículos das instituições públicas.

A escola precisa participar dos acontecimentos e discussões sobre o mundo do trabalho “O processo educacional pode despertar e fortalecer o planejamento do aluno para o desenvolvimento de competências necessárias à construção de seu projeto de vida profissional” (Lago, 2017, p. 39). Diante disso, constatou-se muitas dúvidas em relação ao futuro profissional.

“Eu também ainda não sei o que vou fazer, estou na dúvida, ainda não sei qual curso vou fazer. tenho alguns em mente, mas não tenho certeza (E3M).”

“Não, não escolhi, não tenho certeza do que quero (E2L).”

“Ainda não decidi, ainda não sei qual profissão escolher (E1B).”

Campos e Noronha (2016) argumentam que o objetivo da Orientação Profissional na escola é facilitar que os estudantes compreendam melhor essa fase de indecisão, colaborando para que eles possam chegar a uma escolha mais assertiva. Barbosa e Lamas (2012) evidenciam que as escolas devem e precisam implantar a Orientação Profissional e orientação de estudo, com o auxílio dos professores para garantir que todos os pais e alunos conheçam essas informações e deem suporte para alcançar o sucesso profissional.

De forma geral, muitos dos alunos ainda não passaram pelo estágio de Exploração do Desenvolvimento Vocacional. É perceptível a demanda de estudantes com dúvidas em relação à escolha de uma profissão. Talvez seja por não ter definido seu autoconceito que é a ideia que o indivíduo tem de si mesmo, e das relações estabelecidas ao seu redor causando essas

incertezas.

Gomes e Pérez (2020) esclarecem que há falhas no sistema educacional, diversas mudanças sociais ocorrem e a escola não se abriu a essas demandas atuais, enfraquecendo o seu papel social. A escola não favorece elaboração de perspectivas futuras pelo fato de ainda oferecer informações sobre o mundo profissional. As principais discussões levantadas apontam que as informações sobre o futuro profissional ainda são pouco acessíveis aos estudantes. É notória a falta de uma referência de como explorar as possibilidades de si e do mundo profissional. Vejamos o que dizem Sousa, Oliveira e Albarello (2020):

No mercado de trabalho, existem muitos caminhos a serem seguidos, e pouca instrução de seus possíveis resultados nas tomadas de decisões. No que se diz mais a respeito de escolas públicas, muitos alunos sentem uma maior dificuldade, principalmente pelo fato de não possuírem a devida orientação dos pais ou simplesmente pela carência de apresentação deste futuro cenário na escola (Sousa; Oliveira; Albarello, 2020, p. 819).

No Brasil, nossos programas de Orientação Profissional ainda estão restritos aos atendimentos com jovens do Ensino Médio, individual ou em grupo, mas, com um único objetivo de orientar para a carreira universitária. De acordo com Lago (2017, p. 39), o modelo de orientação, como parte de um projeto político pedagógico da escola, não se apresenta na realidade das escolas brasileiras.

Diante do exposto, sem essa parceria com a escola e família, os estudantes vão formando o projeto profissional sem planejamento e conhecimento aprofundado sobre as atividades da profissão e realizando escolhas inadequadas, sem reflexão dos seus interesses. Nem a escola e nem a família (em alguns casos) tem a preocupação em ensinar os estudantes sobre a questão do futuro profissional, o que poderia ter um melhor direcionamento e resultado se fossem ofertadas atividades de Orientação Profissional no Ensino Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa apresentada, cujo objetivo foi “analisar sob a perspectiva do estudante, como a escola auxilia na construção dos projetos profissionais dos estudantes do Ensino Médio”, buscamos compreender quais as contribuições da escola, acompanhando as questões norteadoras que guiaram essa pesquisa, se a escola participa ativamente da construção dos projetos profissionais dos estudantes e se a escola tem alguma função no Desenvolvimento Vocacional deles.

Para compreender todo o estudo, iniciou-se a pesquisa fazendo uma contextualização sobre a Adolescência, o Desenvolvimento Vocacional, as Escolhas Profissionais e a Orientação Profissional. A finalidade foi fazer uma breve revisão sobre essa etapa do desenvolvimento humano na qual mostramos suas singularidades, incluindo também os desafios e oportunidades dessa fase, afinal, os participantes que contribuíram para este estudo estão na adolescência. No que se refere ao Desenvolvimento Vocacional, o teórico que embasou a pesquisa foi Donald Super (1980), que enfatiza que o DV é um processo que acompanha o ciclo vital podendo ser influenciado por uma somatória de fatores.

Foi possível constatar na literatura que muitos são os fatores que influenciam na escolha de uma profissão. Objetivo específico (a): “Descrever as variáveis que podem influenciar no Desenvolvimento Vocacional dos jovens”), entre eles: a falta de informação dos estudantes sobre a variedade de atividades no que diz respeito às opções de cursos superiores e cursos técnicos/profissionalizantes; a ausência de autorreflexão, o que estimula a baixa autoestima ocasionando as dúvidas sobre a direção profissional; além disso, as fragilidades ao contexto social no qual estão inseridos, que muitas vezes determinam o caminho do jovem pelas condições socioeconômicas: as dificuldades financeiras anulam e/ou inviabilizam o planejamento profissional futuro. Os dados da pesquisa ressaltaram como influenciadores: o nível educacional dos pais; conversas e apoio dos pais e familiares; além de amigos e professores em menor escala. Isso demonstra a variedade de fatores que interferem na escolha de uma profissão, tornando esse momento tão difícil para os jovens, que precisam administrar as mudanças típicas dessa fase do desenvolvimento com esse processo complexo, que é construir um projeto profissional, que guiará a sua vida futura.

O segundo objetivo específico foi: (b) “Identificar em que etapa do Desenvolvimento Vocacional os estudantes se encontram”. Verificou-se que os estudantes da 1ª série apresentam uma média maior na dimensão de Exploração, os da 2ª ainda estão confusos, variando entre não terem projetos profissionais (Difusão) ou estarem investindo em profissões sem ter realizado a

devida Exploração (*Foreclosure*). Já os da 3ª série apresentam maior média em Investimento. Esses dados confirmaram as duas hipóteses levantadas nesse estudo, a saber: 1) Os estudantes do 1ª série do Ensino Médio estão de uma certa forma desorientados quanto ao processo profissional, portanto, espera-se que apresentem maiores médias na Dimensão de Exploração, ou seja, estão explorando o conhecimento de si e das informações das profissões; e 2) Os alunos da 3ª série do Ensino Médio têm mais tempo e experiência, portanto, espera-se que apresentem maiores médias na Dimensão de Investimento Vocacional, ou seja, já exploraram e sentem-se seguros para fazer a escolha consciente, para investir em uma profissão”.

Diante dos dados constatados, foi percebido que há muita dúvida e indecisão nas três séries analisadas, com destaque para a 2ª série. Embora ainda tenham mais um ano para se decidir, na prática, esse tempo não é tão longo assim. O que chamou a atenção foi o relato de alguns casos onde há total ausência de diálogos com os pais em relação ao futuro. Essa talvez seja a pior carência, uma vez que a família costuma ser o pilar dos jovens e o fator de maior influência na escolha profissional, segundo diversas pesquisas.

O terceiro e quarto objetivos específicos foram: (c) “Verificar como os estudantes percebem a participação da escola na construção do projeto profissional”; e (d) “Conhecer as atividades/ou eventos realizados pela escola com foco na Orientação Profissional para a construção dos projetos profissionais”. Destaca-se a pouca ou nenhuma participação da escola na construção do projeto profissional.

Vale lembrar que a escola é uma instituição que tem o papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo, promovendo uma variedade de conhecimentos que servem de base para a formação e inserção social na vida adulta. Se ela participasse mais ativamente desse processo, poderia auxiliar os alunos a explorarem as alternativas possíveis de estudo e/ou trabalho, baseadas em um autoconhecimento, e não em prováveis imposições dos pais (já que, como foi observado, os estudantes estão investindo sem ter explorado alternativas *Foreclosure TEE* ou para realizar desejos significativos *Foreclosure SIG*).

Vale ressaltar que o auge do processo de escolha da profissão geralmente acontece neste período do ciclo vital, que condiz com a etapa final da Educação Básica, o Ensino Médio, em que os estudantes optam por uma profissão a seguir, o que, em muitos casos, gera medo, angústia e dúvidas. Como dito anteriormente, o resultado da pesquisa sinaliza, de acordo com a percepção dos estudantes, que ainda há muita fragilidade da escola na participação dos projetos profissionais dos estudantes. Alguns estudantes saem do Ensino Médio sem saber o que escolher ou que rumo seguir.

Alguns alunos evidenciam a grande importância da Orientação Profissional na escola e

salientam que necessitam desse auxílio na escolha da profissão. A escola pouco oferece estímulo à vida profissional, o que acaba dificultando a construção dos projetos profissionais. Ela parece estar focada em encaminhar esses jovens para o vestibular, independente de reflexões sobre um projeto de futuro.

Assim, responde-se a problematização da pesquisa: Por que os alunos saem do Ensino Médio tão desorientados com relação a escolha profissional? De que forma os estudantes do Ensino Medio são orientados sobre a escolha profissional? Foi possível perceber a ausência de Programas de Orientação Profissional na Educação Básica, assim muitos saem desnorteados sobre o futuro profissional, sem direcionamento ou até mesmo com muitas dúvidas do que fazer no futuro.

A falta de programas ou projetos de apoio de atividades aos estudantes pode prejudicar as possibilidades de fazer uma escolha profissional favorável. Os estudantes compreendem a Orientação Profissional como facilitadora, para a escolha profissional, levantando informações, conhecimentos sobre as profissões e o autoconhecimento, e gostariam de ter Orientação Profissional dentro da escola, inserida na grade curricular.

A importância da Orientação Profissional na escola se torna fundamental na vida dos estudantes, com a qual é possível perceber que, através do Desenvolvimento Vocacional, das experiências e vivências de cada um, vai-se consolidando o projeto profissional. E o que foi observado nas três séries é que alguns estudantes não fazem exploração de si, não conhecem as profissões suficientes e acabam construindo um projeto sem direcionamento (quando constroem, lembrando que, nesta pesquisa, 12% não sabem sequer se vão seguir para o Ensino Superior ou que profissão vão exercer no futuro próximo). A Orientação Profissional, se fosse promovida, faria com que os estudantes tivessem melhor direcionamento e segurança para a construção dos projetos profissionais.

Com o levantamento desses dados, conclui-se que o processo de decisão profissional não é fácil, principalmente para os adolescentes do Ensino Médio. Propõe-se a reflexão: a escola está cumprindo com seu papel de oferecer uma formação integral? E a família apoia suficiente os filhos para dar segurança, amadurecimento e autonomia para enfrentar as pressões sociais no momento de uma escolha?

Assim, as contribuições da Orientação Profissional para os estudantes é uma grande necessidade e gera impacto significativo na vida em processo de escolha profissional consciente. É preciso e viável um projeto de OP na escola que crie um espaço para reflexão e formação integral, mas parece que ela desconhece o seu papel em auxiliar o jovem na construção do seu projeto profissional.

Diante do que foi exposto, há falta de políticas públicas para o setor da Orientação Profissional/Vocacional na escola. É pouco o serviço ofertado, principalmente nas escolas públicas, e faltam profissionais qualificados para realizar essas atividades. Ainda nesse sentido, a imprescindibilidade de a Orientação Profissional/Vocacional ser inserida na escola em outras etapas do ensino, no que se refere o Ensino Fundamental, a Educação Básica, uma vez que as reflexões sobre a vida profissional podem resultar na maturidade vocacional e fazer uma escolha sem dúvidas.

Vale destacar que é pertinente que a Orientação Profissional seja trabalhada nas três séries do Ensino Médio. O ideal seria iniciar na 1ª série desenvolvendo dinâmicas de autoconhecimento para levantar interesses; na 2ª série, seria uma busca do mercado profissional com levantamento de informações das profissões, promover um *workshop* com a participação dos pais juntamente com os alunos e com os profissionais, detalhando suas experiências profissionais para que os estudantes tenham momentos para explorar as profissões. E, na 3ª série, já propriamente a tomada da decisão. É preciso criar condições estratégicas para que os estudantes consigam identificar seus reais interesses para fazer uma escolha criteriosa.

À guisa de conclusão, gostaria de apresentar uma opinião da investigadora. Proponho que se tenha projetos de intervenções com os pais e professores sobre a psicologia vocacional na escola, com profissionais especializados para auxiliar e dar abertura para que os mesmos tenham conhecimentos formativos para partilhar com os estudantes uma troca de experiências, até mesmo para que haja mais entrosamento dos pais, comunidade e escola e, juntos, numa cooperação para facilitar a construção dos projetos profissionais dos estudantes.

Relato que não foi fácil chegar até aqui, e compartilho algumas dificuldades. Início pela volta aos estudos (na universidade) após 12 anos sem contato com a vida acadêmica, com a frequência à sala de aula, produção de seminários e artigos científicos, mas, com esforço, foram vencidas essas etapas. A ansiedade em aguardar o *feedback* de eventos e revistas foi uma constante ao longo do mestrado. Quando finalmente chegamos à fase de coleta de dados (sem detalhar todo o processo do exame de qualificação e aprovação do Comitê de Ética), com encontros agendados na escola, inicia-se uma greve dos professores, que teve a duração de aproximadamente um mês. Conseqüentemente, na etapa seguinte da coleta, a realização dos Grupos Focais, tivemos dificuldades em agendar os encontros, dada a reposição das aulas do período da greve.

A contribuição do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades-PPGECH foi muito pertinente porque ofereceu a oportunidade de aprofundar uma gama de conhecimentos sobre a temática, contribuindo na minha prática pedagógica, além de adquirir

as competências para exercer a função de investigadora, como também me deu oportunidade de investigar esta inquietação que sempre me deixava aflita por não saber lidar com estas angústias dos estudantes em relação aos projetos para o futuro profissional. Além disso, me proporcionou ter uma formação continuada de maneira que facilitou a discussão do mundo moderno, com inovações e novos procedimentos na área profissional e para me qualificar e ser uma profissional de sucesso.

É pertinente a realização de novas pesquisas e produções científicas com o intuito de ampliar as discussões sobre a temática, focando na inserção de projetos de Orientação Profissional na Educação Básica pública, bem como fomentando a criação de políticas públicas que promovam as realizações desses projetos e apoio aos estudantes na construção de projetos profissionais baseados em suas características, desejos e expectativas, e não para atender às demandas sociais ou projetos outorgados. Essa necessidade respalda-se tanto nas falas dos alunos quanto nos dados de um dos nossos artigos publicados⁸ como fruto dessa pesquisa de mestrado.

⁸ “ Cenário da Publicação Científica dos últimos dez anos sobre Orientação Profissional no Contexto Escolar”, Revista Cocar. v.19 n.37, 2023. p. 1-17.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Teresa Gonzaga. Dimensões do efeito das escolas: explorando as interações entre famílias e estabelecimentos de ensino. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 46, p. 271-296, 2010.
- AMBIEL, Rodolfo Augusto Matteo . Adaptabilidade de carreira: uma abordagem histórica de conceitos, modelos e teorias. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, jan.-jun, Vol. 15, No. 1, 15-24, 2014.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso. O que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educação? **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- ANTUNES, Sônia Maria Silva. **Adolescência e compromisso do processo de desenvolvimento. Mestrado em Enfermagem: Área de Especialização de Saúde Mental e Psiquiatria.**, p. 150. 2018.
- ARAÚJO, Jhenifer Alonso de Araújo. FREITAS, Patrícia Maria Lima de. Orientação Vocacional e Profissional como proposta para o programa jovem Aprendiz, **Uningá Review**, 29(2), 2017. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/1949>. Acesso em 23 de agosto de 2023.
- ARAÚJO, Allan Diego Ricarte; OLIVEIRA, Mércia Capistrano de. Processo de Orientação Profissional em uma escola de ensino profissionalizante: relato de experiência. **Revista Expressão Católica**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 23-37, jul. 2016.
- BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 5ª ed. Florianópolis: UFSC, 2002.
- BARBOSA, Altemir José Gonçalves; LAMAS, Karen Cristina Alves. A Orientação Profissional como atividade transversal ao currículo escolar. **Estudos de Psicologia (Natal)**, [S.L.], v. 17, n.3, p. 461-468, de, 2012.
- BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009
- BOCK. Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia. Uma Introdução ao estudo da Psicologia**. São Paulo. Saraiva, 2008.
- BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2014.
- BRASIL **Lei n. 8069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.
- BRASIL. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de

28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Portal da Legislação, Brasília, 16 fev. 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm>

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Normas aplicáveis a pesquisas em ciências humanas e sociais. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, n. 98, p. 44-46. 24 de maio de 2016.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research**, 3(2), p. 77-101.z, 2006.

CALÔNICO JÚNIOR, Flávio. **A democratização do Ensino Médio no Brasil**: configurações, limites e perspectivas. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015

CAMPOS, Roberta Ramazotti Ferraz de; NORONHA, Ana Paula Porto. A relação entre indecisão profissional e otimismo disposicional em adolescentes. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 219-232, 2016.

CARVALHO, Olgamir Francisco de. Desafios atuais da escolha e decisão vocacional/profissional: um olhar pedagógico sobre a questão. **Trabalho & Educação, Belo Horizonte**, v. 23, n. 2, p. 93-107, maio-ago. 2014.

CERICATTO, Camila; ALVES, Cássia Ferraza; PATIAS, Naiana Dapieve. A maturidade para escolha profissional em adolescentes do Ensino Médio. **Psicologia da Imed**, Passo Fundo v 1, n. 9, p.22- 37 agosto 2017.

COLOMBO, Greice; PRATTI, L.E Maturidade para escolha profissional, habilidades sociais e inserção no mercado de trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v.15, n. 2, p. 201-214, dez. 2014.

CRESWELL, Jonh Ward. **Projeto de Pesquisa: Método qualitativo e quantitativo**. Porto Alegre, 2010.

CRESWELL, Jonh Ward. CRESWELL Jonh David. **Projeto de Pesquisa**. 5ª ed. Porto Alegre, 2021.

DE JESUS, Ricardo; MELLO, Silvia. Conceição Reis. AVELAR, Kátia Eliane. Santos. Qualificação dos estudantes do Ensino Médio para acesso ao mercado de trabalho: uma experiência na comunidade da Maré. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 42, n. 1, p. e52696-e52696, 2020

DIAS, Diana; SÁ, Maria José. O estatuto sociocultural familiar como vetor da decisão vocacional: promessas e (des)ilusões da entrada na educação. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 51-64, jun. 2014.

DIAS, Douglas Amorim Alves; SILVA, Cristeane Moreira da; PACHECO, Luiz Felipe de Oliveira. Orientação para classes populares: Desenvolvendo a responsabilidade social de Psicologia. Recima 21- **Revista Científica Multidisciplinar**, v3, n.5,2022.

DUARTE, Maria Eduarda. A vida da orientação na vida do século XXI: constrangimentos e desafios. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 1-22, dez. 2013.

ERIKSON, Erik Homburger. **Identity: Youth and crisis**. New York: Norton, 1968.

FERNANDES, Fabiana Soares. **Estilo Parental e Desenvolvimento Vocacional: Um estudo sobre a Influência das Famílias na Orientação dos Adolescentes**. São Paulo: Loyola, 2014.

FERNANDES, Fabiana Soares; GONÇALVES, Carlos; OLIVEIRA, Paula (2014) Adaptação e validação da Escala de Exploração e Investimento Vocacional (EEIV) à população estudantil do Brasil. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 27(2),233-246.

FERREIRA, Mariana Barroso Bastos Santos. **A decisão do jovem do Ensino Médio sobre a escolha pela profissão e as suas influências**. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Brasília, 2017.

FERRENTINI Tatiana Milani. **Psicologia e análise e Orientação Profissional e de carreira: contribuições de atendimentos na metanoia**, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-12062019-170621/publico/ferrentini_corrigida.pdf. Acesso: 20 de agosto de 2023.

FLICK, Uwe (2009). **Introdução à pesquisa qualitativa** (3a ed., J. E. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed

FRABETTI, Karol Conti et al. Práticas Narrativas e Orientação Profissional: a possibilidade de desconstrução de estereótipos ligados às profissões. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 24, n. 53, p. 41-55, 2015.

FREIRE, Hilda Bayma; ROAZZI, Antônio; ROAZZI, Maira. O nível de escolaridade dos pais interfere na permanência dos filhos na escola? **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación** 2(1):35 July 2015 2(1):35. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283663828_O_nivel_de_escolaridade_dos_pais_interfere_na_permanencia_dos_filhos_na_escola. Acesso feito em 20 de agosto de 2023.

FREITAS, Janice. Oliveira Teixeira. ; RESENDE, Gisele Cristina . Educar para a escolha profissional e de carreira: uma proposta para a intervenção na escola. **AMAZÔNICA- Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação**, v. XXV, p. 431-448, 2020.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 7, 1969.

GATTI, Bernadete Angelina. **A. Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Pesquisa em educação**. Brasília-DF, 2005

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Atlas. São Paulo, 2010.

GOMES, Jamile Monteiro; PÉREZ, Beatriz Corsino. Juventude e a escolha Profissional como a escola pode contribuir. **Revista Mundo Live**, Campos Goyatacazes, v. 1, n. 6, p. 22-26, jun.

2020

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da vulnerabilidade social dos municípios brasileiros**. Brasília: IPEA, 2015. Disponível em: < <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/4381>>. Acesso em 20 de maio de 2023.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin ;GASKELL George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**, Pedrinho A. (trad.) - 11. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

LAGO, Lilian Yopez, **Orientação Profissional**. Londrina: Distribuidora Educacional,2017.

LEMOS, Caioá.Geraíges de. **Adolescência e Escolha Profissional**.São Paulo. Vetor, 2001.

LEVENFUS. Rosane Schotgues. **Orientação Vocacional e de Carreira em contextos clínicos e Educativos**. Porto alegre. Artmed, 2016.

MAGALHÃES, M.O; ALVARENGA, P; TEIXEIRA.M.A.P. Relação entre estilos parentais, instabilidade de metas e indecisão vocacional em adolescentes. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 15-25, jun. 2012.

MARTINS, Ernesto Candeias; MARTINS, Susana Isabel Bártolo. Alunos do ensino vocacional e profissional do interior de Portugal nos meandros da intervenção social e escolar. **B. Tec. Senac**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 131-136, maio 2015.

MARTOREL, Gabriela. **O desenvolvimento da criança: do nascimento à adolescência**. Porto Alegre:Amgh, 2014.

MELO-SILVA, Lucy Leal.; MUNHOZ, Izildinha Maria Silva.; LEAL, Mara de Souza. Orientação Profissional na educação básica como política pública no Brasil. **Rev. bras. orientac. prof**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 3-18, jun. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902019000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 24 de março de 2020. <http://dx.doi.org/1026707/1984-7270/2019v19n2p133>.

MOREIRA, Sergio Antônio Lobo; FARIA, Juliana Guimarães. **Fatores que atuam na escolha de curso de graduação dos alunos do 3º Ano do Ensino Médio de escolas Anápolis- GO**, 2015.

MUNHOZ, Izildinha Maria Silva; MELO-SILVA, Lucy Leal; AUDIBERT, Alyane. Educação para a carreira: pistas para intervenções na educação básica. In: LEVENFUS, Rosane Schotgues (Org.). **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

NEIVA, Katia Maria. **Processos de escolhas e orientação profissional**. São Paulo: Vetor, 2013.

NEPOMUCENO, Ricardo Ferreira; Witter, Geraldina Porto. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, 14(1), 15-22. 2010.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de. DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções parentais sobre sua participação no desenvolvimento profissional dos filhos universitários. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.14, n.1, p.61-72,2013.

OLIVEIRA, Melina. Del Arco de.; MELO-SILVA, Lucy Leal. **Estudantes Universitários: A Influência das Variáveis socioeconômicas e Culturais na Carreira**. Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. v. 14 (1), p. 23-34, 2010.

PAPALIA, Diana E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. -12 ed.- Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEREIRA, Heloisa.; STENGEL, Márcia. Projetos de vida na Pós-Modernidade: possibilidades e limites aos jovens. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, 2015,v. 21, n. 3, p.582

PESSENDA Bruno; MASATTI Thaís de Souza; CARDOSO, Hugo Ferrari. Intervenção em Orientação Profissional em estudantes de escola pública brasileira: Uma revisão Narrativa. **Estudos Interdisciplinar em Psicologia**, Londrina, v. 3, n. 9, p. 123-138, 2018.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética: sabedoria e ilusões da Filosofia; problemas de Psicologia genética**. Trad. Nathanael C. Caixeiro; Zilda A. Daeir e Célia E. A. Di Piero. 2. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).

PIMENTEL,Alessandra Caldeira. Revisitando donald super e os principais conceitos da teoria do desenvolvimento vocacional. **Educan**, Aracaju, v. 11, n. 1, p. 1-12, set. 2017.

REIS, Deliane Martins; PRATA, Luana Cristina Gonçalves; PARRA, Cláudia Regina. O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil. **Psicologia.pt**, v. 1, nº 1, p. 1-20, out. 2018. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1253.pdf>. Acesso em 23 de agosto de 2023.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. **Compêndio de Orientação Profissional e de carreira: perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos**. São Paulo: Vetor, 2011.

RIBEIRO, Nogueira Joyce; SANTOS, Lucivani.; SANTOS, Douglas Bianchi. A Orientação Profissional e sua contribuição na adolescência. **Psicologia**, 2019.

ROSA, Cíntia. Luzana.; LUZ, C Orientação Profissional para adolescentes: uma experiência do IFC Campus Santa Rosa do Sul, In. NEGREIROS. **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. Teresina: Edufip, 2017. v. 3.

ROSSETO, Maria Luiza Raccolto; SOUZA, Mayara Lopes de; SOARES, Nandra Martins; SOARES, Lizandra Martins. Escolha profissional e adolescência: velhas questões, novas reflexões. **Research, Society And Development**, v. 11, n. 3, p. 1-16, 8 mar. 2022. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26907>

SANTOS, Andréia Colhado Gallo Grego; CARDIN, Valéria Silva Galdino. Os desvios da personalidade decorrentes da prática do assédio moral no âmbito familiar e afetivo. **Revista de Direito de Família e Sucessão**, Belo Horizonte, v. 2, nº 1, p. 100-116, dez. 2015. Disponível em: <https://indexlaw.org/index.php/direitofamilia/article/view/372>. Acesso em 20 de agosto de 2023.

SAVICKAS, M. The theory and practice of career construction. **Career development and counselling**: Putting theory and research to work (2a. edição, pp. 147-183). Hoboken: Wiley, 2013.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 101-108, mar. 2012. FAPUNIFESP (SciELO).

SILVA, José Edson.; FUZARO, Carolina Moraes.; PACHECO, M. M. D. R. A escolha profissional para adolescentes: panorama de estudos e pesquisas. **Revista Magistro**, 1(13).2016, 170-185.

SOUSA, Leonardo Carvalho de; OLIVEIRA Pedro Henrique Nascimento de; ALBARELLO, Beatriz Amália. Os Desafios da Escolha Profissional para alunos do Ensino Médio da Rede Pública de Ceilândia. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos** - Ano III (2020), volume III, n.7 (p. 818-833), (jul./dez.)

SUPER, Donald. **The psychology of careers: An introduction to vocational development**. New York: Harper & Row Publishers, 1957.

SUPER, Donald , BOHN Junior, Martins. **Psicologia ocupacional** Tradução de Esdras do Nascimento e Jair Ferreira dos Santos. São Paulo: Atlas, 1980.

SUPER, Donald (1980) A life-span, life-space approach to career development. **Journal of Vocation Behavior**, 16,282-289,doi:10.1016/0001-87919(80)90056-1.

TERRUGGI, Tatiana Perito. Laurito., CARDOSO, Hugo Ferrari.; CAMARGO, Mário Lázaro (2019). Escolha profissional na adolescência: a família como variável influenciadora. **Pensando famílias**, 23(2), 162-176.

TUZZO, Simone Antoniaci. **Os sentidos do Impresso**. 1. ed. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

VALORE, Luciana.Albanese.; CAVALLET, Luiza.Helena.Railtz. Escolha e Orientação Profissional de Estudantes de curso pré-vestibular popular. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 354-363, ago. 2012.

VELHO, Maria Tereza Aquino de Campos.; QUINTANA, Alberto Manuel.; ROSSI, Alvaro. Garcia. Adolescência, autonomia e pesquisa em Seres Humanos. **Rev. Bioét.** , Brasília, v. 22, n. 1, p. 76-84, abril de 2014.

APÊNDICE – Questionário Sócio-demográfico

Questionário aos Estudantes

1- Você já parou para pensar no que vai fazer após o término do Ensino Médio?
 Sim () Não ()

2- Se respondeu sim na questão 1, diga-nos, o que pensa em fazer?

3- Cursar uma faculdade é algo que já passou pelos seus planos?
 Sim () Não () Talvez ()

4- Se respondeu sim na questão 3, diga-nos, já escolheu o curso?
 sim () Não () Talvez ()

5- O que pode ter contribuído para essa escolha?
 influência dos pais influência dos amigos influência dos professores influência de familiares
 outras Influências (nesse caso cite quem foi)

6- Seus familiares já conversaram sobre projetos futuros, em relação a faculdade ou emprego? Se a resposta for sim, diga como este diálogo serviu de motivação ou não em suas escolhas/decisões.

7- Qual o nível de escolaridade dos seus pais?

Pai	() analfabeto	()Ensino fundamental Incompleto	()Ensino fundamental Completo	()Ensino Médio Incompleto	()Ensino Médio Completo	()Ensino Superior
Mãe	() analfabeto	()Ensino fundamental Incompleto	()Ensino fundamental Completo	()Ensino Médio Incompleto	()Ensino Médio Completo	()Ensino Superior

8- Qual a profissão dos seus pais?

9- Para você seus pais influenciam em suas escolhas profissionais? Justifique sua resposta.

Nome: _____ Idade: _____

Série: _____ Sexo: () masculino () feminino

Em qual Classe social você acredita que se enquadra:

CLASSE D/E		CLASSE C		CLASSE B		CLASSE A	
------------	--	----------	--	----------	--	----------	--

Quantas pessoas moram na mesma casa que você? _____

Quantas dessas pessoas contribuem para a renda familiar? _____

Quem é o responsável financeiro pela família? _____

Qual a renda da família? (somando a renda de todos que contribuem com as despesas da casa)

- | | | |
|-----|--------------------------------|------------------------------|
| () | Até 02 salários mínimos | R\$ 2.640,00 |
| () | Entre 03 e 05 salários mínimos | R\$ 3.960,00 a R\$ 6.600,00 |
| () | De 06 à 18 salários mínimos | R\$ 7.920,00 a R\$ 23.760,00 |
| () | Mais de 19 salários mínimos | R\$ 24.000,00 |

ANEXO – Escala de Exploração e Investimento Vocacional- EEIV-BR



ESCALA DE EXPLORAÇÃO E INVESTIMENTO VOCACIONAL – EEIV-BR

As afirmações que se seguem, referem-se a algumas questões que podem surgir quando se tem que escolher um curso ou uma profissão. Usando a escala proposta assinale com uma cruz ou um círculo o número que indica o seu grau de acordo ou desacordo em relação à frase, tendo em conta que ela reflete a forma como atualmente você se sente em relação à sua escolha profissional.

	Discordo totalmente	Discordo raramente	Discordo às vezes	Concordo raramente	Concordo às vezes	Concordo totalmente					
						1	2	3	4	5	6
1.	Não sei se quero continuar estudando, mas não estou preocupado com isso.					1	2	3	4	5	6
2.	Pelo que conheço dos meus interesses acho sou capaz de exercer apenas uma profissão.					1	2	3	4	5	6
3.	É difícil decidir sobre um projeto profissional porque parece que existem muitas alternativas.					1	2	3	4	5	6
4.	Não conheço os cursos superiores existentes, mas isso não me incomoda.					1	2	3	4	5	6
5.	Pelo que conheço da minha capacidade e do meu talento, creio que existe apenas uma profissão certa para mim.					1	2	3	4	5	6
6.	Tenho pensado sobre a melhor forma de ultrapassar os obstáculos que possam existir na área profissional.					1	2	3	4	5	6
7.	Não me sinto preocupado em fazer escolhas para o futuro, o que interessa é “cuidar” o presente.					1	2	3	4	5	6
8.	Gostaria de escolher o curso e a profissão que o meu/minha professor (a) favorito (a) me indicasse.					1	2	3	4	5	6
9.	Não me sinto preparado para me comprometer com uma formação ou profissão específica porque ainda não tenho informações suficientes sobre outras profissões.					1	2	3	4	5	6
10.	Sinto-me confiante quanto à minha capacidade para realizar os meus projetos profissionais.					1	2	3	4	5	6
11.	Não vale a pena perder o meu tempo com os estudos e pensar em uma profissão no futuro porque tudo se resolverá com o tempo.					1	2	3	4	5	6
12.	Não preciso me incomodar em procurar informações sobre o meu futuro profissional porque o psicólogo me diz qual é a minha vocação.					1	2	3	4	5	6
13.	Sinto que muitas vezes mudo as minhas escolhas de formação escolar porque não tenho ainda a certeza em relação ao meu projeto profissional.					1	2	3	4	5	6
14.	Penso que sei o suficiente sobre as profissões, para fazer com alguma segurança, uma escolha profissional.					1	2	3	4	5	6
15.	Acho que existe um único projeto profissional adequado para mim.					1	2	3	4	5	6
16.	Não me conheço suficientemente (por exemplo: os meus gostos, interesses, capacidades, valores...) para fazer neste momento uma escolha de formação e profissional.					1	2	3	4	5	6
17.	Depois de ter refletido e estabelecido contatos sinto que estou preparado para escolher.					1	2	3	4	5	6
18.	Quero fazer o mesmo curso que o meu/minha professor (a) favorito fez.					1	2	3	4	5	6
19.	É difícil me comprometer com um projeto profissional porque me sinto inseguro quanto ao futuro.					1	2	3	4	5	6
20.	Depois de ter falado com vários profissionais e de ter explorado informações, penso que sei o rumo a dar à minha vida profissional.					1	2	3	4	5	6
21.	Não me sinto preparado para me comprometer com um projeto profissional porque ainda conheço pouco sobre as alternativas que neste momento estou considerando.					1	2	3	4	5	6
22.	Tenho confiança na minha capacidade e interesse para realizar aquilo que mais gosto profissionalmente.					1	2	3	4	5	6
23.	Acho que o único curso e profissão que quero são aqueles que os meus pais sempre valorizaram.					1	2	3	4	5	6
24.	Não tenho certeza sobre o tipo de trabalho que gostaria de fazer.					1	2	3	4	5	6
25.	Pelo que conheço dos meus valores (por exemplo: a importância do dinheiro, a segurança do emprego...) creio que existe apenas uma única profissão para mim.					1	2	3	4	5	6
26.	Quero fazer o mesmo curso que o meu melhor amigo.					1	2	3	4	5	6
27.	Tenho dificuldades em fazer escolhas quando disponho de várias opções.					1	2	3	4	5	6
28.	Pelo que conheço sobre o mundo do trabalho (do que se faz em cada profissão), penso que em cada momento deverei levar em consideração apenas um único projeto profissional.					1	2	3	4	5	6

*Por favor, antes de entregar verifique se você respondeu a todas as questões.
Obrigada por sua colaboração !*